

PQ 9697

.S615 F66

1878



INDIANA  
UNIVERSITY  
LIBRARY







*As d'arte de...*

# FOLHAGENS

---

## VERSOS

DE

*J. L. Pais*  
J. L. Caetano da Silva.

---

Rio de Janeiro

---

Typ. de J. P. Hildebrandt, rua da Alfandega n. 87.

---

1878

BR

PQ9697

.S615 F66

1878

**INDIANA UNIVERSITY LIBRARY**

## ESMOLA.

---

*Este livro se offerta a quem — piedoso —  
 Uma esmola fizer em beneficio  
 Das victimas sedentas, esfaimadas,  
 Do desditoso Ceará! — Bastante  
 Tem concorrido a caridade publica  
 A minorar os males e a miseria  
 Dos seus irmãos do Norte! — Mas a secca  
 — Flagello inda peor que a guerra e a peste —  
 Continúa a medrar, como um phantasma  
 Derramando o terror, o luto, o pranto  
 No seio das familias!*

*Dae a esmola!*

*E' mais um sacrificio... Deus permitta  
 Que o extremo seja, e nunca mais vejamos  
 Pedir-nos a irmã cara — extremosa —  
 Amparo aos filhos seos, que bra definhão  
 Lutando contra a morte — á SÊDE, á FOME!*

---





*Ao muito caritativo cidadão*

**Tobias Lauriano Figueira de Mello,**

Um dos iniciadores da generosa e humanitaria idéa de ser promovida a subscrição em beneficio das victimas da secca do Ceará, e o primeiro que concorreu com a quantia de 2:000\$000 no começo d'esse flagello

**O. O. O.**

*Como tributo de sympathia e consideração*

*J. L. Gaetano da Silva.*



*Ao prestimoso e distincto cidadão*

**Dr. Honorio Augusto Ribeiro.**



*Em testemunho de verdadeira estima, muita gratidão  
e profundo respeito*

*J. L. Caetano da Silva.*



*Nam neque chorda sonum reddit  
quem vult mans et mens*

HORACIO ( Art. Poetica )



Nem sempre a corda da lyra  
Exprime com precisão  
A vontade de quem canta,  
Os sons que quer dar a mão.



Poète.... il ne voit plus, il  
contemple; il n'expose pas, il  
peint; il ne dit pas, il chante.  
( LACRETELLE AÎNÉ. )





# PRIMEIRA PARTE







## A' PATRIA.

Contente morreria, si n'um hymno  
Podesse á Patria derramar-lhe flores.

BITTENCOURT SAMPAIO.

Sertões ! florestas virgens !  
Altivas cordilheiras ! — verdes prados !  
Gigantes rios ! — oceano immenso !  
Que surgis dessa plaga americana,  
Onde o Brazil, novo Eden, se reclina,  
Qual melindrosa virgem, que adormece  
Em macios coxins de gaze e purpura,  
Eu vos saúdo extatico ! — Contemplo  
— Silencioso e mudo— a magnitude,  
Que o Eterno concedeu-vos, ó risonhos  
Céos, onde as graças e o esplendor refulgem !

O' Brazil, minha patria ! — ó nova Italia,  
Quaes são os bardos que te embalam o berço ? —  
Héllade ! que outra irmã —mais deslumbrante —  
No mundo encontrarás, que rivalise  
Contigo em perfeição ? — Gonçalves Dias  
E' como Anacreonte— o riso, a infancia  
Da poesia lyrica ! . . .

Vagueião

Nos bosques, nos vergeis, nas ermas grutas,

No leito azul da linda Guanabara  
 E nas limpidas aguas do Amazonas,  
 Os genios da Poesia, as irmãs gêmeas  
 Das Pierides que folgão no Parnaso,  
 Ou na Castalia fonte.— Bafejai-me,  
 Musas brazileas, bemfadados genios  
 Que suspiraes entre as florestas virgens !

Se me extasia a mente quando scismo....  
 Mil idéas suggerem-se, mil carmes,  
 Dos encantos harmonicos, que geram-se  
 Nesse leito de candidas delicias,  
 Aureo, fertil torrão, — onde mil fadas  
 Aninhão-se gentis, formando pleiades,  
 Que as não descreve a phantasia do homem !

E que sol ! — como em franjas purpurinae,  
 Succede aos flócos matinaes da aurora !  
 E que lua ! — que magicos mysterios  
 Occulta, perlustrando, melancolica,  
 O céo bordado de gentis estrellas !  
 Que ineffabil prazer sente-se n'alma,  
 Quando eleva-se aos páramos celestes,  
 E ahi se curva á magestade eterna !

Ah ! si eu não tenho accordes maviosos,  
 Si a lyra desafina, e mal exprime  
 Os pensamentos meus, sinto comtudo  
 A minh'alma arroubada em doces extasis !  
 Queima-me o coração o fogo intenso  
 Que aos poetas anima ! — Bafejai-me,  
 Musas brazileas, bemfadados genios,  
 Que suspiraes entre as florestas virgens !  
 1870.



A' quem eu disse: — „ ampara-me ! “ —olhos lacrimosos  
Erguendo para Deus (olhos talvez sem luz ! ) ,  
Porque, vendo-me assim, com gestos piedosos,  
Quizeste carregar tambem a minha cruz !

A' ti, que o céo me deu por noiva, por esposa,  
— Companheira fiel — dos risos e dos prantos —  
Por quem, hoje, minh'alma infinda calma goza,  
Dedico os versos meus . . . . humildes, pobres cantos !

1870.



---

## A' MEUS PAIS.

---

Mon cœur ici les nomme et parle à chacun d'eux!

A. BRISÉUX.

A' vós, gratos penhores de minh'alma,  
Que um dia ao mundo me exposestes, rindo,  
Como as flôres gentis da primavera  
As petalas abrindo....

A vós, genios do bem, que me amparastes  
Com meigo riso e paternaes carinhos ;  
E que, da senda qu'eu trilhava, incerto,  
Colhestes-me os espinhos!

A' vós, que me apontastes pela infancia  
O caminho do céo, tão lindo e puro ;  
Que pedieis á Deos por meu destino  
Nos dias do futuro!

A' vós, emfim! de quem nos meus delirios  
Eu desmanchei tão castos pensamentos,

Deixando-me illudir por vãs chimeras,  
E sonhos nevoentos....

Consagro estas flôrinhas sem perfume,  
Rebentadas na dôr do coração,  
Como a prece do humilde penitente,  
Que busca o seu perdão.

1865.



## A' MEUS IRMÃOS.

---

Eram flores colhidas no jardim da  
phantasia, destinadas a ornar a fron-  
te do anjo entrevisto nos sonhos do  
imaginar.

B. SAMPAIO.

E' um livro de versos . . . qu'importa ?  
E' uma timida offerta de irmão :  
São mirradas saudades, sem cheiro,  
Desbotadas em meu coração.

Aceitai-as ; guardai-as comvosco,  
— Talisman de apurada affeição —  
Como prova do amor, que vos sagra  
Um amigo estremoso, — um irmão !

1865.

---

## 2 A' MARIANNA.

—ens—

Nem me perguntes por que a ti tão jovem  
Os meus carmes entrego; mas consente  
Que entre em meu diadema um lyrio puro.  
L. BYRON—Trad. do Dr. Pinheiro Guimarães.

Os meus cantos são teus! — eras menina  
E eu já soffria de um martyrio etroz!  
Cega paixão — que desvairou-me o espirito,  
Ah! quanto pranto me custou apoz!

Eras menina! — e no meu peito ardente  
Chamma lavrava de infeliz amor....  
Já soluçava meus doridos cantos  
Cheios de magoa, de tristeza e dôr!

Ah! quanta febre a arrebentar-me as veias!  
Quanto tormento! — que infernal soffrer!  
Tu nem o sonhas, minha casta virgem,  
O que é a vida — n'um fatal descrer!

E nunca o saibas! — a ventura é sempre  
Filha das crenças, que nos vêm de Deos!  
Feliz é quem — da tempestade em meio —  
Vê a esperança a lhe sorrir nos céos!



Mas essa quadra de amargura e pranto,  
De luctulenta insomnia e maldição,  
Tudo se dissipou — como a tormenta  
Nas azas negras do voraz tufão!

Sorri de novo ; — arremessei no olvido  
Tanto penar que me gelára assim,  
Quando — menina — me fitaste os olhos,  
E o teu sorriso desprendeste em mim.

E' que a ventura — em horisontes novos —  
Linda surgira e me envolvera em luz,  
A' mim — descrido de passadas eras —  
Que um dia as áscuas do soffrer me expuz !

.....

Hoje — que és moça ; que em teus olhos leio  
Doces enlevos, novo amor talvez,  
Dou-te estes cantos. . . . meu passado inteiro !  
E o meu futuro te deponho aos pés !

1870.



## VEM!



Ergue o meu nome ás gerações futuras  
Em triste monumento.  
TEIXEIRA DE MELLO.

Celeste apparição! — tu que — um momento —  
Tanto fogo de vida me ateiaſte ;  
Que, entre graças de amor, com teus sorrisos  
Meu ser purificaste !

Por quem n'alma gerei visões sublimes,  
Loucos sonhos, douradas phantasias,  
Trocando pelo balsamo divino  
O fel das agonias !

Vem, nest'hora de amor e devaneios,  
O meu canto animar — mesquinho e rude ;  
Empresta-me a harmonia de teus labios  
Para o meu alaúde !

Ensina-me a cantar os dons celestes,  
Que a mão do Eterno te espalhou na fronte,  
Para que o mundo — cobiçoso e aváro —  
Com o dedo me aponte !

Vem dar-me um dos instantes de ventura,  
Que, tão longe de ti, saudoso anceio!  
Ouvir as vibrações da minha lyra,  
E as queixas de meu seio!

Foi por ti qu'eu amei a gloria um dia!  
Essa gloria de amor, que promettias  
A' teu joven cantor — á desventura —  
Quando meiga sorrias!

Vem, anjo tutelar de meus ardentes  
Sonhos de amor e cheios de esperança,  
Emquanto o céu risonho nos concede  
Instantes de bonança!

Não vês? — o céu é lindo! — a natureza  
Espalha em tórno divinal poesia!  
O mar tranquillo docemente geme  
Com suave harmonia!

Amo-te! — como o sol, verdes campinas;  
Como o orvalho do céu as lindas flores;  
Como a lua o silencio, e o colibrio  
As pennas multicores!

Ah! não deixes que o amor, que por ti nutro,  
Cresça e morra no escuro esquecimento!  
Dá-me esse encanto que te enfeita — ó virgem—  
Um unico momento!

---

## CANTEMOS!



Nosso céu tem mais estrellas,  
Nossas varzêas têm mais flores,  
Nossos bosques têm mais vida,  
Nossa vida mais amores.

GONÇALVES DIAS.

Cantemos, ó minha lyra,  
As prendas de nossa terra,  
Que—como virgem de amores—  
Nos seios belleza encerra!  
Cantemos os seus primores,  
As lindas tardes do sul,  
As campinas verdejantes,  
Os céos bordados de azul!

Deos fadou a nossa terra  
De celestes esplendores!  
Vivemos — como quem vive  
Em doces scimas de amores!  
Sonhamos, sonhamos sempre  
N'uma completa ventura,  
Olhados por nosso Deos,  
Ungidos da fé mais pura!

Cantemos! — a vida é bella!  
Nossas soberbas palmeiras,  
Onde os sabiás gorgeião  
Ao rumor das cachoeiras!  
Cantemos os longos mares,  
Os rios e as serranias,  
Onde os encantos repousão,  
Qual em berços de harmonias!

Tem a lua em seus pallôres  
Doce magia do céu!  
Tem o sol a luz dourada,  
Que espanca o nocturno véo!  
Tem o semblante da virgem  
Casto amor, santa expressão!  
Muito encanto, muito enlévo  
Ha nas tardes de verão!

Cantemos, lyra, cantemos  
Os gemidos da araponga,  
Que, quando a tarde se alonga,  
Começa triste a chorar!  
Cantemos da rôla afficta  
Os sons perdidos no matto,  
Onde sussurra o regato,  
Onde tudo é suspirar!

Cantemos o indio valente,  
Co'o arco e flechas na mão,  
Saudando o sol no Oriente,  
Soberbo, altivo, loução!

E como — em rara destreza —  
Cheio de orgulho e certeza,  
Dos ares desvia a *presa*,  
Que tomba quente no chão!

Cantemos nossas florestas,  
Nossos bosques, nossas flôres,  
Nossa infancia abençoada,  
Nossos primeiros amores!  
Cantemos! que tudo é bello!  
Tudo é lindo como a luz,  
Nesta terra em que nascemos,  
Donde se ergue a — SANTA CRUZ!

## AO SOL !



Pára y oyeme, oh sol! yo te saludo:  
Y extático ante ti me atrevo a hablarte !

D. JOSÉ DE ESPRONCEDA.

O' sol ! — tu que gyras por cima dos ares,  
    Que nasces e morres  
    No fundo dos mares,  
Lançando na terra tão vivo clarão,  
Que queres ? que buscas ? que sina é a tua ?  
    Que segues o mesmo  
    Caminho da lua,  
Gyrando sósinho na immensa anplidão ?

Apenas teu facho resurge no Oriente,  
A inteira natura mudada se sente :  
    As aves cantando,  
    Os homens de pé !  
O esbelto caboc'lo — cercado de settas,  
Vingando os espinhos de escuzas florestas,  
    Altivo saúda-te  
    Aos sons do boré !

Que vario te mostras ! ás vezes dourado,  
 A's vezes vermelho,  
 E as outras cercado  
 Das côres de fogo, que a lua não tem !  
 E dizem os velhos que, quando encarnado  
 Occultas o rosto  
 De sangue pintado,  
 E' fome ou é séde, ou é peste que vem !

Quem sabe os mysterios que guardas contigo,  
 Planeta de fogo — jurado inimigo  
 Das sombras da noite,  
 Que fogem de ti ?  
 Eu era pequeno e ouvia á meus paes :  
 „ O sol, ó meu filho,  
 Que queima os mortaes,  
 E' o esposo da lua, que gyra sem fim !

„ Que o sol, cobiçoso dos mimos da terra,  
 Deixou sua esposa, que pallida — erra,  
 Scismando sósinha  
 Por cima do mar :  
 Que Deos, castigando seus loucos amores,  
 Mandou que o queimassem terriveis ardores ;  
 Que a lua sombria  
 Ficasse a chorar. “

Eu sei que és formoso, porque nas campinas  
 Esparzes as côres, celestes, divinas,  
 Que lanças das faces  
 No teu caminhar.



Tu douras os visos das serras, dos montes,  
Prateias os rios, os lagos, as fontes,  
Entornas mil côres  
No espelho do mar !

Dás vidas ás florinhas, aos homens, ás féras,  
Envolves de encantos gentis primaveras,  
Colóras os fructos  
No quente verão !  
Porém porque sina tu és vagabundo,  
Correndo os desertos por cima do mundo,  
Lançando na terra  
Tão vivo clarão ?...



## A INFANCIA.



São puros, são castos os doces encantos,  
Que a infancia risonha  
Desprende de si !  
No santo perfume, que então respiramos,  
Completa ventura  
Do céo — nos sorri !

A vida é um gozo! — fiel paraíso,  
Que em tudo revela  
Celeste primor !  
O sol sempre é lindo ! — a rutila aurora  
Inflamma o horizonte  
D'um vivo fulgor !

São gratas as tardes : as noites propicias  
Encerram nos seios  
Estrellas gentis !  
A pallida lua campeia nos ares,  
Bordando as campinas  
De vario matiz !

Em ternos enlevos noss'alma arroubada  
Aspira as delicias,  
Que descem dos céos!  
As timidas crenças fies desabrocham . . .  
E castos infantes  
Sonhamos com Deos!

E' tudo harmonia ! — continua ventura  
Reveste os momentos  
Da infancia gentil !  
As horas que passam, são risos, são flôres,  
Que enfeitam — mimosas —  
O berço infantil !



## LEMBRANÇAS.

Meu anjo, lembro-me ainda  
D'aquella noite—tão linda —  
Que passei junto de ti !  
Era essa a noite primeira,  
Em que tu vinhas, fagueira,  
Respirar perto de mim !

Que grata noite foi essa !  
Como a briza na floresta  
Docemente susurrava !  
Como a lua — feiticeira —  
Por entre as nuvens — faceira —  
No horizonte despontava !

Tudo era silencio e medo . . . .  
Tudo era como um segredo,  
Que dorme em seio de virgem !  
E tu vieste — innocente —  
E, ao ver-te, minh'alma ardente  
Sentiu gostosa vertigem !

Que d'encantos ! que ventura !  
Quanta delicia e ternura

Me embalava o coração !  
Quanto fogo dentro d'alma !  
Que socego ! quanta calma  
Nos ermos da solidão !

Era uma noite de Maio,  
Quando a lua em brando rãio  
Vinha as campinas dourar ;  
Quando risonha a natura,  
Desses campos de verdura,  
Buscava as flôres rosar !

Ah ! tu sorrias commigo !  
Me davas um doce abrigo  
Dentro do teu coração !  
Eu estava delirante . . . .  
Ardia de amor constante,  
Ardia como um vulcão !

Depois fallei-te de amores . . . .  
E tu mudaste de côres  
Com meigo pudor nas faces . . . .  
Ali ningem nos ouvia !  
Apenas — doida — sorria  
A briza em vôos fugaces.

Ah ! como é grata a lembrança !  
Depois de muda tardança  
Fitaste os olhos em mim !  
Pedi-te amores . . . . baixaste  
Os meigos olhos . . . . deixaste  
Teus labios dizerem — sim !

---

## CANÇÃO DA CRIADA.

---

Las horas que huyeron, llamara angustiado :  
Las horas que huyeron y no tornaram....

D. J. ESPRONCEDA.

Em berço de prata, de arminho e velludo,  
Gentil creancinha,  
Outr'ora — dormi !  
Os pagens, criados, fazião mil preces ;  
Incensos queimavão-se  
Em tôrno de mim !

De nobre ascendencia — risonha — ditosa—  
De fama, de glorias,  
No mundo — surgi !  
Coberta de fiôres, de lindas capellas,  
Em salas festivas  
Contente sorri !

Brilhante tuturo — de riso e opulencia,  
De doces encantos,  
Na infancia previ !

Que céo de ventura ! que sonhos dourados !  
Que paz dentro d'alma !  
Que gôzo sem fim !

Mas ah ! quem diria ? — lutuosa desgraça  
Apaga esse brilho,  
De mim se sorri !  
E os pobres andrajos da negra miseria,  
Cobertos de opprobrio,  
Lançou sobre mi' !

Que breve mudança ! — da sina maldita  
C'os feros caprichos  
Luctando me vi !  
Perdida a fortuna, furtou-se-me o pejo . . . .  
De humilde criada  
Destino segui !

.....  
E agora á cozinha de nobres senhores,  
Quaes eu n'outro tempo,  
Que trajam setim,  
O branco que passa, me vê com desprezo . . .  
O negro sorri-se  
Zombando de mim !

## HORAS DE AMOR.

---

Sweetest hours . . . .

BYRON.

Nas horas tardias da placida noite  
Das flores transsuda gratissimo odor !  
As auras trescalão  
Celestes perfumes :  
São horas propicias, são horas de amor !

Que céu variado ! cercada de estrellas  
A lua vai alta  
Com pallido alvor !  
Que doce silencio ! que santa harmonia !  
São horas propicias,  
São horas de amor !

Quem é que não ama ? — não véla, e não sente  
No seio, em taes horas,  
Gostoso tremor ?  
Oh ! quanta existencia ! que vida ! que gozo !  
São horas propicias,  
São horas de amor !



Apenas descanta sentidos preludios

Na lyra sonora

Gentil trovador . . .

O mais . . . tudo é calma, silencio, mysterios . . .

São horas propicias,

São horas de amor !

Embála-se á rede gèntio indolente

Da lide diurna

Vencendo o labor;

Não dorme . . . mas scisma na linda indiana . . .

São horas propicias,

São horas de amor !

E as virgens respirão no lar da innocencia,

Cobertas de encantos, de meigo pallor !

E as horas tardias

Da placida noite,

São horas propicias, são horas de amor !

x  
**O CINTO DE CARMIM.**

---

Ao vel-a a correr por entre  
arbustos e flores, quem ousa-  
ria affirmar.... que não era  
uma flor animada?....

POEMAS INDIANOS.

Na delgada compostura  
Da cintura, estava, sim,  
Enfeitando o seu corpinho  
Cintosinho de carmim.

Em dia da quadra estiva,  
Avistei meiga donzella,  
Toda de branco vestida,  
Risonha, candida e bella !  
Que trajo tão innocente !  
Que modestia e singeleza !  
Tudo nella revelava  
Ingenua e virgem pureza !

Na delgada compostura  
Da cintura estava, sim,  
Enfeitando o seu corpinho  
Cintosinho de carmim.

Eu então disse commigo :  
 “ Quanta graça e seducção !  
 E’ florzinha que desbrocha  
 De um puro e casto embrião !  
 E’ uma linda estrellinha  
 N’um céo de anil a brilhar,  
 Reflectindo a luz divina  
 Sobre a esteirinha do mar ! ”

Na delgada compostura  
 Da cintura estava, sim,  
 Enfeitando o seu corpinho  
 Cintosinho de carmim.

As brizas vinhão fagueiras  
 Em torno della brincar ;  
 Os zephiros os seus cabellos  
 Procuravão destrançar !  
 As flores os seus perfumes  
 Não querião para si ;  
 Ião dal-os a Marilia  
 No momento em que eu a vi.

Na delgada compostura  
 Da cintura estava, sim,  
 Enfeitando o seu corpinho  
 Cintosinho de carmim.

Travessos, lindos amores,  
 Brincavão em roda della !  
 As graças a bemfadavão,  
 Encantos jogavão nella !

Uma voz então fallou-me :  
„ Empunha o teu alaúde :  
Canta a pureza da virgem,  
Canta a innocencia e a virtude ! “

Na delgada compostura  
Da cintura estava, sim,  
Enfeitando o seu corpinho  
Cintosinho de carmim.



3  
MARILIA. †

---

Surge et impera....

....

Marilia formosa,  
Tão casta, tão pura,  
De labios de rosa,  
De meiga candura,  
D'olhar seductor ;  
Não sentes a chamma,  
Que as almas inflamma ?  
Não sentes amor ?

Marilia engraçada,  
Tão meiga e singela,  
De face rosada,  
Tão linda, tão bella,  
No casto rubor !  
Não sentes nos seios  
Celestes anceios ?  
Não sentes amor ?

Ah ! si, pois, conheces  
— Marilia formosa,  
Alegre, bondosa,  
As causas da dor ;  
De mim te commove,  
Recebe meu canto,  
Enxuga meu pranto,  
Me dá teu — amor !



## A SYLPHIDE.

---

Imágenes d'oro bulidoras....  
ESPRONCEDA.

Ella era uma deusa, tão cheia de encantos,  
Que fôra impossivel deixal-a de amar !  
Quem não quereria pousar em seu collo ?  
A vida, os sentidos, e a alma lhe dar ?

Que sylphide linda ! que fada celeste !  
Que nuvem dourada de mystica luz !  
Minh'alma sentio-se — de todo — enlevada  
Apenas meus olhos nos olhos seus — puz !

Maldito da sina que ao mundo lançou-me,  
Descrido que eu era das aras de amor,  
Senti-me de novo de crenças unguido,  
E o peito animado de um santo calor !

Que fé ! quanta esp'rança pousou-me na fronte !  
Que scismas tão gratas ! — que doce existir !  
Eu via propicia, completa ventura,  
Meus dias tristonhos de riso vestir !

Sorri-me ao destino, que então me amparava !  
Mas, ah ! tudo em breve senti se mudar....  
N'um rapido vôo fugio de meus olhos  
A fada de encantos — a deusa do ar !

---

4<sup>o</sup> +

**SONHANDO ASSIM!**

---

+ + +

Vejo-a ainda ; resurge a meus olhos  
Como em tempos ditosos surgia ;  
E qual anjo de casta poesia  
Desce ás vezes n'um sonho d'amor !

S. DE PASSOS.

Era alta noite : em meu leito  
Buscava ao calor do peito  
— Dormindo — dar expansão....  
Pouco a pouco adormecendo,  
Minha alma se foi perdendo  
Nas azas de uma illusão !

Sonhava ! sonhei contigo !  
Que a sós estavas commigo,  
Que vivias para mim !  
Estavas risonha e bella,  
Com teu sorrir de donzella,  
E teus labios de carmim !

Tinhas encantos no riso....  
Um e outro de improviso  
A mim lançavas á furto....  
Como era grato esse instante !  
Esse riso enebriante  
Era tão doce e tão curto !



No collo — quanta harmonia!  
 No teu andar — que magia!  
 Nos gestos — que sedução!  
 Oh! linda fada de amores,  
 Tudo em ti era primores,  
 Tudo em mim — inspiração!

Que perfeição! que belleza!  
 Que doce e virgem pureza!  
 Quanta candura do céu!  
 Ah! nesse sagrado enleio,  
 Eu sentia em casto anceio  
 Suspirar o peito meu!

A doce voz argentina  
 Era uma nota divina,  
 Que se escutava vibrar!  
 Teus olhos — gentil donzella —  
 Dourada, lucida estrella,  
 N'um céu de azul a brilhar!

Contei-te os longos martyrios,  
 As illusões, os delirios  
 D'um amor sincero e puro!  
 Terna me ouviste, e disseste,  
 Em voz sonora — celeste —  
 „ Tambem eu te amo : — t'o juro ! “

.....  
 Sonhava! sonhei contigo!  
 Que, á sós, estavas commigo!  
 Que vivias para mim!  
 Sonhava! — que sonho lindo!  
 Ah! meu Deus, porque—dormindo—  
 Não morri, sonhando assim?

## N'UMA NOITE DE MAIO.

---

Transiit velut umbra...

Ps.

Era uma linda noite! no azul celeste — núa—  
A lua a despontar,  
Era qual meiga e bella  
Donzella a desmaiar!

O sol não dardejava dos raios multicores  
Ardores de queimar ;  
A terra em harmonia  
Podia descansar.

Em scismas amorosas minh' alma se perdia...  
Queria um respirar ;  
Sentia — em doce aneio —  
Meu seio suspirar!

Que magicos momentos! — a terra era deserta,  
Coberta de pallor...  
Em tudo então se via  
Magia, encanto, amor!

Oh, sim! era ness'hora—qu'um anjo de candura,  
— Feitura de Tupan, —  
Me dava — em doces laços —  
Abraços... tão louçã!

Que doce era esse instante! commigo então dizia :  
" Que dia! que união!"  
E unia satisfeito  
Meu peito á sua mão!

E si nas róseas faces eu lhe imprimia um beijo,  
Que pejo! quanto amor!  
Seus olhos abaixava...  
Corava de pudor!

.....

Oh! quando nessa noite — saudoso — penso ainda,  
Tão linda! em que eu a vi,  
De amor a intensa chamma  
Se inflamma dentro em mim!

---

## AS VIRGENS.

...ou la viègre, avec les yeux baissés  
E'veille innocemment les amoureuses pensées,  
Où l'enfant avec qui l'on jouait tout à l'heure  
Vous met le trouble au cœur si sa main vous effleure.

F. DE LAPRADE.

As virgens são flores de casto perfume,  
São lindas estrellas, que brilhão nos céos!  
São candidos anjos  
Baixados á terra  
Do empireo celeste,  
Do throno de Deus!

Que santa harmonia, que magico encanto  
Nas fallas, nos gestos, no tímido andar!  
Que doce pureza transluz de seus olhos,  
Que tudo seduzem  
No intenso brilhar!

Quem n'alma não sente celestes enlevos,  
Ao ver meigas virgens  
Sorrindo de amor!  
O que ha de mais casto, de santo e divino  
Do que esse innocente  
Modesto candor!

Se dormem... que somno! No leito das virgens  
As graças e os anjos do céu vem pousar!  
    Que sonhos dourados!  
    Que mar de delicias!  
Dos candidos seios que doce aspirar!

.....

As virgens são flores de casto perfume,  
    São lindas estrellas,  
    Que brilham nos céos!  
Não são creaturas, — são fadas ethereas,  
    São anjos bemitos,  
    São genios de Deus!

---

## BALLADA.

†Lindo archanjo de Deus, se eu quizesse  
 De joelho — humilhado á teus pés —  
 Confessar esse ardor que me escalda,  
 Ouvirias meu canto? — *Talvez!*

E se apoz de te haver confessado  
 Muito amor que por ti, só, gerei,  
 Sentirias por mim o que eu sinto,  
 Quando vejo o teu rosto? — *Não sei.*

Pois não sabes, louquinha, se um dia  
 Me darias affecto, uma vez  
 Que tivesses completa certeza  
 Que eu por ti morreria? *Talvez!*

Ah! porque me não dizes agora  
 Que uma prova d'amor já te dei,  
 Que te queimas do ardôr, que me queima:  
 Que commigo te abrazas? — *Não sei!*

Tu não sabes? porem quando fallo  
Porque mostras rubór... timidez?  
Tens acaso receio...tens medo  
Que te digão „ tu amas? — *Talvez!*

Pois não amão as flores a auróra?  
Não é, pois, o — amor — santa lei?  
E se em mim vês um'alma tão pura,  
Pois não deves amar-me? — *Não sei!*

Ah! de certo não amas ao louco,  
Que, chorando, definha a teus pés,  
A' quem sempre respondes — sorrindo —  
Um — *não sei*, ou zombado — *talvez!*

## EXILIO.

Eu vivo longe do ninho,  
Sem carinho,  
Sem carinho e sem amor.

C. DE ABREU.

Tão longe da patria, dos lares paternos,  
Dos caros amigos, dos risos fraternos,  
Eu sinto meu peito  
Gemer, suspirar,  
Qual rôla carpindo no meio da matta,  
Que em langues queixumes su'alma dilata  
Enchendo a espessura  
De magoa e penar !

Ai ! triste, não gózo dos lindos primores  
Aqui — no silencio de agrestes verdores,  
Que o musgo, que a relva  
Marchetam de dôr !  
Eu sinto a saudade crescida em meu seio,  
E canto sozinho — com tímido aneio —  
Meus cantos saudosos,  
Dourados de amor !



E' triste a saudade — qual casta donzella,  
Vestida de branco, com rôxa capella,  
    Que exprime os doeres  
    De seu coração . . . .  
Sentida, scismando na margem d'um rio,  
Volvido p'ra terra seu rosto sombrio,  
    A' Deos entoando  
    Sagrada oração.

Si lanço meus olhos nos ares, que a lua  
Cercada de estrellas — ao longe— fluctua,  
    Eu triste, sozinho,  
    Me ponho a scismar . . . .  
As brisas que passam me cobrem de beijos :  
Minha harpa saudosa se veste de harpejos,  
    Meu peito em soluços  
    Começa a arquejar !

Meu Deos ! chegue a hora—ditosa, propicia,  
Que leve-me aos lares de amor e delicia,  
    Que outros céos cobrem,  
    Que banha outro mar !  
Fazei que do exilio, quebrando os espinhos,  
Eu goze os desvellos, os ternos carinhos  
    Da mãe que me espera  
    Sentada á chorar !

---

## NO POMAR.

✓

Em placida alvorada  
Sahi — a passear,  
E fui gozar encantos  
Nas sombras do pomar:  
Oh! como estava linda  
A laranjeira em flôr,  
As brizas perfumando  
De puro e grato odôr!

O céu em gala esplendida  
A mente extasiava!  
Vesper fulgia tremula;  
A aurora despontava.  
Saúdosa no occidente  
A lua se sumia;  
A natureza inteira  
De gôzo estremecia!

Envolta em brancas vestes  
Formosa virgem, pura,  
Ali fôra igualmente  
Gozar branda frescura.

Estava airosa e bella,  
Risonha, prasenteira,  
Sentada sob a cópa  
D'um pé de lorangeira.

Ao ver-me approximar  
Ergueu-se... quiz fugir ...  
Mas eu busquei serêno  
Seus passos impedir.  
„Ha de ficar aqui“  
Lhe disse com ternura.  
Parou ... enrubeceu-se ;  
Olhou-me com douçura.

P'ra que?... ouvi dos labios  
Risonhos, côr de rosa...  
„Fique... não tenha pressa,  
Não seja curiosa...  
Escute com bondade  
O que lhe vou fallar :  
Eu amo-lhe ...“ baixinho  
Lhe disse a soluçar.

A virgem — pudibunda —  
Calou-se... não fallou :  
Ao chão os lindos ólhos  
— Tão meigos— abaixou...  
E nesse instante magico  
Em que corou de peijo!  
Nas roseas faces, puras,  
Estremeci-lhe um beijo!

Meu coração — ancioso —  
De gôzo estremeceu...  
N'um extase celeste  
Minh'alma se perdeu...  
E quando — após instantes —  
De mim accôrdo dei,  
A virgem de attractivos  
Ali não mais achei!



## NOVO ALENTO.



Tu és o anjo sonhado que minh'alma  
Aos céos pedia:—a flôr que em meus caminhos  
Encontrei a sorrir pura e fragante  
Do mundo entre os espinhos.

DR. B. GUIMARÃES.

Tu vens radiante de graça e belleza,  
Vens cheia de amor!  
Tens inda esse encanto e a virgem pureza  
Do casto pudor!

A' luz de teus olhos mil almas de amantes  
Se querem queimar;  
E trocãõ por sec'los — fugaces instantes  
De enleio e de amar.

Por onde caminhas — gentil — pressurosa  
No tímido andar,  
O chão se converte n'um leito de rosas  
Sem mais acabar.

Mil fadas de amores rodeião-te os ares,  
Mil genios de Deos!  
Tu és como Venus, surgindo dos mares,  
Voando p'r'os céos!

Minh'alma sedenta de um gôso infinito  
Sequiosa de amar,  
Caminha á teus passos — ó anjo bemdicto —  
Sem nunca parar!

E folgas e brincas — gentil mariposa —  
Sorrindo de amor!  
E aonde o teu corpo minutos repousa,  
Rebenta uma flôr!

Que sina bemdicta! que doce innocencia!  
Que lindo sorrir!  
Aguarda-te a casta, mimosa existencia  
Risonho porvir!

Tu — fada de encantos, dissipas as dôres  
De um longo penar . . .  
Meu peito, já morto, por novos ardores  
Sentio-se queimar.

Depois que teu rosto — de graças infindas —  
Me fez seducção,  
As noites sombrias já tróco por lindas  
Manhãs de verão!

## NO BAILE.

Eu a vi! era n'um baile!  
Transformada a noite em dia,  
Como n'um Eden celeste  
Voava o tempo — fugia!

A. E. ZALUAR.

Era no baile : valsavas!  
Galante forma tomavas,  
Qual um anjinho brincando!  
—Linda rosa matutina  
Junto a fonte crystalina  
Docemente se embalando!

Marilia!— eu vi-te folgando!  
Vi-te alegre, palpitando,  
Nos prazeres do salão!  
Tinhas magia no riso;  
Em cada meigo sorriso  
Davas doce inspiração!

Não brilhe no céu a estrella,  
Não brilhe, que nunca é bella  
Qual te mostravas então!  
Não gema a flauta queixosa  
Pelas campinas — saudoza —  
Não gema na solidão!...

Tua voz, santa harmonia,  
Divino som parecia,  
Era que a flauta mais doce!  
Sereia — que encanta os mares—  
Se cantasse nos teus lares  
Ah! talvez vencida fosse!

Tudo era encanto, era graça!  
Astro dourado que passa  
Pelo azulado sem fim!  
Anjo descido das nuvens,  
Tu és um ideal de *Rubens*,  
E's um lindo cherubim!

Quem não gemêra de amôres  
Vendo esses tantos primores,  
Que a natureza te deu?  
Que não quereria ao menos  
Possuir os doces threnos  
Do terno amante Dirceu?

Ah! sinto não seres minha!  
Si o foras, eu muito tinha  
Que te contar — minha flôr!  
Ouvirias muitas queixas,  
Muitas sentidas endeixas,  
Ouvirias muito amôr!

Marilia! eu vi-te folgando!  
Vi-te alegre, palpitando  
Nos prazeres do salão!  
Tinhas magia no riso!  
Em cada meigo sorriso  
Davas doce inspiração!

---



AO VEL-A. †

---

Ao vel-a, gelou-se-me o sangue nas veias !  
Prenderam-me os passos . . . immovel fiquei !  
Não era mais eu . . . não era — quem via-a . . .  
Sem luz, sem sentidos, sem alma me achei !

Tal era a pureza das faces mimosas !  
Tal era dos olhos o doce fulgor !  
Tal era o sorriso dos labios de rosa !  
Tal era a candura da virgem d'amor !

Eu quiz perguntar-lhe, baixinho, em segredo,  
„ Tu, fada encantada, desceste dos céos ? “  
Mas tremulo, á susto, senti-me perdido . . . .  
Nem animo tive de olhal-a, meu Deos !

Tão candida e bella, de tantos encantos,  
Excede as estrellas no intenso brilhar . . . .  
Não é creatura nascida na terra,  
E' Venus surgindo da espuma do mar !

Um ai — de surpresa — do labio escapou-lhe  
Ao ver-me, medroso, tão perto de si !  
Que som mavioso ! que harpejo divino !  
Meu Deos, nesse instante, porque não morri ?

Depois... como aquelle, que sahe de um delirio,  
Movi os meus olhos, cravados no chão :  
Embalde busquei-a no espaço infinito...  
Já tinha de todo fugido a — visão !



## NO ERMO.

---

..... Oh! vem, querida!  
Quero envolver-te aos meus beijos castos.  
Quero de affectos povoar-te a vida!

CARLOS FERREIRA.

Vem, ó minha querida! vem, formosa!  
Tu és a linda rosa  
Nascida em meu jardim!  
Deus fadou-te de candidos encantos,  
Ungio-te de oleos santos,  
Formou-te um cherubim!

Rosas e lyrios seu perfume exalam...  
As brizas de amor fallam  
Em doce melodia!  
Vem tambem perfumar estes lugares,  
Encher os tristes ares  
Com a tua harmonia!

Por ti sinto em minh'alma um doce enleio;  
Um ardôr em meu seio  
Que não posso exprimir!

Cresce na ausencia tua . . . e mal te vejo  
Vence-me o casto pejo  
E só buscõ fugir !

Aqui, na paz deste ermo, onde a natura  
Reveste de verdura  
As campinas sem fim,  
Talvez meu coração, livre, fallasse . . .  
As dôres revelasse  
Que se geram em si !

Os anjos do Senhor ermos povôam . . .  
Aqui preces entoam  
A' grandeza de Deus!  
Vem ouvir esses canticos divinos,  
Unir aos sacros hymnos  
Os pensamentos teus !

Vem, ó minha querida ! vem, formosa !  
Tu és a linda rosa  
Nascida em meu jardim !  
Deus fadou-te de candidos encantos,  
Ungio-te de oleos santos,  
Formou-te um cherubim !



## PRAGAS.

---

Tu zombaste de mim ? — tu zombaste  
Dos carinhos que eu louco fazia,  
Quando em ti tanto amor soletrava ?  
Quando em ti tantas graças eu via ? . . .

Queira o céo me vingar da inconstancia,  
Com que amor — tão sincero — apagaste !  
Já que foste perjura a teus votos,  
E dos ternos carinhos zombaste ;

As agulhas magôem-te os dedos,  
Dê nó cego, e arrebente-se a linha,  
Com que coses a tua costura,  
Reclinada á janella — á tardinha.

Nos domingos e dias de festa  
Não encontres o pente cheiroso ;  
O vidrinho de banha se quebre,  
Não retrate-te o espelho lustroso.

Não encontres a linda pulseira  
Com que enfeitas o braço mimoso,  
Nem o anel de cabellos d'aquelle  
Que sorri de venturas — ditoso ! . . .

Quando fores ao baile — onde tudo  
E' folia, prazer, maravilha,  
Não encontres um par para á *polka*,  
Nem siquer . . . dances uma *quadrilha*.

E si acaso qualquer fôr tirar-te  
Fiques tonta, e te leve a reboque :  
E entre a gente — no meio da sala —  
Eu tomára que caia-te o *coque* !

E não olhem-te os moços na rua ;  
Não contemplem teus lindos primores :  
Não te peçam uma graça, um sorriso ;  
Nem te escrevam cartinhas d'amores.

Eis as pragas que rogo-te, ingrata,  
Uma vez na semana — ao domingo :  
E se Deos escutar os meus votos  
Deste modo, de certo, me vingó !

## A FLOR EXTREMOSA.



Da janella do terraço  
Olhando para o jardim,  
*Ella* quiz uma por uma  
As flores mostrar a mim.  
— Olha aquella — ella me disse —  
Tão triste, mas tão louçã !  
E' uma linda parasita,  
Que nasceu pela manhã.

— Como é lindo aquelle azul !  
Como é mimosa essa flôr !  
Mas dura sómente um dia  
O seu encanto e frescor !  
A que hontem vi nascer  
Tristesinha — já murchou . . .  
E' a flôrsinha — tão secca —  
Que junto della ficou !

— Vês a outra que tão meiga  
Desbrochando agora vem ?  
E' tão bonita, é tão bella,  
Mas não sei que nome tem.

Veja bem... naquelle arbusto...  
Junto ao pésinho de rosa...  
— Ah! já vi!... conheço-a muito:  
Chama-se a — flôr *extremosa*.

— *Extremosa!* — quem daria  
Um nome tão dôce assim?  
Nunca vi flôr tão mimosa  
No meu risonho jardim!  
Em belleza, em perfeição,  
Essa flôr excede a rosa:  
Só este nome lhe assenta,  
Só este nome: — *extremosa!*

— Extremos! — no coração  
Eu sinto extremos também:  
Sou como a flôr *extremosa*...  
Isso não sabe ninguém!  
O coração da donzella  
Tem os encantos da flôr,  
Quando soffre... quando vive  
Em doces scismas de amor!

— Foi por certo algum poeta,  
Pensando na terna amada,  
Quem deu o nome da flôr,  
Que tanto me encanta e agrada.  
O senhor não é poeta?  
Nunca versos fez á rosa?  
Pois também faça uns versinhos  
A' minha — flôr *extremosa*.

— De todas as outras flôres,  
Lhe disse — a mais melindrosa



E' a tua flôr dilecta —  
 Tua gentil — *extremosa* !  
 Porque traduz os encantos  
 E affectos do coração  
 Da virgem, que sente n'alma  
 Os extremos da paixão.

Si eu fosse poeta — oh, certo !  
 Cantaria a meiga flôr,  
 Tão pura, tão innocente  
 Como o virgineo pudôr . . .  
 Mas como esse dom me falta,  
 Só direi — á flôr mimosa :  
 —Que a virgem, que dá-lhe extremos,  
 E' mais do que ella — *extremosa* !

Tem mais meiguice e candura,  
 Tem mais graça, mais frescor ;  
 Tem mais encanto, mais vida,  
 Mais virtude e mais amor !  
 Emquanto á linda *extremosa*  
 A brisa busca affagar,  
 Os anjos descem do céu  
 E vem á virgem beijar !

.....  
 Da janella do terraço  
 Olhando para o jardim,  
*Ella* quiz uma por uma  
 As fiôres mostrar a mim.  
 Que momentos de poesia !  
 Que poesia sem fim !  
 Quem me déra que eu pudesse  
 Passar sempre a vida assim !

## QUE SONHO! J

~~—~~

Dormia e sonhava! — que sonho divino!  
Meu Deus, desse somno porque despertei?  
Quizera, dormindo, ficar para sempre,  
Sonhando co'a virgem que em sonhos amei!

Que lindo semblante!  
Que olhar seductor!  
Nas faces virgineas  
Que meigo rubor!

Eu via-a entre nuvens, n'um céo de esplendores  
Sorrindo, brincando, com os anjos de Deus!  
“ Que fada mimosa! dizia eu commigo,  
Bastava-me um riso sómente dos seus. “

Que collo elegante!  
Que terno fallar!  
Que santa harmonia!  
Que magico andar!

Que luz de ventura beijava-lhe a fronte!  
Que meiga innocencia lançava de si!  
Não pude encaral-a, siquer um instante,  
Apenas seus olhos fixaram-se em mim!

Que santa pureza !  
Que dons de encantar !  
Que somno tão doce !  
Que grato sonhar !

Vou ver se ainda durmo . . . se torno a sonhar  
Co'a virgem—tão linda—que em sonhos amei !  
Que sonho dourado, tão cheio de encantos !  
Meu Deus, desse somno por que despertei ?

Que fronte espaçosa !  
Que olhar seductor !  
Que fada ! que archanjo !  
Que deusa de amor !



## CAPTIVO DE AMOR.

Eu não sei por que motivo  
Tão captivo me tornei,  
Mal teu rosto lindo e bello  
Tão singelo contemplei.

No teu rosto, ó bella virgem,  
Vi tão celestes encantos,  
E senti prazeres tantos,  
Que t'os não posso explicar ! . . .  
Tu sorrias — tão faceira —  
Com tanta ingenua expressão,  
Que senti meu coração  
Por ti, louco, suspirar . . .

Quiz ness'hora—delirioso—  
Confessar-te o qu'eu sentia . . .  
Ah ! minh'alma não podia  
Offender o teu pudor !  
Esse encanto tão virgineo,  
Que em tuas faces eu leio,  
Me diz que teu casto seio  
Inda 'está virgem de amor !

Eu não sei por que motivo  
Tão captivo me tornei,  
Mal teu rosto lindo e bello  
Tão singelo contemplei.

D'aventuras amorosas  
Eu — descrido que era então—  
Jurei-te pura afeição,  
Quiz viver de novo, e amar !  
Pois lia no teu semblante,  
Onde reina a formosura,  
A mais completa ventura,  
Que se podia encontrar !

Amor! amor! — chamma ardente,  
Que nossos peitos devora,  
Já sinto teu facho agora  
Meus pensamentos mudar !  
Quando pensei que o *tyranno*  
Inda em mim tivesse imperio ?  
Amor, amor — é mysterio,  
Que não se póde explicar.

Eu não sei por que motivo  
Tão captivo me tornei,  
Mal teu rosto lindo e bello  
Tão singelo contemplei.

---

## A' TIA DELLA.

---

O' tia de minha amada,  
Busco a vossa protecção !  
Sois por *ella* interessada,  
E tendes bom coração.  
Eu amo á vossa sobrinha,  
Nada ha de mais natural :  
Eu sou moço, ella é mocinha,  
Onde nisso existe o mal ?

Mas ah ! que duro embaraço  
Evita a nossa união !  
Tantos martyrios que passo  
Devo-os só ao vosso irmão !  
Que genio que tem ! chamal-o  
Bem poderia — tyranno :  
Mas sempre busco adoçal-o  
Para menor ser o damno !

Anda espreitando a menina,  
Não quer que chegue á janella . . .  
A's vezes, ah ! desatina  
Se o contraria a donzella !

Não lhe dá papel, nem pennas,  
 A tinta toda escondeu . . . .  
 Nem póde escrever-me ! apenas  
 Só quem lhe escreve sou eu !

Que desgraça ! uma mocinha  
 Por essas mágoas passar !  
 Já nem a leva á tardinha,  
 Como outr'ora, á passeiar !  
 Não sei que mania é essa !  
 Que mortal antipathia,  
 Votou-me aquelle malvado  
 Apenas me vio um dia !

Não dou razões para tanto !  
 Sou filho bem comportado !  
 Mas vosso irmão, entretanto,  
 Quanta aversão me ha votado ?  
 De ser rapaz sem juizo  
 Ninguem me póde accusar ;  
 Ha que tempo que não pizo  
 No decantado Alcazar !

Aimée, Carini, De-Bar  
 Roux, Marchand, Halbleib, Urbain  
 E tu risonho Audemar,  
 De quem saudades se tem,  
 Dizei todos si algum dia  
 ( Oh ! fallai, fallai sem pena )  
 Me vistes na gritaria  
 De : „ *bis, capo, venha á scena !* “

Bem vêdes senhora, quanto  
Louvor e encomios mereço !  
Bem sei que não sou um santo,  
Não, pecador me conheço !  
Mas que justo ha de atirar-me  
A pedra ? — ninguém por certo !  
Vosso irmão hade estimar-me  
Se me conhecer de perto !

Ah ! senhora, podeis tudo !  
Dominai o vosso irmão,  
Que anda triste, carrancudo,  
Sem motivos, sem razão !  
Empenhai-vos : aos amantes  
Muito vale o auxilio vosso,  
P'ra que se faça, quanto antes,  
O feliz consorcio nosso !





## SUPPLICAS.

Á UM GUARDA URBANO

---

Eu, que, forte e destemido,  
Sempre em combate renhido  
Me vi luctando co'o amor,  
Esmereço. . . já não tenho  
Aquelle atilado engenho,  
Nem coragem, nem valor !

Não é porque tenha mêdo  
Das armadilhas e enredo,  
Que rivaes sabem tecer :  
Temo só que a meus pedidos  
Cerres, Urbano, os ouvidos,  
E não queiras me attender.

Já que rondas o districto,  
Por onde eu caminho, afflicto,  
Dia e noite sem cessar,  
Ah ! te condóe de um amante !  
Por favor deixa um instante  
Qu'eu tambem possa rondar !

Não sou pessoa suspeita  
De quem a *policia* espreita  
Intentos que leva em si !  
Sim, ninguem mais que um amante  
Deve ser fiel rondante . . .  
Nem melhor rondar aqui !

Lançarei em tudo a vista . . .  
Seguirei o rasto, a pista  
De quem por aqui passar.  
Já sei que, d'aqui a pouco,  
Um rapaz idiota, ou louco,  
Hade o becco atravessar !

Parará do lado opposto  
Annunciando no rosto  
Intentos de máo christão :  
Pretende ess'alma damnada  
Da casa de minh' amada  
Saltar o ferreo portão !

Bem vês que trago commigo  
Denuncia de um crime atroz  
Que se intenta praticar !  
Entretanto que ambos nós  
Podemos tudo evitar !

Um attentado á virtude  
Foi coisa que nunca pude  
A sangue frio aturar :  
Ah ! te condóe d'um amante !  
Por favor deixa um instante  
Que eu tambem possa rondar !

Me postarei junto á grade —  
Tão encostado, que á custo  
Me poderão avistar !  
E tu, rondante, sem susto,  
Té poderás . . . resomnar !

Correrá por minha conta  
A deligencia da noite !  
Trago em minha defensão  
Na mão direita um açoute,  
Um apito em outra mão !

Quando qualquer se approxime,  
Que não seja a minh'amada,  
Ao indicado lugar,  
Eu gritarei : „ camarada  
Auxilio me vem prestar !“

Tu, prestes, correndo logo  
Ao meu reclamo, darás  
Ao *cuyo* voz de prizão :  
A' presença o levarás  
Do Inspector de Quarteirão ?

Pois quem se anima, alta noite,  
Cheio de dólo e malicia,  
Alheia casa assaltar,  
Bem que deve na Policia  
Da noite o resto passar !

Guarda! attende a meu pedido :  
Eu quero tambem contigo  
Este districto rondar.  
Não vês? — abriu-se o postigo. . .  
Eu lá já devia estar !

Ah! porque cruel te mostras?  
Porque não cedes um'hora  
Aos meus rógos, alma féra?  
Eu para fallar-lhe agora  
Alma, vida, e o sangue déra !

Já te esqueces que de empenho  
Eu servi, quando querias  
Ser *rondante* do districto? —  
De empregar-te *empafia* tenho,  
Pois escrever não sabias,  
Nem ler o teu nome escripto !

De um simples *testa de ferro*,  
D'um capanga de eleições  
Eu fiz-te guarda rondante !  
Que peço eu? — quasi nada. . .  
Fallar quero á minh'amada  
Um só momento. . . um instante !

Paga, pois, esses favores,  
Os amargos dissabores  
Que te não deixei provar !  
Ah! te condóe de um amante !  
Por favor deixa um instante  
Qu'eu tambem possa rondar !

Quando cahires em falta  
Aos deveres, que constante  
Impõe-te o chanfalho, a farda,  
Correndo irei em voz alta,  
Pedir a teu commandante :  
Perdão ! Perdão ! para o guarda !

Eu tenho soffrido tanto  
Nos amores que alimento,  
Que não tenho mais um pranto  
Que verta neste momento !  
A minha consolação  
E' *fallar-lhe*... estar com *ella*,  
Que me espera no portão  
Medrosa, tímida e bella !

Neste afflictivo momento,  
Todo o bem que me fizeres  
Não hade cair no chão !  
Em breve serás sargento,  
Passarás depois a alferes,  
E mais tarde — a capitão !

Si, pois, te aponto um futuro,  
Porque te mostras tão duro,  
Me fazes tanto penar ? —  
Ah ! te condóe d'um amante !  
Por favor deixa um instante  
Qu'eu tambem possa rondar !



## UM GEMIDO.

---

Ah! Llorar? — Llorar... no puedo  
Ni ceder á mi tristura.  
Ni consuelo em mi margura  
Podré jamas encontrar!

ESPRONCEDA.

De meu peito entristecido  
Um gemido  
Rebentou!  
Paz não tenho um só momento...  
Meu tormento  
Quem causou?

Pergunto ao meu peito afflicto  
Porque chora sem cessar...  
Não responde; — entêrnecido  
Se contenta em soluçar!  
A aurora já não te encanta?  
Nem as noites de luar?  
A vaga que se levanta  
No azul espelho do mar?

Que silencio ! que mudez !  
 Porque não fallas meu peito ?  
 Tantas magoas, quem te fez ?  
 Quem te faz tão contrafeito ?  
 Não tem o sol mais primores ?  
 As montanhas mais poesia ?  
 Os bosques não mais verdores ?  
 As aves mais harmonia ?

De meu peito entristecido  
 Um gemido  
 Rebentou !  
 Paz não tenho um só momento . . .  
 Meu tormento  
 Quem causou ?

Não é mais a vida um lago  
 De seductoras miragens ?  
 Já não tem a lua affago ?  
 Os céos risonhas imagens ?  
 Porque gemes ? que mudança  
 Te originou tanta dôr ?  
 Perdeste acaso a esperança ?  
 Não tens mais crença em amor ?

Ah ! bem sei qual o motivo  
 Porque tu gemes assim !  
 Um fogo sentes — tão vivo —  
 Que te queima, e queima á mim !  
 O gemido desprendido  
 De teu intimo sentir  
 Já foi por mim transmittido . . . .  
 Queira Deos possa *ella* ouvir !

De meu peito entristecido  
 Um gemido  
 Rebentou !  
 Paz não tenho um só momento . . .  
 Meu tormento  
 Quem causou ?

Somos dous a padecer ;  
 Soffremos o mesmo effeito !  
 De amores hei de morrer . . .  
 Tu morres de amor, meu peito !  
 Tu nem palpitas ! — sentido  
 Da lyra as cordas não firo !  
 Tu desprendeste um gemido !  
 Eu arranquei um suspiro !

O gemido suspirado  
 Por onde andará n'est'hora ?  
 Talvez não fosse escutado  
 Por *essa* ingrata traidôra !  
 Amaste-a ? — tambem amei-a !  
 Deixou-te ? — tambem deixou-me !  
 Choraste-a ? — tambem chorei-a !  
 Matou-te ? — tambem matou-me !

De meu peito entristecido  
 Um gemido  
 Rebentou !  
 Paz não tenho um só momento . . .  
 Meu tormento  
 Quem causou ?

---



## MENINA E MOÇA

---

Quer-se ver a menina encontra-se a mulher.

MACHADO DE ASSIZ.

Tu não eras assim n'outro tempo  
Em que vi-te pequena menina :  
Eras viva, travessa, e traquina,  
Eras como um anginho do céu !  
Tu brincavas commigo e choravas,  
Com meiguice, com doce ternura,  
Quando eu lia a cruel desventura  
Do inditoso cantor — de Dirceo !

Tu gostavas de ouvir as melifluas  
Poesias do autor dos Tymbiras,  
Sepultado — tão cedo — nas iras  
Do profundo oceano sem fim !  
E dizias „ porque é que os poetas  
Perdem cedo da vida os fulgores ?  
Porque soffrem tão duros rigores ?  
Porque são desgraçados assim ? “

Eu te olhava e dizia sorrindo :  
„ Os poetas são flôres de um dia !  
São as notas de doce harmonia,  
Que se perdem nos seios de Deus !  
Os poetas não são deste mundo,  
Onde tanta miseria se encerra . . .  
São uns genios que descem á terra,  
Mas que sobem depressa pr'os céos ! “

Que sensível tu eras ! ao pobre  
Estendias a mão bemfazeja  
Quando o vias na porta da igreja  
Esmolando um pedaço de pão !  
Esse estado faminto, cruento,  
Do mendigo, que pede a quem passa,  
Te fazia pensar na desgraça  
Do que geme na dura afflicção !

Enfeitavas teu lindo cabello  
Com flôrinhas que a aurora colhias ;  
E um vestido branquinho vestias  
Decotado, elegante e gentil.  
Que innocencia tu'alma nutria !  
Que pureza do céo revelavas !  
Quanto encanto, que graça ostentavas  
Nessa quadra risonha — infantil !

Ah ! dez annos contavas ainda !  
Creancinha brincavas commigo !  
E esse tempo passado contigo  
Parecia jámais acabar . . .

Eu dizia „ Deus queira que sempre  
Em teu seio se aninhe a bondade,  
Que é de certo a melhor qualidade,  
Que na moça se pôde encontrar ! “

Mas os annos passaram : — mais tarde  
N’um saráo encontrei-te sorrindo :  
Mal me viste, seguiste — fugindo . . .  
Nem quizeste commigo fallar ?  
Eu dizia : „ — mas como é possível  
Que essa moça, tão docil creança,  
Hoje faça tão grande mudança,  
Do que foi n’outro tempo a brincar ! “

Para mim nem um riso nos labios,  
Nem um gesto de antiga affeição,  
Nem um echo de seu coração,  
Nem um simples agrado sequer !  
Para os outros carinhos, sorrisos,  
Rendimentos, affectos, amores . . .  
Ah já sei ! exclamei entre dores,  
„ A menina tornou-se mulher ! “

Já não era um vestido de cassa  
Que enfeitava o teu corpo mimoso,  
Era um rico vestido — sedoso —  
Chamalote — enfeitado de azul !  
Já não era uma branca saudade  
Que trazias no seio offegante ;  
Mas um claro — nitente brilhante  
Que ostentavas — vaidosa e taul !

Quanto orgulho, soberba e vaidade  
Resumias naquelle momento !  
Ah não tinhas um só pensamento  
Do innocente e risonho passado !  
Tudo é vão, tudo acaba no mundo !  
Nem eu sei como vem-me á lembrança  
Essa quadra infantil — de creança —  
Que passavas sorrindo ao meu lado !

Já não eras a mesma menina  
Que commigo brincava e sorria ;  
Que a mim sempre — constante queria  
Ter bem junto do seu coração . . .  
Como tudo mudou-se — nem resta  
Um pensar, uma idéa d'outrora !  
Já de mim nem te lembras uma hora !  
Já dos pobres não tens compaixão !

.....

Tu não eras assim n'outro tempo  
Em que vi-te pequena menina ;  
Eras docil, travessa traquina,  
Innocencia — de branco vestida !  
Hoje és moça ; de mim não te importas  
Nem te lembras se existo no mundo,  
Onde tenho em — tormento profundo,  
Consumido os meus dias de vida !

---

## O VESTIDO D'ELLA. †

—

Quantas vezes, rendido e fulminado,  
Um pobre coração  
Não vai por essas ruas arrastado  
Na cauda de um *balão* ?

DR. BERNARDO GUIMARÃES.

O — objecto mais ditoso,  
O teu mais feliz objecto,  
Aquelle que é mais querido,  
Estimado e predilecto,  
E' de certo o teu vestido !

Provoca sonhos doirados,  
Causa enleios de ternura,  
Tão docemente cahido  
De tua debil cintura,  
Teu elegante vestido !

No collo . . . como se ageita  
Com tanta graça e belleza,  
Tão bem feito e guarnecido !  
Creio até que a natureza  
Linhavara o teu vestido !

Sei com quanto meigo affecto  
O tratas durante o dia !  
Teu cuidado é desmedido.  
Se eu poudesse . . . oh, sim, seria  
Uma hora só teu vestido !

A' noite, á noite em teu leito  
O despes com todo o zêlo ;  
E depois de sacudido,  
Com esmerado desvello,  
Dependuras teu vestido.

E', já sei, defronte ao leito  
O lugar, em que, contente  
Gostas de o ver suspendido,  
Pr'a que possas facilmente  
Contemplar o teu vestido !

De manhã . . . quando, indolente,  
Abres pouco á pouco os olhos,  
Depois de um sonhar florido,  
Logo vês os alvos fólhos  
De teu cheiroso vestido !

Quanta ventura não goza  
Contemplando os teus encantos  
Sem que seja percebido !  
Que instantes, que instantes santos,  
Ah ! não goza o teu vestido !

---

## A ENGEITADA.

---

O rio nasce da serra !  
Do musgo é pae o granito !  
As plantas nascem da terra !  
As estrellas do infinito !  
Só tu não tens mãe nem pae !

THOMAZ RIBEIRO.

Entre um grupo de meninas  
Uma vi, — (tão delicada ! )  
Que não tinha mãe nem pae . . .  
Era uma pobre engeitada !

De todas as creancinhas  
Era, sim, a mais bonita ;  
Mas não tinha no vestido  
Um só lacinho de fita !

Nos finos, louros cabellos  
Nem sequer tinha uma flôr !  
Bem se via que á innocente  
Faltava o materno amor ! †

Nem aurea cruz ao pescoço ;  
Nem um anel no dedinho ;  
Nem uns brincos que enfeitassem  
O seu semblante de anginho !

Contentes todas brincavam  
N'aquella doce união :  
As outras tinham brinquedos,  
E a pobre, coitada, não !

†  
As outras tinham vestidos  
De seda — cheios de fita ;  
Mas a menina engeitada  
Tinha um vestido de chita !

As outras tinham botinas  
Com laços, lindas fivellas ;  
Mas a menina engeitada  
Nem tinha um par de chinellas !

†  
Nunca um beijo recebeu  
Entre carinho e meiguice,  
De pae — que lhe dêsse affectos —  
De mãe — que meiga — sorrisse !

E' flôr que a brisa não beija,  
Que o roscio não vem banhar ;  
E' avesinha — sem ninho,  
E' conchinha á beira-mar !

Eu sei que quando ella dorme  
No puro e innocente leito,  
Sente frio... pois não acha  
Calor de materno peito !



A  
 Eu sei que quando ella geme  
 Seu gemido não se sente...  
 Ninguem véla sobre o leito  
 D'aquella linda innocente !

Não tem mãe — não tem carinhos !  
 Não tem pae — não tem disvellos !  
 Nem tem avó — rabujenta —  
 Que lhe penteie os cabellos !

Não tem tecto natalicio,  
 Não sabe aonde nasceu ;  
 Sabe, apenas, que entre espinhos,  
 N'este mundo appareceu !

A  
 Coitadinha ! — dentre as outras  
 As vezes suspira um — ai !  
 Como quem diz — para o mundo —  
 „ Eu não tenho mãe, nem pae ! “

Como quem diz : „ soccorrei-me !  
 Caridade ! — me amparai !  
 Eu vivo — desamparada —  
 Eu não tenho mãe, nem pae ! “

.....  
 A  
 Nem aurea cruz ao pescoço !  
 Nem um anel no dedinho !  
 Nem uns brincos, que enfeitassem  
 O seu semblante de anginho !

---

## A' UM RIVAL.

---

Tu, a quem *Satan* protege,  
Que, ante mim, surges irado,  
Como um phantasma de horror,  
Não provoques minhas iras,  
Não accendas meu furôr !

Bem conheces o meo genio  
Porque saibas que não temo  
De entrar em luta contigo !  
Uma vez já nos achámos  
Braço a braço co' o perigo !

Viste-me acaso tremer ?  
Mudei a côr do semblante  
Pela a que o fraco annuncia ?  
Não mostrei-me corajoso  
Como quem nada temia ?

Pois bem ; ainda hoje na luta de amores  
Não temo rivaes !

Não fujo, não tremo, que a mim não assustam  
Teos ferros mortaes!

Bem pódes contigo trazer de guerreiros  
Gigante esquadrao!  
Eu von destroçal-o, sem armas, sem fogo,  
Bombarda ou canhão!

Talvez te surp'rendas do sangue tão frio,  
Que mostro e apresento  
N'um tal desafio,  
Suppondo que delle me quero esquivar!  
Ai, louco! mal sabes! as armas já tenho. . . .  
Aqui eis-me prompto:  
Na luta me empenho:  
Os teus aparelhos vae, pois, preparar!

Vae, corre apressado, convida os padrinhos,  
Amigos, parentes,  
Loquazes vizinhos,  
Que á hora marcada não heide faltar!  
Não percas momentos, um unico instante. . .  
Emquanto deliras  
Nos fogos de amante,  
Os teus aparelhos vae, pois, preparar!

Fugir de um duello, prevendo a victoria,  
Sabendo que toda  
Será minha — a gloria,  
Quem, tal se dizendo, valor hade dar?!

Quem póde vencer-me se Deus me encaminha ?  
Aqui eis-me prompto !  
Portanto, caminha :  
Os teus apparatus vae, pois, preparar !

Nessa luta, que emprehando,  
Tão contra á minha vontade,  
Estou de certo prevendo  
Do meu lado a f'licidade !  
Podes vir ! traze contigo  
Pistola, espada, punhaes . . .  
Eu para arrostar perigo  
Não levarei cousas taes !

Ah ! não fallas ?  
Não respondes ?  
Já te escondes ?  
Campeião !  
Estremeces ?  
Esmoreces ?  
Oh ! mereces  
Compaixão !

Já vacillas heróe destemido ?  
Já descoras de medo e terror ?  
Já previste por que sou tão forte ?  
Quem me dá tanta força e valor ?

A minha arma é invencivel !  
Não é de fogo ou de córte,

Que torna o combate indigno !  
E' arma que se não vende,  
E' instrumento divino !

Sabes qual seja — insensato —  
Esse instrumento que á luta  
Eu levarei desta vez ? —  
E' a minha linda amada,  
Por quem morres, quando a vês !

Oh ! certo ! victorioso  
Sahirei — com fronte altiva —  
Bemdizendo a minha sorte !  
E tu ? — por terra, vencido,  
A mim pedirás a morte !

.....

Repara bem no que fazes....  
Demais tenho-te avisado,  
O que um outro não faria.  
Aceitas?... saber só quero  
A hora, o lugar, o dia !



**JURA QUEBRADA.** J

---

Pelas mágoas que passei,  
Eu jurei não mais amar ;  
Mas a tua formosura  
Minha jura fez quebrar.

E's tão bella e seductora  
Que, ao ver-te, morri de amores,  
Esquecendo as muitas dores  
Que me fizeram penar . . .  
Bebi a luz em teus olhos ;  
A ventura, em teu sorriso!  
E'-me a terra um paraíso,  
Que jamais ha de acabar !

Pelas magoas que passei,  
Eu jurei não mais amar ;  
Mas a tua formosura  
Minha jura fez quebrar.

●  
Sorriu-se Venus, sorriu-se  
Ouvindo o meo juramento,

Como quem diz — n'um momento —  
 Hade essa jura quebrar !  
 Mal eu cuidava, ó donzella,  
 Tão cedo ver-me captivo ;  
 E que — no mundo em que vivo—  
 Podesse um anjo encontrar.

Pelas magoas que passei,  
 Eu jurei não mais amar ;  
 Mas a tua formosura  
 Minha jura fez quebrar.

Estavam as graças todas  
 Em torno de ti voando,  
 E os *amores* se emballando  
 No lindo regaço teu !  
 Tu sorrias de orgulhosa ;  
 E dizias — seductora —  
 „ Quem ha que resista agora  
 A' belleza e encanto meu ? “

Pelas mágoas que passei,  
 Eu jurei não mais amar ;  
 Mas a tua formosura  
 Minha jura fez quebrar.

Do céo vieste ! desceste  
 Cheia de encanto e ternura,  
 Annunciando a ventura  
 Em todo o seu esplendor !

Eu quiz fugir... ah, não pude  
Por teus olhares ferido...  
Eram setas de *Cupido*  
Que me feriram de amor !

Pelas magoas que passei  
Eu jurei não mais amar ;  
Mas a tua formosura  
Minha jura fez quebrar.

Vem, ó anjo bemfadado,  
D'um céu de amores descido,  
Illuminar d'um descrido  
As horas de maldição !  
Depois de ver-te, ó donzella,  
Cheia de encanto e innocencia,  
Outra vida, outra existencia  
Já sinto em meo coração.

Pelas magoas que passei,  
Eu jurei não mais amar ;  
Mas a tua formosura  
Minha jura fez quebrar.





## O AMOR PERFEITO.

---

Resposta ao Decitativo „Hontem no baile“ do Dr.  
José Tito Nabuco de Araujo.

---

Hontem, ó poeta, no esplendor do baile  
— *O Amor Perfeito* — te offertei sorrindo ;  
Quando o tomaste, parecias tremulo . . .  
Beijaste-o cheio d'um affecto infindo !

O que sentiste nesse instante magico,  
Em qu'eu— risonha — dediquei-te a flôr ?  
Porque tremeste e vacillaste incerto ?  
Sentiste n'alma as emoções do amor ?

Oh ! não lastimes a florzinha linda,  
Que assim — tão cêdo — seu frescor perderu !  
Tu respiraste-lhe a fragrante essencia ;  
Ella aqueceu-se n'um carinho teu !

Na fronte altiva, que bafeja o genio,  
Porque se espalha pallidez assim ?  
Si a flôr mimosa emmurcheceu sentida,  
Tambem murchára se estivesse em mim !

Eu li teu canto ! Que mysterio é esse,  
Que tanto occultas, que te rala o seio ?  
Porque prevês, no teu sublime affecto,  
Um —impossivel — á se erguer permeio ?

Porque pranteias, ó poeta ardente,  
A luz, a vida, que te alguem roubou ?  
Canta, mancebo ! tens a harpa eolia,  
Que o tédio ainda, nem sequer, manchou !

A luz, a vida sempre encontras, quando  
A lyra empunhas e a natureza cantas !  
Alma de fogo ! a inspiração recebes  
Do céo, da terra, de harmonias tantas !

Oh ! quem, ditosa, colherá teus carmes,  
E as melodias guardará no peito ?  
E' flôr d'enlevos — que não morre, nunca !  
Mais vale um canto, que — o *Amor Perfeito*.



## O MEU CÃO.

Il me garde la nuit, m'accompagne le jour...

.....  
Et quand son amitié n'a pu le secourir

Quelque fois sur sa tombe il s'obstine à mourir !

DÉLILLE (*Les trois règnes*)

O meu cão é meu vigia  
Noite e dia do meu lar ;  
Nesse amigo dedicado,  
Descançado posso estar !

Não sou como Child-Harold  
Deixando a fria Albião,  
Que duvidando de tudo  
Té duvidou do seu cão !  
Eu, não ; se o mundo me causa  
Enjôo, tédio e apathia,  
O meu cão, um só momento,  
Me não sae da phantasia !

Amigos, falsos amigos,  
Maus parentes, que fazeis ?  
Porque o exemplo dos cães,  
Ingratos, não tomareis ?

Se um amigo vos confia  
A casa, a honra, a fortuna  
Amanhã . . . talvez su'alma  
Socego e paz não reuna !

Meu fulvo cão me consagra  
Uma extremosa afeição,  
Qual muitas vezes não sagra  
Um irmão á outro irmão !  
A qualquer hora da noite  
Ouço o seu forte latido,  
Se alguém pára junto aos muros  
Da morada em que resido.

Sempre ao lado de seu dono  
O cão se abriga contente,  
Ou seja um rico, opulento,  
Ou seja pobre, indigente !  
Dos ricos gosa a fartura,  
Dos pobres sustenta a cruz !  
Exprime os gosos do rico !  
Do pobre as dores traduz !

O meu cão é meu vigia  
Noite e dia do meu lar ;  
Neste amigo dedicado  
Descançado posso estar !

Um dia, eu vi, de uma casa  
Sahia o caixão da mortê . . . .  
Era o cadaver de um velho  
Desprotegido da sorte :

Nenhum carro o acompanhava . . . .  
Ia só e abandonado . . . .  
Mas um cão triste, choroso,  
Acompanhava-o de lado !

Este cão foi muitas vezes  
Uivar sobre a sepultura  
D'aquelle que de continuo  
Affagava-o com ternura . . . .  
Até que um dia foi visto  
Pelo pallido coveiro  
Exalar junto da campa  
O gemido derradeiro !

Vós que choraes sobre a tumba  
De quem a morte ha roubado,  
Amanhã — talvez — sorrindo  
Vos esqueçais do finado !  
Vêde o exemplo sublime  
Do cão que morreu de dôr . . . .  
Aprendei a ser constantes :  
Aprendei a ter — amor !

O meu cão é meu vigia  
Noite e dia do meu lar ;  
Nesse amigo dedicado  
Descançado posso estar !

Si estiverdes n'um perigo  
Sem vir-vos alguém valer,  
Si um cão tiverdes, a esp'rança  
Oh ! nunca deveis perder.

N'ausencia de algum amigo  
Lançai os olhos no chão,  
Que á alguns passos de distancia  
Encontrareis vosso cão !

O cão, o constante amigo  
Não desampara seu dono !  
Ou sorria entre venturas,  
Ou viva em triste abandono . . . .  
Porque o espancaes sem pena ?  
Porque maltrataes o cão,  
Amigo que se contenta  
C'uma migalha de pão ? !

Póde em meio da desgraça,  
Quando em mil revezes vem,  
Deslembrar-se o pai do filho,  
Do pai o filho tambem ; —  
A esposa esquecer o esposo,  
Choroso esposo a mulher ;  
Mas um cão . . . oh, esse nunca  
Hade o seu dono esquecer !

O meu cão é meu vigia  
Noite e dia do meu lar ;  
Neste amigo dedicado  
Descançado posso estar !



## A' ESCRAVA DELLA.

—noem—

Escrava ! si ver poudesses  
O fogo que me devóra,  
Quando seductora vejo  
Tua engraçada senhora . . .  
Como um raio voarias  
E junto della dirias :  
“ Minha nhãnhã — um senhor,  
Que não parece inconstante,  
Quer possuir vosso amor ;  
Ser vosso querido amante ! “

E' certo, sincera escrava,  
Essa paixão que me abrasa,  
Que me põe tonto na rua,  
Me torna inquieto em casa !  
E' tão grande o meu tormento,  
Que nem siquer um momento  
Socego posso encontrar . . .  
Faz com que tua senhora  
A chamma busque applacar  
Desse ardor, que me devora !

Ah! si por ventura me ajudas na empreza,  
Qu'eu só, com certeza, não heide vencer,  
De humilde captiva, de escrava submissa,  
Mucamba então forra, decerto, has de ser!

Terás teos vestidos, teo chale bordado,  
Teos lenços de sêda, bordados á mão ;  
E brincos com pedra fingindo brilhante,  
E saias com gregas — de fino algodão.

Com ella — de carro — irás aos theatros,  
Aos bailes, ás festas, á toda funcção,  
Cheirosa, assejada, zombando das outras,  
Embora ellas digão : tu és de *nação* !

Porém se dura te mostras  
Aos rogos qu'ora te faço,  
Não crendo em minhas promessas,  
Não se dará esse laço . . .  
Correrá tudo ás avessas !

Eu não serei venturoso ;  
Não terás tua alforria !  
Luctarei assós co'o amor . . .  
Trabalharás noite e dia  
Aos gritos de um máo senhor !





## ENTREVISTA FRUSTRADA.

---

Destes bosques, destas selvas  
Entre as relvas me assentei ,  
Esperando a cara *Armia*  
Todo o dia assim passei !

Logo, logo ao romper d'alva  
Quando tudo inda dormia,  
Já commigo eu não podia  
Tanta ausencia supportar !  
Fui correndo, fui correndo  
Pelos campos, pelos valles  
A' ver se á tão grandes males  
Podia allivio encontrar !

Era tão cêdo ! — eu bem via !  
Talvez que—em doce abandono—  
Ella ainda, entregue ao somno,  
Dormisse bella e louçã !  
Era ainda tão cêdo ! — apenas  
Os plumosos passarinhos  
Sahiam dos quentes ninhos,  
Saudando a linda manhã !

Destes bosques, destas selvas  
Entre as relvas me assentei,  
Esperando a cara *Armia*  
Todo o dia assim passei !

Eu pedia a cachoeira  
Que levasse em suas agoas  
As minhas sentidas magoas,  
O meu continuo penar !  
Por onde acaso passasse,  
Por onde triste gemesse,  
Ou por onde se perdesse  
Além da terra, ou do mar !

Eu pedia a meiga brisa,  
Que sussurra na folhagem,  
Me trouxesse—em doce aragem—  
Suas vozes, seu fallar . . . .  
Eu pedia ao sol se erguendo  
D'entre as franjas côr de rosa,  
Que a sua imagem formosa  
Quizesse em si retratar !

Destes bosques, destas selvas  
Entre as relvas me assentei,  
Esperando a doce *Armia*  
Todo o dia assim passei !

Tudo em vão ! —já no occidente—  
O sol ia-se occultando,  
E a tarde se desmaiando  
Em suave e doce pallor ;

Eu já via no horisonte  
D'entre louros focos, núa  
Despontar a fulva lua  
Em seu magico esplendor !

Cancei de esperar por ella !  
Cancei de invocar seu nome !  
Ai ! a dor quanto consomme  
A' quem passa um dia assim !  
Não vel-a um'hora, um instante  
E' tormento passageiro. . . .  
Mas não vel-a um dia inteiro  
E' dôr tal que não tem fim !

Destes bosques, destas selvas  
Entre as relvas me assentei,  
Esperando a doce *Armia*  
Todo o dia assim passei !



## SURGISTE !

---

A' sós commigo eu pensava . . .  
Nos ares brando soava  
O gemer da viração,  
Quando risonha surgiste,  
Quando scysmando me viste  
Na dôr do meu coração !

Scysmava nos meus amores,  
— Tão vehementes ardores  
Gerados de um riso teu !  
Sonhava qu'um dia ainda  
Uniria a face linda  
De teu rosto ao labio meu !

Surgiste, visão celeste,  
Que sobre a terra desceste  
Cheia de graça e fulgor !  
Vieste, quando eu scysmava !  
Quando assim me enebriava  
Em doce enleio de amor !

Eu tinha presentimento  
De vêr-te — em breve momento —  
Ao lado meu, junto á mim,  
Travessa, rindo, folgando  
Como as auras balouçando  
Nas ramagens d'um jardim !

Sim ! que á muito no meu peito  
Sentia o magico effeito  
Desse amor que me matou !  
Gerei teu *ser* em minh'alma !  
Só tu me dás doce calma  
Ao fogo que me queimou !

Surgiste ! — porém mais bella  
Que a linda, a dourada estrella  
A luzir n'um céu de anil !  
Fada etherea parecias  
Nos encantos, nas magias,  
No modo e riso infantil !

Serenaste a tempestade  
Que, em tão cruel soledade  
Enlutava o teu cantor !  
Vieste, quando eu scysmava !  
~~eu~~ — triste — me emballava  
Em minhas scysmas de amor !

## A' MORTE DE UM CÃO.

Qui m'aimera... si mon chien ne me reste ?

DELILLE.

O meu cão, o meu *Veludo*  
Frio e mudo agora está !  
Si eu achar-me n'um perigo,  
Outro amigo — quem será ?

Das cousas vãs deste mundo  
Aquella, qu'eu mais queria,  
Era o meu cão, que—constante—  
Louco agrado me fazia.  
Eu ia — á noite — ao casebre,  
Em que vivia contente,  
Dar-lhe plena liberdade,  
Tirar-lhe a ferrea corrente.

Agora quem — alta noite —  
Velará meu domicilio ?  
Meu jardim hade tornar-se  
Mais triste qu'um mudo exilio !

Será, de certo, invadido  
Por nocturnos malfeteiros,  
Que pisarão meus canteiros,  
Despençarão minhas flores !

Nas horas do meu descanso  
Não mais o heide affagar . . . .  
Apenas ao seu casebre  
Lançarei sentido olhar !  
Não mais irei — á alvorada —  
Dar-lhe o alimento do dia,  
Agua fresca, boa vianda  
De que sempre se nutria !

O meu cão, o meu *Veludo*,  
Frio e mudo agora está !  
Si eu achar-me n'um perigo,  
Outro amigo — quem será ?

Quantas vezes—fóra de horas—  
Si alguém na rua passava  
O meu cão, em sobresalto,  
Aquelles passos velava !  
D'algum mal que me viesse  
Sempre, sempre receioso,  
Tinha o meu cão — diligente —  
Poucas horas de repouso !

Encantos de minha filha !  
Cuidados de minha esposa !  
Eil-o ! ferido de morte,  
Lançado na fria lousa !

Era o terror dos vizinhos,  
Espanto dos malfeitores,  
Vigia dos meus canteiros,  
Do meu jardim, minhas flores !

A' mil passos de distancia  
Si eu delle acaso estivesse,  
Lá mesmo iria encontrar-me  
Máo trato embora soffresse !  
Atravessava enseadas,  
Colinas, campos, vergeis  
Até que vinha — lampeiro —  
Rojar-se humilde a meus pés !

O meo cão, o meu *Veludo*,  
Frio e mudo agora está !  
Si eu achar-me n'um perigo,  
Outro amigo quem será ?...

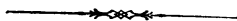
Nunca lançou-me no rosto  
Um só bem que me fizesse . . .  
Não era como os ingratos,  
Que os beneficios esquecem !  
Sempre docil, sempre lhano,  
Sempre alegre e prazenteiro,  
Da constancia e lealdade  
Era o exemplo verdadeiro !

Não ha tão pura amizade,  
Não ha tão viva afeição



Como essa que nos consagra  
O amigo constante, o cão !  
Deixai portanto qu'eu soffra ;  
Que a meu cão consagre um canto ;  
Que corra por minhas faces  
Amargo e saudoso pranto !

O meu cão, o meu *Veludo*,  
Frio e mudo agora está !  
Si eu achar-me n'um perigo,  
Outro amigo quem será ? !



AO VEL-A NO LEITO.

---

J. S. S. de Souza Castro.

---

Era pel'alta noite : furtivamente e á custo,  
(Que susto !) ao quarto entrei !  
Um anjo esbelto e lindo  
Dormindo contemplei !

Quanta magia em torno ! que paz serena e santa !  
Ah ! quanta languidez !  
Que meiga formosura !  
Que pura candidez !

Debeis madeixas erão — em doce desalinho —  
No linho a negrejar,  
Ebano aos desmaios  
Dos raios do luar !

Que perfeição de labios! apenas mal cerrados,  
— Corados de carmim —  
Jurava — se movião...  
Sorrião para mim!

Como ella respirava! quanta pureza e calma  
Sua alma ia dourar!  
Eu disse então : „ que encanto!  
Que santo dormirar!“

E junto áquelle leito tão casto e abençoado,  
Curvado me prostei!  
E pelo somno della  
Donzella, á Dens orei!



## AO PAE D'ELLA.

---

Não maltrates assim tua filha!  
Rispidez não é justa assim ter!  
Se puzer-se, sentida, á chorar?  
Se de mágoas, coitada, morrer?

Que farias, então, que farias  
Se o que digo fiel succedesse?  
Se este anjinho, que adoras na vida,  
Um desmaio ou delirio tivesse?

Ah! choráras, decerto, choráras  
Por que tens inda bom coração!  
Maldiriam teos barbaros modos;  
Contra ti gritarias, em vão!

Desta vez por amor lhe perdôa  
Moderando esse genio fatal!  
Escrever-se cartinha de amores  
Não é isso um peccado mortal.

Nunca mais vel-a-has escrevendo  
Eu t'ò juro. . . . *ella* jura tambem!  
Ha de amar-me, escrever-me escondido,  
Sem que o saiba, juramos — ninguem!

---

## IMAGEM BELLA.



Que os astros da noite mais bella, que as flores  
Mais bella, mais bella!

DR. AURELIANO LESSA.

Tenho-a ainda na mente ! era um archanjo !  
Mais linda nunca a flor ao sol se abrira !  
Nem donzella gentil — em casto enleio —  
Ao devotado amante assim sorrira !

Quanta graça em redor ! que olhar de fogo  
Partia de seos olhos luminózos !  
Seos labios de coraes — rosa encarnada —  
Em si — só tinham sons harmoniósos !

Seos dentes de marfim, ah ! revellavam  
Tanta alvura que o jaspe esmoreciam,  
Si furtivos sorrisos, seductores,  
Nos labios della — candidos — tremiam !

Que garbo divinal ! e quanta graça  
Nos olhares, nas fallas e modos della !  
Eu disse então comigo, suspirando ;  
„ Que perfeição de Deus ! que *imagem bella* ! “

„ Que seducção no andar ! que magestade  
A elegancia do corpo symbolisa !  
Meigo cysne de amor, que docemente  
Pelo espelho de um lago se deslisa ! “

Quem não quizera, um'hora, delirante  
Sua imagem adorar, seo rosto lindo ?  
Quem não daria um seculo de vida  
Para ouvil-a fallar, vel-a sorrindo ?!

Porque vi-a, meo Deus, si assim tão cêdo  
Perderia o prazer de estar com ella !  
Eu que vejo, em minh'alma, á todo instante,  
Seos traços divinaes e a *imagem bella* ?



## INVECTIVAS A' UMA FACA.

---

Maldito seja aquelle  
Que fabricou tal faca,  
Pois quasi que destaca  
Teu dedo pollegar!  
    Ai! mão que nunca fôra  
    De agulha espetada,  
    Por pouco, por um nada  
    Se vio ensanguentar!

*Satan* era-lhe n'alma!  
Tentava — certamente —  
Ao barbaro, imprudente  
Quando ia-a preparar!  
    Pois se o contrario fosse  
    Não te cortava a faca,  
    Que por um triz destaca  
    Teu dedo pollegar!

P'ra tua mão mimosa  
Oh! sim, não fôra feita,  
Faca que só se ageita  
Ao officio de cortar!

Melhor nas mãos seria  
De um féro carnicheiro  
Que leva o dia inteiro  
Em sangue derramar !

Não mais tal instrumento  
Na mesa seja posto,  
P'ra que novo desgosto  
Não venha provocar ;  
Dê-se ordens ao copeiro  
De dar sumiço á faca,  
Que quasi que destaca  
Teu dedo pollegar !

Que damno irreparavel !  
Que susto ! que medo !  
Si perdes o teu dedo  
Um pão indo cortar !  
Ah ! mão que nunca fôra  
De agulhas espetada  
Por pouco, por um nada  
Se vio ensanguentar !

---



## AO IRMÃO D'ELLA.



Tu és o irmão da belleza,  
Com ella foste creado,  
E do mesmo modo foste  
Tu com *ella* alimentado ;  
Cresceste, viveste sempre  
Junto desta formosura,  
Que é hoje (não ignoras)  
Causa da minha loucura.

Mas não nasceste co'o genio,  
Que ella tem dentro em su'alma !  
Em ti — tudo é raiva, insamnia !  
Nella tudo é doce calma !  
*Ella* ao ver-me se enrubece  
De casto e santo pudôr ;  
Porém tu mostras-me os olhos  
Injectados de furor !

Sua ternura parece  
Elevar-me ao paraizo,  
Emquanto que em ti diviso  
O máo genio de *Satan* !

Nella tudo é piedade,  
Em ti não ha compaixão . . .  
Não se dirá que és irmão  
De uma tão celeste irmã!

Porque teo furor accendes,  
E me tens tanta aversão,  
Quando és d'aquella, que adóro,  
Tão fiel e amante irmão?  
Com *ella* aprende a ser brando,  
Já que por *ella* és feliz,  
Applacando tuas iras  
Contra um amante infeliz! —



**ANTES DA ENTREVISTA.** †

---

Marilia tu chamas?  
Espera — qu'eu vou.

GONZAGA.

Que tenho? porque tremo?  
Porque futeis receios?  
Aplaquem-se meos seios,  
Não ha que receiar...

Irei sem que me vejão  
Mansinho... com cautella,  
Fallar á minha bella  
Aos raios do luar!

Quantas por ella eu sinto  
Palpitações de amor!  
Assim ao vel-a abrande-se  
Tão vivo e intenso ardor!

De certo lá me espera...  
Coragem! si descóro,  
Dou provas de cobarde  
Amante, sem valor!

Vamos... aquella porta  
 Vai ter mesmo ao jardim,  
 Onde *ella* pensa em mim,  
 Como eu nella pensei...  
     Ahi ambos á sós,  
     Sem que ninguem nos veja,  
     De amores fallaremos...  
     E o mais? e o mais? — não sei!

Mas... em que penso envão?  
 Lá vejo a porta aberta,  
 E a noite tão coberta  
 De negra escuridão,  
     Que, juro, não distingo  
     Se quer um arvored...  
     De certo estou com medo...  
     É perco a occasião...

Mas ah!... eu sinto uns passos...  
 Quem sabe si não é *ella*,  
 Que piza com cautella  
 Anciósia de me vêr?  
     Ah! como será duro  
     Ao terno coração,  
     Descrêr, n'hora da *espera*,  
     Das juras de afeição!

Ah! bem me conhece  
 Porque não descreia  
 Do amor, que commigo  
 Tão puro se ateia!

Amante jurado

Bem sabes que sou :

„ Marilia tu chamas ?

„ Espera — que eu vou ! “

Mais facil seria

O sol não luzir,

Do que eu tanto affecto

Em mim não sentir !

O fogo que nutro

Só *ella* ateiou :

„ Marilia tu chamas ?

„ Espera que eu vou ! “

Mas onde ? onde anda *ella* ?

Oh ! foi illusão minha !

Meo Deus ! já se avesinha

O alvor da madrugada !

São mais de duas horas . . .

Os gallos já cantaram,

E nem se quer vestigios

Se vêm de minh'amada !

Teria *ella* cansado ?

A noite constipou-a ?

Ou de esperar átôa

Descreu do meu amor ?

Oh ! não ! um vulto vejo !

E' *ella*, é *ella*, é *ella* !

Que pisa mansamente,

Que vem risonha e bella !!



**A' UM IMPORTUNO.** —

---

Porque, sombra nocturna,  
Tu sahes da tua furna,  
E vem me incomodar,  
A' mim que déra a vida  
P'ra nunca te avistar ?

Por mais qu'eu de ti fuja,  
Qual lugubre coruja  
A' luz do sol ardente,  
Não sei que máo destino  
Te põe á minha frente !

Melhor, pois, não seria  
Que, assim como de dia,  
Não te avistasse eu nunca ?  
Que o tempo teu gastasses  
Em lôbrega espelunca ?

Vai-te, sombra que abomino  
Longe de mim respirar :  
Nas entrevistas de amores  
Não me venhas perturbar.

Meu desejo é nunca ver-te !  
 Vai-te! vai-te—agudo e leste !  
 Fujo de ti qual do fogo !  
 Odeio-te como á peste !

Si eu gozo os carinhos d'aquella que adoras ;  
 E si *ella* téus risos e amor despresou...  
 Que tenho eu com isso?... responde importuno :  
 Quem é o culpado? — De certo não sou !

De mim não te queixes... não venhas irado,  
 De insamnia espumando, qual féra brutal :  
 Si digo o que sinto no — intimo d'alma,  
 Só fallo a verdade... não leves a mal.

Acaso intriguei-te? — siquer indispuz-te ?  
 Usei desses tramas que o inferno gerou ?  
 Eu nem te conheço... nem sei o teu nome...  
 Me crês um tyranno? — de certo não sou !

Serei porventura quem rouba-te os gozos  
 Por ser, como o sabes, constante e leal ?  
 Eu sigo os impulsos, que sinto no peito...  
 Porque, pois, te affliges — mesquinho mortal ?

Fatal sombra que abomino  
 Segue, segue o teu destino :  
*Ella* não póde tardar...  
 Toma outro becco, outra rua...  
 Si a entrevista não é tua,  
 O que vens aqui buscar ?

No teu lugar collocado  
A' muito tempo mudado  
Teria desse pensar . . .  
Ah ! si cahiste das graças,  
Por aqui porque tu passas ?  
O que vens aqui buscar ?

Toda mocinha é perjura . . .  
Esse amor que hoje te jura  
Amanhã póde quebrar ;  
Nada disso vale a pena . . .  
Mas si agora eu entro em scena,  
O que vens aqui buscar ?

Bem faço, que não me altero :  
Quando reflecto, não quero  
O que não posso alcançar !  
Tu, não, pareces creança . . .  
Ah ! si perdeste a esperança,  
O que vens aqui buscar ?

Vai-te ! vai-te ! — por Deus eu te peço ;  
Bem sósinho me deixa ficar . . .  
Chega a hora marcada . . . — A entrevista  
Já não póde, nem deve tardar !

Neste valle deserto, onde a vista  
Dos humanos não póde chegar, —  
Seductora ha de vir . . . A entrevista  
Já não póde, nem deve tardar !



E commigo *ella* a sós, meiga e bella,  
Que venturas não ha de me dar !  
Vai-te ! vai-te com Deus !— A entrevista  
Ah ! não póde, nem deve tardar.



## MURMURIOS D'ALMA.

*Recitativo.*

Amo-te, ó virgem ! — quando penso um'hora  
No doce encanto que te ameiga assim,  
Sente minh'alma inspirações sublimes ;  
Sinto outra vida se atear em mim !

Quero fallar-te . . . mas si a ti me achego,  
Tremo de susto que do amor me vem !  
Géla-me o peito, me entorpece os labios  
Essa meiguice que teus olhos tem !

E's pura e linda — como a flôr d'aurora !  
Bella, divina — como a luz do céu !  
Fada d'encantos, que desprende, em risos,  
Casto perfume do virgineo véo !

Estrella d'alva, da collina ao tôpo,  
Brilhas co'um brilho, que jámais eu vi !  
Cega-me os olhos essa luz tão linda,  
Matam-me as graças que só vejo em ti !

Amor! — mysterio que explicar não posso!  
Amor! — delirios de cruel paixão!  
Fogo de Deus, que me requeira o peito,  
Sei que te sinto... mas eu sinto em vão!

Ah! porque sempre a tua linda imagem  
Vem povoar o pensamento meu?  
Talvez que dêes o teu amor á outrem...  
Outro decerto mais feliz do que — eu!

Tronco de uma arvore, n'um ervôso pingue!  
Tumba esquecida em mortuario chão!  
Nave perdida — do oceano em meio —  
Folha ás lufadas de um voraz tufão...

Eis o qu'eu sou! — desventurada sina  
Meos passos méde... me persegue á mim!  
Eu já não devo respirar no mundo,  
Para que tanto não padeça assim!

Mas... tu caminhas... tu caminhas sempre!  
E não comprehendes os tormentos meus!  
Pensas que tudo flores são d'aurora!  
Que tudo é lindo como os sonhos teus!

Ah! quem te disse — qu'eu soffria tanto!?  
E quem te disse qu'eu te amava assim?!  
Eu, não! — que nunca revelei-te a intensa  
Chamma de amores, que se ateia em mim!

Occulto n'alma o meu amor vehemente !  
Gemo sosinho, sem ninguem me ouvir !  
Tróco por tedio as emoções divinas !  
Mato a esperança que me está por vir !

Oh ! sê ditosa ! — Deus te guie os passos  
Nessa existencia de sorriso e luz !  
Flôr dos enlevos ! — para a campa eu sigo...  
Resta-me apenas — o cypreste e a cruz !



## PORQUE?!

✓

Queres saber porquê — quando te avisto —  
Eu estremeço e torno-me indeciso ?  
E' porque temo que não queiras dar-me  
De teus labios — um candido sorriso !

Queres saber porquê suspiro ás vezes,  
E occulto as minhas magoas e pesares ?  
E' porque tenho medo que me negues  
Dos teus olhos gentis — os teus olhares !

Queres saber porquê — vivo assim triste,  
E o ardente coração — mudo — se cala ?  
E' a certeza, que commigo nutro,  
De que não me darás uma só falla !

Queres saber porquê — minh'alma afflicta —  
De gemer e chorar jámais descança ?  
E' porque me não dás em teus sorrisos  
Nos olhares, na falla — uma esperança !

---

## PROMESSA.

---

Estas lindas madeixas — cortadas  
Oh ! sim, foram por candida mão !  
São os fios da minha existencia !  
São os élos de um doce grilhão !

Si algum dia quebrarem-se os laços,  
Que, meu *anjo*, me prendem a ti,  
Sabe ao menos—no instante supremo—  
Que por ellas — de amores vivi !

Que beijei-as mil vezes por dia  
Aquecendo-as no meu coração,  
Quando a muita saudade sentia !  
Quando longe de ti 'stava então !

E de mim recebendo-as — ainda  
Busca um'hora aquecel-as no seio . . . .  
Não a deixes átôa — perdidas —  
Neste mundo profano, que odeio !

Eu te peço, por Deus, não consintas  
Que outra mão toque a prenda que amei !  
Sabe Deus quanto zelo, que cuidado,  
Em guardal-as commigo empreguei !

Esquivei-as aos olhos da turba  
Cobiçosa, faminta ! — esquivei !  
Eu sómente é que as via e as beijava...  
Não mostrei a ninguém... não mostrei !

Mas... quebrado esse laço tão santo,  
Rebentada a cadeia de amor,  
Si quizeres lançal-as ao vento,  
Só te peço, meu anjo, um favor :

E' que eu veja o lugar onde cahem  
Para erguel-as com pena do chão...  
E beijando-as, de novo aquecel-as  
No sacrario do meu coração !

## A' MORTE DE UM IMPIO.

### I

Rolou na poeira! — O esqualido cadaver  
Longos dias boiou n'um mar de lama  
E infecta podridão! — A caridade  
Fugia ao peito humano, ao vel-o, embora  
De rosto pelo chão, mordendo a terra  
Co'os olhos revirados, merejando  
Dos verdes labios peçonhenta bava,  
E do pisado craneo o sangue fétido!

Todos fugiam d'elle! — as criancinhas  
Tranzidas de terror fugião pávidas,  
Tiritando de mêdo... e os velhos, môços,  
Emfim — a complacente humanidade —  
Deixava-n'ó insepulto!

Quem seria?

De quem era esse corpo, apodrecido,  
Que nem as aves fétidas querião  
Aos seos banquetes sordidos? — Quem era?!  
Porque a terra que tudo em si transforma  
Parecia expellir aquelle corpo,



Sacudindo-o no ar, que o não queria?

Oh! quem seria aquelle monstro? —

— Os céos

Tingiram-se de negro... a tempestade

Horrida rebramio, assolapando

Os alicerces intimos dos mares,

Refervendo de insania e raiva, quando

Fugaz corisco bipartio-lhe a frente,

E fulminando-o, o arrojou por terra!

## II

Era um impio! blasphemava

Contra a existencia de Deus!

E jactava-se — arrogante —

De ser um chefe de *atheos*!

Foi-lhe a vida um negro abysmo

De desordem e confusão!

Teve, em vez de sacras preces,

Camadas de maldição!

Era um impio! — de sobre elle

Baixou vingança dos céos:

Aquella morte sinistra

Foi um castigo de Deus!

Ninguem pensava enterral-o,  
Nem perto delle chegar,  
Até que a chuva levou-o  
De rastro — ao fundo do mar !

Annos depois, inda os paes  
Diziam aos filhos seos :  
„ Aquella morte sinistra  
Foi um castigo de Deus ! “



## NAS MATTAS.

---

Eu fui á cidade, corri mil lugares ;  
Vi tudo o que é bello, vi tudo, bem sei !  
Mas como sou filho das selvas agrestes  
A's virgens florestas — contente — voltei !

Lá, folga o mancebo nas festas ruidósas,  
Lá, moça garbosa nos bailes sorri ;  
Mas nunca os prazeres, que tem a cidade,  
São como as delicias da vida d'aqui !

Apenas do — astro, que as faces nos queima,  
Seus raios de fogo já vem a luzir,  
Eu deixo a cabana e vou — tão risonho —  
O canto mellifluo das aves ouvir.

Quem vem distrahir-me d'um gôso tão doce ?  
Do meigo trinado d'um'ave á cantar ?  
Quem vem desviar-me do grato cicio,  
Que a brisa travessa no prado sóe dar ?

E si, de cançado, na róda do dia  
Eu busco um momento repouso encontrar,  
Que doces instantes ! — que relva macia !  
Que santo descanso ! — que bom respirar !

E lá na cidade ? — dos risos, das festas  
Que resta depois ? — gemer e chorar !  
Insipido é o dia que vem d'uma orgia,  
Molestas as horas depois d'um folgar !

Aqui eu saúdo do sol purpurino  
Os raios dourados, de intenso brilhar !  
E, em noites calmosas, na rede embalado,  
Meu velho *cachimbo* me ponho á *pitar* !

Escuto os suaves murmúrios do rio  
Que além vae perder-se nas ondas do mar !  
Que vida ! que goso ! — só vejo em de roda  
Campinas virentes, e céos de encantar !

.....

Eu fui a cidade ; — corri mil lugares  
Vi tudo o que é bello, vi tudo, bem sei !  
Mas como sou filho das selvas agrestes,  
A's virgens florestas — contente — voltei !

---

## JOCOSERIA.

E si nesta tristeza — ausente embirro,  
Nas cavernas da morte cego esbarro !

(?)

Eu não sei que tens no rosto,  
Que me dá prazer, dá gosto  
Quando, de ti, perto estou !  
Fico risonho, pateta,  
Faço versos, sou poeta,  
De certo que um outro sou !

Longe de ti — sou tyranno,  
Sou cruel, sou deshumano,  
Sou despotico senhor !  
Perto de ti — sou escravo,  
Não sou esse homem bravo,  
Que se inchava de furor !

Pulo, grito, *pinto a manta* !  
Alegria sinto tanta  
Quando tu me—estás olhando,

Que bem sinto desde logo  
No meo peito um quente fogo  
As entranhas me queimando !

Fico molle como o barro,  
Vêm-me a tosse co' o pigarro,  
Mas ao longe tossir corro !  
De contente ás vezes *berro*,  
Mas é tal o meu aferro  
Para ti, meo bem, que morro !

De saudades — no desterro —  
Pulando de um á outro serro  
Tristemente, em dores, *urro* !  
As vezes chorando espirro !  
Outras, porem, quando embirro  
As largas ventas *esmurro* !

Junto de ti sou *bezerro* !  
Tu és o *iman*, eu o *ferro* !  
E's flôr mimosa, eu o jarro !  
Apenas te avisto, corro !  
Por ti somente é que morro..  
Mas embalde os males narro !

Soffrer mais não posso... Irra !  
A Senhora se faz birra  
Commigo, — não sou *cachorro* !  
Irei para longo desterro...  
Embora commetta um erro,  
Lá também sou livre e forro !

Ai! neste pensar me mirro !  
Na garganta mortal sirro  
Já chia como a cigarra !  
Oh, sol! — só com *gingibirra* !  
Si commigo a sorte embirra  
Perco o leme e vou á garra !

.....

Ora tem pena de mim,  
Meo rosto de seraphim,  
Ladrão do meo coração !  
Dá-me um ar de tua graça,  
Que me anime, que me faça  
Ter mais seria inspiração !



## AO AVÔ D'ELLA.

---

Tu, que és o pai do pai *della*,  
( Portanto pai duas vezes )  
Attende ao justo pedido  
D'aquelle, que mil revezes  
Tem neste mundo soffrido !

Teu filho embirrou commigo,  
A quem conhece de vista,  
E jámais fez um agrado !  
Foge de mim se me avista,  
E nem me quer ver pintado !

Porque motivo ? — sómente  
( Desculpa minha franqueza )  
Porquê... ( Oh ! perdão te peço ! )  
Não resisti á belleza  
De tua neta.... confesso !

Si nisso fiz mal... si nisso  
Offendi-te a geração,



Oh ! dá-me cruel castigo . . . .  
Consente — por compaixão  
Que *ella* se case commigo !

Bem sabes que o casamento  
E' uma fatal cadeia  
De martyrios e afflicção . . . .  
Mas para aquelle — que q' aneia,  
E' grata e doce illusão !

Emquanto se está solteiro  
E' tudo um sonho dourado !  
E' tudo amor ! . . . . ideal !  
Só para quem é casado,  
E' que este mundo é real !

Ah ! tu bem sabes, meu velho,  
Quantas magoas e tormentos  
Um tal estado não traz !  
Porém — deixemos lamentos . . . .  
Não fallemos nisso mais . . . .

Porque si a tua mulher  
Perto de nós estivesse  
Prestando alguma attenção . . . .  
Viria — como acontece —  
Com quatro pedras na mão !

Então . . . adeus esperanças !  
Adeus — ó anjo querido !

Adeus — meu porvir sonhado !  
 Estava tudo perdido !  
 Estava o caldo entornado !

.....

Eu si tivesse uma neta  
 E soubesse que em seu peito  
 A chamma do amor lavrava,  
 Com paciencia e com geito  
 A cousa toda arranjava !

A meu filho fallaria  
 Expondo toda a verdade :  
 Por exemplo : „ a minha neta  
 Ama com intensidade,  
 A um rapaz, que é poeta. “

E' bem provavel que o *dito*  
 Com pontos d'exclamação,  
 Respondesse-te em seguida :  
 „ Isso não é profissão !  
 „ Não dá p'ra casa e comida ! “

E' verdade ! é bem verdade !  
 Dir-lhe-ias com bonhomia,  
 Sem vacillar, n'um momento :  
 „ Não sabes que a poesia  
 „ Acaba co' o casamento ? “

„ Si em laços de matrimonio  
A' tua filha se unir,  
Aposto : não ha de achar  
Nem tempo para dormir,  
Quanto mais para sonhar !

E' de esperar que o *pequeno*  
Depois de seu casamento  
Deixe essa louca mania . . . .  
Não possa ter um momento  
De illusões ou phantasia.

De manhã — quando — na cama—  
Lhe fôr levado o — café ;  
Ouvirá — com mansidão  
Negrinha — em ponta do pé,  
Pedir : — „ dinheiro p'ra pão ! “

No fim de cada semana  
Visitará a cosinha  
Por sagrada obrigação,  
A ver se falta farinha,  
Toucinho, carne ou feijão !

Gastará dias inteiros  
Pela rua do Ouvidor  
Chorando a sua desdita,  
Por não encontrar a côr  
D'alguma amostra de fita !

Correrá de um pólo a outro  
Com feia cara, de réo,  
Procurando — enfurecido —  
Botinas côr do chapéo,  
Chapéo da côr do vestido !

Si a mulher — uma enxaqueca  
Tiver que á cama se deite,  
Ha de logo ir procurar  
Medico — que lhe receite  
*Remedio bom* de tomar !

Portanto — meu caro filho —  
Consente já, sem detença,  
P'ra não perdemos a vasa :  
Porque quem casa não pensa ;  
Porque quem pensa não casa ! “

Eis-ahi, avô querido  
Da minha gentil amada,  
O pedido que ora faço . . . .  
Si — *ella* é por ti estimada,  
Desembaraça o embaraço !

Oh ! quanto desejo, quanto,  
Chamar de pai a teu filho,  
E ao pai d'elle — meu avô !  
Ah ! si esta ventura *pillho*,  
Já desgraçado não sou !

Espero, pois, que d'empenho  
Servirás á dois amantes,  
Que vivem á suspirar !  
Oh ! abrevia os instantes  
Do amor — que havemos gozar !



## CUIDADOS MATEMNOS.

---

Ha dois dias qu'eu via meo filho  
Tristesinho a gemer e a chorar . . .  
E commigo dizia : „ quem sabe  
Si é a *presa* que vai rebentar ! “

Perguntei á visinha, que muitos  
*Filhos-zinhos* creado já tem :  
„ O que é que ~~tem~~ meo filho,  
Que, sorrindo, em meos braços não vem ? “

E lhe disse : „ tão forte e gordinho  
Nunca, nunca, meo Deus, vi-o assim !  
Oh ! que pena si agora emmagrece !  
Que desgosto que causa isso á mim !

„ O que é que terá, que não dorme  
Socegado qual d'antes dormia ?  
Elle — que é tão mansinho, tão meigo !  
Que, chorando, jamais ninguem via ! “

E a visinha, beijando-o, me disse :  
 „ Oh ! não mais consulteis a ninguém !  
 Coitadinho ! — tem muitos *olhados* !  
 E' *quebranto* de mais que elle tem ! “

Sem demora peguei no meo filho  
 Caminhei . . . caminhei de carreira !  
 E parei — junto á porta da caza  
 Da velhinha mulher — *benzedeira* !

E lhe disse : — „ meo filho extremoso,  
 Minha vida, meo céo, meo encanto,  
 Tem comsigo bastantes *olhados* !  
 Está cheio, meo Deus, de *quebranto* ! “

E a velhinha — co'um ramo de arruda,  
 Começou á benzê-lo e a rezar . . .  
 Muitas vezes a boca ella abria . . .  
 E por fim começou a chorar !

Bocejando e chorando, dizia :  
 „ Teo filhinho é bastante infeliz . . .  
 O *quebranto* está todo nos olhos,  
 Nos cabellos, na bocca e nariz !

E um instante depois — a velhinha  
 Acabou de benzê-lo e rezar . . .  
 E o meo filho — no mesmo momento —  
 Começou a sorrir e a brincar !

Já sorria p'ra mim, já brincava  
Com meiguice, carinhos e amor . . . .  
Que mudança que fez ! — parecia  
Que não tinha, não mais — uma dôr !

Quem seria, porem, quem seria  
Que — maldoso — lançou-lhe o *quebranto* ?  
Honte' a noute — uma preta na rua  
Meo filhinho gabou . . . gabou tanto !

Depois veio um sugeito e mirando-o,  
“ Que bonita creança “ ! exclamou.  
Mas não diese talvez : “ benza-o Deus ! “  
E por isso o *quebranto* ficou !

Ah ! máo fim tenha aquelle que lança  
Nas creanças *olhados* assim !  
E' de inveja bem sei ! — mas que importa ?  
Meo filhinho já ri-se p'ra mim !

Vou resar — duas *Ave-Maria*,  
*Crêdo em Cruzes*, mais um — *Padre Nosso* !  
E não mais sahirá meo filhinho  
Sem levar uma *figa* ao pescoço !

---



NA FAZENDA DO BANGÚ.

---

*A Eduardo Araujo*

---

Quel air suave et frais ! le beau ciel ! le beau jour !

ANDRÉ CHÉNIER.

Oh ! quanto encanto e magia !  
Que doce e santa poesia  
Se encontra, Eduardo, aqui !  
Como é risonha a natura !  
Quanto assômmo de ventura  
Eu sinto em volta de mim !

Ah ! não sei si sentes n'alma  
A pura e celeste calma  
Desta amena solidão !  
Si te alegras, si te encantas !  
Si sentes bellezas tantas  
Fallarem-te ao coração !

Que scena ! que vista linda !  
Parece que tudo ainda  
Transpira aromas do céu !

Parece que a natureza,  
De sua virgem pureza,  
Traz ainda — o casto véo !

Olha este campo ! estes prados !  
Dos avoredos copados  
Os botões abrindo em flôr !  
Olha estes vergeis dourados !  
Estes pomos encarnados !  
Estes montes — em redor !

Não vês o sol ? — despontando  
Vem as campinas dourando  
De lindo e vário matiz !  
Tudo os encantos revella  
Como o sorrir da donzella,  
Como os sonhos infantis !

Não sentes o murmurio  
Tão doce que faz o rio,  
Que se perde na lagôa ?  
Não ouves dos passarinhos,  
Em torno dos quentes ninhos,  
O canto que aqui resôa ?

Ah ! neste retiro ameno,  
Onde o céo sempre é sereno,  
E vò a noss'alma além,  
Não sentes que a vida é bella ?  
Que, em tudo, Deos nos revella  
Os attributos que tem ?

---

## O LOUCO.

— — —

### *Recitativo.*

Eu vi-o ! eu vi-o ! espedaçando as vestes,  
Rompendo as carnes do espaçoso peito !  
Eu vi-o ! eu vi-o ! — tremuloso, arfando,  
Cahir exausto sobre o duro leito !

Nas ferreas grades da prisão sombria  
Mil vezes lança-se em cruel pezar,  
Pallido o rosto, co'o cabello hirsuto,  
Dubio sorriso, desvairado o olhar !

Elle não dorme ! — n'alta noite, em furia,  
Ergue-se ao leito á maldizer de si !  
Depois — n'um como serenar do espirito —  
Repete um canto, que começa assim :

„ Eu louco ! eu louco ! — maldição eterna  
A quem de louco me appellida á mim !  
Não foi loucura, que lançou-me em ferros,  
Mas linda virgem qu'eu amei sem fim !

Não foi loucura, mas cruel desprezo  
 Um odio enorme, o *seo* fatal desdem,  
 Que, moço ainda, me lançou no espaço  
 Deste aposento, que só trevas tem !

Bem sei que, aos poucos, se me foge a vida !  
 Que em breve a tumba se hade abrir p'ra mim !  
 Mas não 'stou louco ! — Amaldição a ingrata,  
 Mulher perjura, que tornou-me assim ! “

.....

E mal acaba, já febril delirio  
 Alma lhe invade, já de Deus maldiz !  
 Brama convulso, o desespero é tanto,  
 Que não se entende o que articula e diz !

E' louco ! é louco ! bem m'o diz aquelle  
 Rosto tranzido, aquelle olhar de esguelha !  
 Aquelle corpo tremulante, automato,  
 Onde não luz racional scintella !

E' louco ! é louco — no verdor dos annos  
 Era um poeta que sonhava amores !  
 Donzella infida atraiçou-lhe o affecto . . .  
 Louco ! — lançou-se sobre um mar de dores !

Eu vi-o ! eu vi-o ! — á rebramir de raiva  
 Unido ás grades da cruel prisão,  
 Lindos cabellos arrancando ao vento,  
 Sons disconjuntos proferindo então !

~~~~~

## NÃO ME PERGUNTES, NÃO.

---

### *Recitativo.*

Não me perguntes, não, porque é qu'eu vivo triste;  
Por que fundo pesar me esmaga o coração ;  
Em que minh'alma pensa, e a minha dôr consiste . . .  
Oh ! peço-te, por Deos, não me perguntes, não !

Si o pranto me suffoca em horas de agonia ;  
Si martirios crueis perturbão-me a razão ;  
Si em trevas me sepulto e gemo noite e dia . . .  
Oh, peço-te, por Deos, não me perguntes, não !

A tempestade e o incendio, a terra devastando,  
Desgraças e ruinas — atirão sobre o chão !  
Si sobre mim passarão, se estão ainda passando . . .  
Oh ! peço-te, por Deos, não me perguntes, não !

Eu vi a planta erguer-se em rútila alvorada,  
E pallida avergar-se á rábia do tufão . . .  
Si eu tenho, como a planta, a sina malfadada,  
Oh ! peço-te por Deos, não me perguntes, não !

Porque desprezo o mundo e em scysmas me concentro ;  
Porque tudo o que vejo é frio, inutil, vão . . .  
Porque — do peito meu — cahio o tedio dentro . . .  
Oh ! peço-te, por Deos, não me perguntas, não !

Si a minha rude lyra entôa alguns lamentos,  
E si ninguem m'os ouve, e eu suspiro em vão ;  
Si invoca a surda morte á todos os momentos . . .  
Oh ! peço-te, por Deos, não me perguntas, não !



O ESPELHO D'ELLA. †

De tudo quanto te cerca  
No teu quarto perfumoso,  
Eu sómente ser quizera  
O teu espelho — ditoso !  
Nelle a belleza retratas  
Do teu rosto encantador ;  
Vês tuas mimosas faces,  
Teos labios abrindo em flor !

Vês teus cabellos revôltos  
Formando doces grilhões,  
Com que prendes dos amantes  
Os sensiveis corações !  
Vês o collo alabastrino  
E as pomas de rósea côr,  
Onde se ateia incessante  
Ebrioso e intenso amor !

Vês a delgada cintura  
Tão perfeita, que seduz !  
Oh ! vês toda a formosura,  
Que de teu corpo transluz !

Vês o pesinho traquino,  
Mais leve que um *beija-flôr* !  
Emfim — vês tudo o que é lindo,  
O que é bello e seductor !

Assim fosse eu teu espelho !  
Quizera ter a ventura  
De estar sempre retratando  
Tua innocente candura !  
Mas como tanto não posso,  
Ao menos dá-me o favor  
De que eu veja — em teu espelho —  
Os teus encantos de — amor !





## MULHER-ESTATUA.



*Recitativo.*

Offerecido ao Dr. Caetano Breton Ferreira Monforte.

---

Nessuna stella in ciello!  
Nessuna speme in cuore?

MUNDI.

Fada de encantos, que encontrei na vida  
Tão consummada de martyrio e dôr!  
Ao ver-te meiga, seductora e linda,  
Porque — ainda! seduzio-me o amor!

Porque teos olhos sobre mim lançaste  
E me deixaste á delirar sem fim?  
Porque teos labios para mim se abrirão?  
Porque sorrirão co'um sorriso assim?

Porque fallaste e me disseste: “ eu juro  
Que o meo futuro será teo tambem? “  
Porque nutrias no virgineo seio  
O puro enleio, que do amor só vem? —

Porque nas minhas, tuas mãos unias,  
E me querias sempre junto a ti? —  
Porque, ao piano, dedilhando escalas,  
Tão doces fallas repetiste a mim?!

Porque teo róseo e delicado rosto  
Um almo gosto revelava então? —  
Teo meigo olhar — em languidez desfeito —  
Vinha em meo peito — re-accender paixão?

Porque no leito, quando em febre ardias,  
Tu me pedias te jurasse amar? —  
E eu disse: „ juro-te!“ evocando o aspecto  
Desse esqueleto, que me faz chorar!

Desse esqueleto, que na fria lousa  
Em paz repousa... e perturbei-o emfim!  
„ Juro por elle... por meo pai sem vida  
Minha querida que só amo a ti!“

Depois de jura, tão sincera e santa,  
Depois de tanta seducção de amor,  
Porque entristeço, e nem siquer um'hora  
Cessa ou minóra tão cruciante dôr?

Porque?!... Meo Deus!... foi um viver risonho!  
Um lindo sonho, que findou... bem sei!  
Tantos protestos, tanto amor — fallado —  
Tudo acabado — despertando achei!

Não creio mais no teu sorrir de amores ;  
Mas só nas dores que por ti soffri !  
Era mentido o teu affecto, ó virgem !  
Louca vertigem que passou por ti !

Folga entre as flores, borboleta errante,  
Fada inconstante ! luz divina e fatua !  
Eu te esconjuro ! — té de ti me esqueço,  
Mulher de gesso, — muda e fria estatua !



## O POETA E A MARIPOSA.

---

*Poeta* : —

Porque, loucasinha, procuras a chamma ?  
Não sabes que o fogo te póde queimar ?

*Mariposa* : —

Porque, louco amante, teu peito se inflamma ?  
Não sabes que amores te pódem matar ?

— A morte, que eu busco n'um rapido vôo,  
Me priva das magoas d'um curto viver !  
E tu, desgraçado, procuras a morte,  
Que traz os tormentos de infindo soffrer !

— Eu queimo-me á chamma—tão bella ! tão linda !  
E morro — contente — no meio da luz !  
E tu, louco amante, tu morres carpindo  
No meio das trevas, co'o pezo da cruz !

— Oh ! deixa queimar-me ! — da luz que me atrahe  
E' rapido e breve o — intenso queimor . . . .  
Atira-te ás chammas ! — á luz que me queima !  
E fôge, ó poeta, das chammas do amor !

---

## A MINHA FLAUTA.

---

Nos afflictivos momentos  
De tormentos e amargor,  
Minha flauta é doce amiga,  
Que mitiga a minha dôr !

Desde a tenra mocidade  
Consagrei-me á lyra, ao canto . . .  
Ah ! quantas horas de pranto !  
Quantas semanas de dôr !  
Sempre meus sonhos defeitos !  
Sempre a ventura perdida !  
Sempre minh'alma illudida  
Em loucas scysmas de amor !

Dez annos . . . soffrendo tanto !  
Dez annos . . . amando em vão !  
Dez annos . . . sem ter socego  
Dentro do meu coração !  
Nunca um agrado amoroso !  
Nunca um dia de prazer ,  
Na luta da minha vida,  
No meu pénoso viver !

Nos afflictivos momentos  
De tormentos e amargor,  
Minha flauta é doce amiga  
Que mitiga a minha dôr!

Abandonei minha lyra...  
Em meu macerado rosto  
Pintou-se enorme desgosto,  
Magoa profunda e cruel!  
Perdi meus sonhos dourados;  
E a insensível desgraça  
Me deu á provar a taça  
Retemperada de fel!

Que desespero! que luta!  
Que noites! que noites feias!  
Não tão odiadas cadeias  
São as que prendem galés!  
Oh! como soffri na insomnia  
Contra os rigores da sorte!  
Sobre mim — pairava a morte...  
Um precipicio á meus pés!

Oh! flauta! — só tu podias  
Na descrença de minh'alma  
Dar-me momentos de calma  
Socego e consolação!  
Depois que a ti dediquei-me,  
O' minha flauta querida,  
E' mais doce a minha vida,  
Mais feliz meu coração!

Nos afflictivos momentos  
De tormentos e amargor,  
Minha flauta é doce amiga,  
Que mitiga minha dôr !



## A' MEIA NOITE.



### OVIDIANA



Por favor abre-me a porta . . .  
Estou morrendo de frio !  
E' agora um' hora morta :  
Ha duas horas que a fio  
Esta humidade me corta !

Dá-me ahi, em tua casa,  
Abrigo ao rigor do vento . . .  
Eu que me ardo n'uma brasa,  
Si contínuo ao relento,  
Arrisco de certo a *vasa* !

Bem vês : não sou exigente . . .  
Não quero cama de sêda :  
Desejo apenas — sómente, —  
Mas que do quarto não exceda,  
Achar um lugar mais quente !



Corre o tempo tão ligeiro !  
Nossa vida é tão mesquinha !  
Não se perca o dia inteiro :  
Vem tu'alma unir á minha  
Neste instante derradeiro !

Por favor . . . abre-me a porta !  
Estou morrendo de frio . . .  
E' agora um' hora morta :  
Ha duas horas que afio  
Esta humidade me corta !

Si este amor, que te consagro,  
Faz-me tanto padecer,  
Busca ao menos um instante  
Esse ardor arrefecer.  
A hora é propicia . . . a noite  
E' de negra escuridão :  
Tudo dorme . . . nem se escuta  
O gemer da viração !

Dormem teus pagens agora  
Na molle indolencia sua.  
Tudo é silencio : viv'alma  
Nem si quer se vê na rua !  
Ninguem me verá entrar . . .  
Pisarei mansinho . . . á mêdo . . .  
E no fundo do meu peito  
Guardarei doce segredo.

Que doce fôra a noite,  
Si ao menos um instante,  
A' mim, me dado fosse  
Passar ao lado teu !  
Não quero estar unido  
Ao seio palpitante ;  
Mas junto aos pés da cama  
Achar o pouso meu !

Ah ! quanto pouco peço !  
Bem vêes que podes dar-me  
Favor como bem poucos  
De certo pedirão !  
Não creias que é por teres  
Lenções de fino linho,  
Cheirosos travesseiros,  
E pennas no colxão !

Oh ! não ! — a meu respeito  
Não penses coisas taes !  
Não tanto me seduzem  
Objectos materiaes.  
Si almejo um só instante  
Estar ao lado teu,  
E' para contemplar-te  
As fórmias divinaes !

E' para ver-te bella  
No leito adormecida,  
D'intenso amor rendida,  
Vermelha de pudor !

E apoz — linda e risonha —  
Entre extases lascivos,  
Teus olhos semi-vivos,  
Quebrados de langor !

Si é tão simples meo desejo,  
Si pura e casta a intenção,  
Despe de ti esse pejo,  
E tem de mim compaixão.  
Eu não direi á ninguém  
Como esta noite passei :  
O que vi . . . o que gozei . . .  
O prazer que tive então !



## A VIRGEM MORTA.

---

Era uma flor delicada,  
Cheia de aromas do céo !  
Vivia d'entre os encantos  
Do casto e virgineo véo !

Tinha quinze primaveras,  
Amava o *bello!* — o ideal !  
Sonhava como os anjinhos  
No regaço divinal !

Nunca soube o qu'era o mundo !  
Nunca pezou-lhe a existencia,  
Porque vivia — sorrindo —  
Entre a virtude e a innocencia !

Tinha affagos e meiguice ;  
Um coração de bondade !  
E nem cuidava — talvez —  
Que entrava na mocidade !

Não tinha a idéa do mal !  
Nunca offendeu a ninguém !  
Vivia dos pensamentos  
Do bello, justo e do bem !

Dormia com Deus sonhando !  
Acordava-se a sorrir !  
Ao despertar via os anjos !  
Via Deus — em seu dormir !

Tinha sorrisos nos labios,  
A doçura no semblante,  
Um terno olhar de piedade  
Nos olhos de — diamante !

Passava os dias risonhos  
Embalada em mil venturas,  
Lendo pedaços da *Bíblia*,  
Ou se entretendo em costuras !

Folgava — alegre — ditosa  
N'uma existencia bemdita,  
Amando as aves, as flores  
E os seus lacinhos de fita !

E enquanto á vida sorria  
Deste mundo de illusão,  
Ah ! veio a morte e levou-a  
Para onde os anjos estão !

Alli repousa . . . silencio !  
Como é doce o seu dormir !  
Não parece que está morta !  
Parece estar a — sorrir !

Adeus — estrella dourada,  
Cheia de encanto e fulgor !  
Adeus — florzinha do valle !  
Adeus — anjinho de amor !

Não vêdes ? — n'aquella campá  
Agora está . . . muda e quêda !  
Coitada ! — morreu fallando  
No seu vestido de sêda !

Entre as flores do sepulchro  
Para sempre — adormeceu !  
Fechou os olhos p'ra terra,  
Os abrindo para o céu !

---

## O SOMNO DA INNOCENCIA.

—

N'aquelle macio leito,  
Sob alvos lençoes de linho,  
Entregue — a sonhos celestes,  
Dormita um candido anjinho !

E' a innocencia encarnada  
No coração de menina,  
Que, pura, se identifica  
Co'a existencia divina !

Sete annos ! — nenhum cuidado  
A molestar-lhe o existir !  
Sete annos ! — sonhos de rosas !  
Abençoado dormir !

Não vêdes como — sorrindo —  
Um gozo o rosto annuncia ? —  
Ella dorme e agora sonha  
Com Deus e a Virgem Maria !

Sua avó resa-lhe ao berço !  
Seu pai cobre-a de carinhos !  
E a sua mãe extremosa,  
Alegre, dá-lhe beijinhos !

Dorme innocencia !—o teu sonho  
E' um sorriso de Deus !  
Somente os anjinhos gozam  
Desses presentes dos céus !

Ao despertar — linda aurora  
Lance-te os flócos de luz !  
E vejas NOSSA SENHORA,  
Tendo em seus braços — JESUS.

Seja este o santo ideal  
No mundo em que has de viver,  
Emquanto menina, e quando  
Esposa e mãe venhas ser !

Entre sorrisos se escoem  
Teus bellos dias — ditosos !  
A vida — que assim se passa —  
E' manancial de gozos !





## O PROPHETA.

---

Elle fallou ao povo. No seu peito  
Tinha a paz do Senhor !  
No olhar a compaixão, na voz piedosa  
Brandas frases de amor.

A turba acostumada ao fausto, ao luxo,  
Aos preconceitos seus,  
Do propheta zombou, porque trajava  
Simples vestes de Deus !

• Porque veio com as roupas da virtude,  
Humilde como um pobre ;  
E não trouxe na bolça das miserias  
Um punhado de cobre !

Escarneceram, sobre lhe lançarão  
Sardonica irrisão !  
Em vez de exarcerbal-o, o povo estulto . . .  
Causou-lhe compaixão.

Chorou . . . por ver assim a humanidade  
Entregue a Satanaz !  
Entretanto seguia — contristado —  
Pedindo amor e paz.

Mas não dos seios apagou os odios ;  
Sua empreza era vã !  
A turba inteira se manchado havia  
No sangue de Satan !

Então disse o propheta : Humanidade,  
Reprime os erros teos ;  
Dos céos medonhos baixará — tremenda —  
A vingança de Deos !

## II.

Cresceram os tempos . . . gerações perdiam-se  
No lôdo das infamias. A virtude  
Era o alvo de escarneo e zombarias  
E o vicio idolatrado ! — das igrejas  
As imagens quebravam-se, e os altares  
Eram, com desrespeito, profanados  
E lançados em terra . . . o vicio e os crimes,  
Accendendo na turba o ardor satânico,  
Arrancavam-lhe ao seio impias blasphemias,  
Gritos de maldição ! . . . Os morticinios  
Multiplices medravam . . . a tempestade  
Horrida remugia ; os ventos rábidos

Debatiam-se, em furia, rebramindo  
 De um pólo a outro arremessando os negros  
 Elementos que a luz escureciam . . .  
 Feriam o seio da tormenta horrivel  
 Incessantes relampagos, em cruces,  
 Deixando vêr a confusão e a morte,  
 Pela terra sangrenta, onde rojavam  
 Grossos rolos de putridos cadaveres !  
 Que scena de pavor ! que quadro tetrico !  
 Entretanto Satan sorria ironico  
 Para o céo que de negro se vestia,  
 Sua victoria já contando certa !

## III.

Desce o anjo da Paz, que traz em punho  
 A espada de seo Deus !  
 Satan, ao vel-o, se horrorisa e foge,  
 Deixando estragos seos :

A multidão que até então guiára-se  
 Por luz de Satanaz  
 Ora o maldiz, do seu poder chasqueia;  
 Não a inspirava mais !

Prostrada de joelho aos pés do anjo  
 Da justiça e vingança,  
 Do céo <sup>na esperança</sup> ~~esperançada~~ arrependida —  
 Uma nova esperança.

Inda uma vez o genio dos abysmos  
De todo se summio ;  
E o céo risouho — ás almas penitentes  
Suas portas abrio.

Reapparece o propheta ; é venerado :  
Todos beijam-lhe a mão,  
Emquanto para o céo, mudo, elevava  
Purissima oração !



**AO MAESTRO ANTONIO CARLOS GOMES.**

---

Offerecida á Exma. Gra. D. Maria Angelica Ribeiro

Por occasião de representar-se pela primeira vez a opera  
*A Noite do Castello.*

---

Vistel-o? — Tambem vi-o! Elle sorria  
No seio do proscenio!  
Tinha impresso na larga fronte altiva  
Esta palavra : genio!

E o povo embevecido na harmonia  
Das ternas vibrações,  
Frenetico o applaudia! Era um *Bellini*  
Entre mil ovações!

Vistel-o? — era a sereia despertando  
O encanto seductor!  
Era a alma do Poeta soluçando  
Cantilenas de amor!

Era o perfume mystico das flores  
As brizas temperando!

Era a cinta dourada do *Arco-Iris*  
No céu se dilatando !

Era o gemer de *Alcione* queixosa  
Na dôr do coração !  
Era o sôar da flauta suspirando . . . .  
Povoando a soidão !

Era o morrer da vaga solitaria  
Quebrando-se na praia !  
Ou a lua que triste e melancolica,  
Nas areias desmaia !

Era o sonhar de timida creança  
Dourado de illusão !  
O celeste ideal que o vate embriaga  
De santa inspiração !

Nós vimol-o — colhendo mil victorias  
No seio do proscenio !  
Era o bello, o sublime — era o divino,  
Que revelava o genio !

.....

Da minha rude lyra os sons fallecem . . . .  
Meu canto nada val !  
Senhora — o nome seu é a sua gloria :  
Ha de ser immortal !



## RECORDAS-TE ?

---

Lá quando nos ares  
O sol vem raiando.

*Canto popular.*

Recorda-te, ó virgem,  
D'aquelle momento  
Em que me fizeste  
O teu juramento ?

Que amores ! que enlevos !  
Minh'alma sentia,  
Ouvindo essa jura  
Mil vezes por dia !

Mais tarde, do fado  
O duro rigor  
Roubou-me a esperança ;  
Matou meu amor.

Não sinto no peito  
O fogo d'outr'ora !  
Minha de prantos  
Reveste-se agora !

Mas nunca eu pensei  
Que affecto tão louco,  
Tão cedo morresse . . .  
Durasse tão pouco !

Ah ! quando fallavas  
E meiga sorrias,  
De mim tu zombavas ;  
Ingrata ! — mentias !

Pois nunca sentiste  
Sequer um momento ,  
Das chamas de amores  
O amargo tormento !

Se um dia tu'alma  
Jurou que o sentia  
Foi tudo maldade,  
Que, em ti, se accendia !

Ah ! nunca te esqueças,  
Gentil formosura,  
Que após mil protestos  
Quebraste essa jura !

O pranto que verto  
Em dura afflicção,  
As magoas consola  
Do meu coração !

---



## MAGOAS PROFUNDAS.

---

Eu sinto angustias...

*Canto popular.*

Magoas profundas  
Sinto no peito...  
Vivo gemendo  
N'um triste leito !

A dôr que soffro  
Tão viva e forte,  
Ha de bem cedo  
Trazer-me a morte.

Os meus gemidos  
Ninguem compr'hende,  
Nem mesmo a ingrata  
Os não entende.

Embora o pranto  
Me queime o rosto,  
Jamais abranda  
Tanto desgosto !

Que de mim fôra  
Si um'hora ao menos  
Eu não cantasse  
Meos pobres threnos !

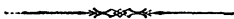
Talvez findasse  
Nessa agonia !  
Não mais vivesse  
Sequer um dia !

Os ais que solta  
Meo coração,  
São meo consolo  
Nesta afflicção !

Talvez a ingrata  
Zombe de mim,  
Quando souber  
Que eu morro assim.

Oh ! ninguém soffra  
Um só momento,  
As minhas dores,  
O meo tormento !

Deixem que eu gema,  
Que o pranto corra,  
Até que um dia  
De dores morra !



## VENTURAS.

— or —

Por entre as trévas da noite

*Canto popular.*

Depois que vi teu semblante

Tão cheio de formosura

Sonhei logo a felicidade

Previ a minha ventura !

Vieste, ó anjo adorado

Dar vida a um desgraçado.

Eu que soffria no mundo

Crueis martyrios e dôres,

Senti meu peito animar-se

No casto fogo de amores,

Apenas teu rosto lindo

Volveu-se pr'a mim sorrindo !

Eu já não sou desgraçado,

Já sinto consolação,

Porque sensível me deste  
Tu'alma, teu coração.  
Oh, vem querida donzella  
A nossa vida é tão bella !

Vivamos n'um mundo aéreo  
Sorrindo em doce alegria,  
Gosando da natureza  
A pura, a santa poesia !  
Nossa mocidade em flôr —  
Será um *Eden* d'amor !



## A' AVÓ... D'ELLA!

---

Oh! perdoai-me a ousadia,  
Si—diante de vós—me apresento!  
Eu que era — animoso e altivo,  
Neste solemne momento  
Não sei si estou morto, ou vivo!

Sinto as pernas me tremerem!  
A força, que emprego, é pouca  
A' vencer-me o acanhamento!  
Presa a lingua ao céu da bocca  
Não faz um só movimento!

Si fallo, não sei o que digo!  
Si digo, não sei o que fallo!  
O que faço, então... não sei!  
Tal foi — senhora — o abalo  
Que —ante vós— esp'rimentei!

Por quanto — venha corrido  
Bem como um *gato a bodoque*

Em pleno meio da rua !  
Oh ! soffri tão grande choque  
Que quasi que fui á lua !

Não é p'ra menos ! — Jamais  
Pela mente me passou  
Que eu fosse desattendido  
Por *seu* extremoso avô,  
Vosso estimado marido !

Fiz tudo que humanamente  
Um mortal póde fazer . . .  
Não me valeu rogo . . . empenho . . .  
Nada me poude valer . . . .  
E a vossos pés — assim venho !

Todo o mundo se conspira  
Contra minha f'licidade . . . .  
Me deixam lutando — só !  
O que farei, si a bondade  
Não achar em sua avó ? —

Parece incrível ! parece !  
Mas é factó bem real !  
Sua tia, pai e avô,  
Todos me desejam mal !  
Bem desgraçado que sou !

*Ella...* (a vossa linda neta)  
 Entre sorriso e meiguice,  
 Foi quem — cheia d'esperanças,  
 „ De minha *vóvó* (me disse)  
 A protecção vê se alcanças. “

Commigo lutei bastante !...  
 Vacillei !... por muitas vezes  
 Tentei a escada subir : —  
 Temendo novos revezes  
 Ia-me embora... a carpir !

Hoje, ( emfim ! ) mal dei um passo  
 Pelo esguio corredor,  
 Me disse a vossa negrinha :  
 „ — O que é que quer o senhor ?  
*Sinhá-velha* está sósinha ! “

Uma sangria a um congesto  
 Não faria mais effeito  
 Do que a mim — essa noticia !  
 Senti se expandir meu peito  
 N'um mar de gôzo e delicia !

Inda bem ! (disse commigo)  
 Subirei... e irei contar  
 Tudo, tudo a sua avó !  
 Ninguem nos hade escutar...  
 Por fim — de mim — terá dó !

E aqui estou ! — entretanto  
Não é a encetada empreza  
Tão facil como pensei . . .  
Não sei (fallo com franqueza)  
Por onde começarei !

Quando vós éreis mocinha  
Não sentistes dentro d'alma  
Um fogo devorador,  
Que do peito a doce calma  
Vos roubava ? — Isso era amor !

Pois bem : é isso o que sente  
A vossa estimada neta,  
Que não tem socego um' hora !  
Do amor soffre a aguda setta . . .  
E por quem ? — por mim, senhora !

Eu tanto não merecia ;  
Mas o amor nasce do acaso :  
Apaixonou-se por mim . . .  
Por ella de amor me abraso !  
As cousas estão assim !

Em nome *seu* e em meu nome,  
Venho pedir-vos agora  
Vosso auxilio e protecção,  
Em favor, minha senhora,  
De nossa doce união !



Sois avó! — e é quanto basta!  
Seu pai hade obedecer-vos  
Cegamente e sem exordio!  
Felizes podeis fazer-nos!  
Podeis cortar — o *nó gordio*!

Tende compaixão d'aquelles  
Que soffrem mil amarguras,  
Que vivem a suspirar!  
Si o quizerdes — que venturas,  
Que paz iremos gozar!



## POR BOCCA DE UM ESQUELETO.

---

Neste craneo que vês descabellado  
Nesta ossada que a morte denuncia,  
Oh! repara em que veio a ser um dia  
Aquelle — que entre os vivos foi contado!

Eis-aqui — ó mortal! — o extremo estado!  
Tanta vaidade humana — em terra fria!  
Morta a belleza! morta a sympathia!  
Pompas do mundo em osso descarnado!

Imprudente! — suspende essa carreira!  
Como tu já vivi, — toma um conselho  
Do que jaz sepultado em vil poeira!

Ha tempos qu'eu vivi... e sou bem velho!  
Olha bem para mim... nesta caveira  
Tens do *nada* que és um vivo espelho!

---

# SEGUNDA PARTE





 MEUS  AMIGOS E  CUNHADOS

*Dr. Hermenegildo da Cunha Ribeiro Feijó*

*Joaquim Antonio de Oliveira Bastos*

*Julio Cezar de Oliveira*

*Joaquim da Silva Giesteira*

*Luigi Cremona*

UMA LEMBRANÇA

Do Author



# AMOR!

—

Amor! amor! meu sonho de mancebo!  
Minha sede, meu canto de saudade!  
Amor! — Meu coração, labios e vida  
A ti, sol do viver, erguem-se ainda!

ALVARES DE AZEVEDO.

Amor! fogo do céu, que ora me queima,  
Eu te não sinto em vão!  
Inspira-me sequer um de teus raios  
Amorosa canção!

Enche de luz o cerebro, que gera  
Tão negras phantasias!  
Céde-me essas, que tens em teus mysterios,  
Divinas harmonias!

Amar! — é ter um idolo na mente  
E n'elle a f'licidade!  
E' sonhar! — e n'um sonho deliroso  
Gozar a eternidade!

Quero, embebido em candidos olhares,  
Sentir teu facho em mim!  
Medroso suspirar aos pés da virgem  
De candura sem fim!

Sentir meus labios tremulos, gellados,  
Beijando mão mimosa!  
E o pudor revellado — docemente —  
N'um semblante de rosa!

Quero gozar as scysmas delirantes  
Em castos devaneios! —  
Ouvir melliflua vóz, sentir — tão candido—  
O ancian de uns seios!

Amor! fogo do céu! sagrado enlevo!  
Emanação de Deus!  
Illumina-me as negras phantasias  
Com um raio dos teus!

---



## A' LUA.

---

Melancolica virgem da saudade,  
Vens meiga e linda percorrendo os céos !  
Na marcha errante, despendendo encantos  
Que, triste, encerras nos pallores teus !

Filha da noite, como o céu é bello !  
Quanta ventura a desejar-se então !  
Sinto minh'alma dilatar-se em gosos,  
Ao teu sublime e divinal clarão !

Oh, sim ! minh'alma nesse doce enleio  
Esquece as mágoas, que o viver contém !  
Ri como o infante, que desperta ao berço,  
Que não tem odios, nem amores tem !

Mas tu não paras . . . tu caminhas sempre !  
Porque não pousas um instante aqui ?  
Pois eu que vivo, qu'inda amores sinto,  
Hei-de inda amores te contar á ti !

Porque tu vagas, merencoria, errante  
 Sempre scysmando, emmudecida á dôr ?  
 Sentes acaso — em teu virgineo seio —  
 O facho ardente de ignorado amor ?

Buscas, á noite, n'um silencio enorme  
 Callar teus prantos? . . . Que mudez sem fim !  
 Nunca ás estrellas, ao azul celeste  
 Contaste amores? . . . pois m'os conta a mim !

Pois eu que vivo, qu'inda amores sinto,  
 Hei de acalmar a muita dôr que tens !  
 E os meus suspiros murmurar contigo,  
 Que muda e triste dos desertos vens !

.....  
 .....  
 .....

Mas tu, tão risonha, suspensa nos ares  
 Das candidas faces vertendo o pallor,  
 Não fallas, não dizes as magoas que soffres,  
 Si é tudo um destino, si pragas de amor !

E vagas errante, banhando as campinas  
 Co'os raios que escôas de teu — aureo véo . . .  
 Deixaste os profanos prazeres da terra,  
 E as castas delicias procuras no céu ? . . .

Ou sina maldita te faz vagabunda ?  
Ou são teus segredos mysterios de amar ?  
Ah ! conta-me tudo que sentes nos seios . . .  
Porque scysmarenta caminhas no ar !

.....

Pois eu que vivo, qu'inda amores sinto,  
Hei de acalmar a muita dor que tens !  
E os meus suspiros murmurar contigo,  
Que muda e triste — dos desertos vens !



## ISOLAMENTO.

---

Virgem, por quem suspiro! — si n'ausência  
Treme o meu peito de saudade infinda,  
E' que tenho minh'alma á tua unida;  
Que muito te amo! — que te adoro ainda!

Ah! si aqui estivesses! si um presagio  
Revellasse-te o amor, que por mim erra  
Neste instante sublime, em que o silencio  
Desperta as vibrações que a lyra encerra. . .

Então talvez eu não soffresse tanto,  
E em teu regaço achasse o meu remedio!  
Não me seria a turbida existencia  
Um momento de insomnia, outro de tedio!

Esquecera que um dia a desventura  
Reclinara-se ao leito em qu'eu dormia,  
Para beber a luz dos teus encantos,  
E em cada falla tua um'harmonia!

E a gloria?... eu sedento e louco amei-a  
P'ra ser do mundo conhecido um'hora!  
Futil desejo que nutri na insomnia,  
Como me foge e me abandona agora!

A minha gloria és tu, que tens no seio  
Muito fogo do céu dormindo ainda!  
Um só dos risos teus dissipa — rápido —  
Essa fatua visão, que vem tão linda!

Deixa que os loucos sobre os cahos se atirem  
Da serração de sangue, que é a Historia!  
Mas não deixes qu'eu morra miserando,  
Sem teu sublime amor... a minha gloria!

Amo-te, como a paz os cemiterios;  
Como a virgem da noite ama os desertos;  
Como o nauta a scentelha de bonança,  
Que abranda os céos de temporaes cobertos!

Tu que tens tanto fogo nos teus olhos,  
Tanta graça de amor no rosto lindo,  
Que n'alma me ateaste o facho ardente  
Da abençoada dôr que estou sentindo...

Ergue-me altivo ás regiões celestes  
Envolvido em teu candido sorriso!  
Dá que eu troque os andrajos do infortunio  
Pelas galas de um lindo paraíso!

Não dês que um máo destino, desbemdito,  
Arroje-me no mar da inflicidade !  
E que eu vá pelas trévas — errabundo —  
Sem luz — amor ! — sem vida e mocidade !

Deixa, ó anjo, qu'esta alma que se inflamma  
Tão distante de ti, n'um céo nevoento,  
Possa um'hora sorrir no teu regaço,  
Quando os laços quebrar do isolamento !



**TU NÃO ERAS ASSIM!**

Tu não eras assim : eras tão docil !  
E sorrias alegre para mim !  
Porque motivo me despresas hoje ?  
Tu não eras assim !

Outr'ora tu beijavas minhas faces  
Com teus labios risonhos, de carmim ;  
Trançavas meus cabellos, me abraçavas...  
Tu não eras assim !

Choravas, quando eu lia os tristes cantos  
Que compuz, quando a dôr era sem fim...  
Dos meus olhos as lagrimas seccavas...  
Tu não eras assim !

E disseste uma vez : „ p'ra teu consôlo  
Foi que, á este mundo de martyrios, vim !  
Hei de mudar-te a desbêdicta sina...  
Tu não eras assim !

Sim . . . dizias que havias no futuro  
Viver sempre sorrindo ao pé de mim . . .  
Que abrandarias minhas longas dores . . .  
Tu não eras assim !

Como tudo mudou ! — és uma ingrata  
Sem piedade ou compaixão de mim !  
Si amanhã eu morrer . . . talvez sorrias !  
Tu não eras assim !





## SAUDADES !

—

Quando um dia eu te vi . . . quanta innocencia  
Tua infancia risonha perfumava !  
Quanta luz de ventura, quanto brilho  
A tua fronte angelica banhava !

Oh, que ditosa quadra ! — eras menina,  
Entre sorrisos te beijava a aurora !  
Borboleta fugaz que entre açucenas  
Dos perfumes da brisa se enamora !

Abençoada existencia ! Eden de encantos,  
Por sob um céu de vividos fulgores !  
Onde a pureza é o orvalho matutino,  
Onde os genios de Deus entornam flores !

Foi assim que te vi ! — anjo dormindo  
Em casto enleio e divinal ternura,  
Parecendo que sempre sorririas  
Em teus sonhos de amor e de ventura !

O destino, porém, em plaga estranha  
O meu fragil batel levou comsigo !  
Deus sabe o que soffri na desventura...  
Longe de ti, sem pouso e sem abrigo !

Mas nas horas sombrias do crepusculo,  
Quando a saudade languida apparece,  
Eu dizia : Meu Deus, lançaí as benções  
Sobre o anjo que — candido — adormece !

Pedia a Deus que abençoasse o berço,  
Onde, menina, tão gentil sorrias !  
Onde deixei-te respirando envolta  
Na essencia virginal dos roseos dias !

Hoje és moça, bem sei ! — talvez que n'alma  
A minha imagem te appareça a custo !  
Já de mim te não lembras... quando fallo  
Ouves-me... e foges com tremente susto !

E' que o pudôr virgineo é flor mimosa,  
Que se emmurchesse co' o contacto alheio ;  
Que vive e se alimenta desse orvalho,  
Que vem do céo, e lhe embalsama o seio !

Tudo passa ! — nas azas leva o tempo  
Os risinhos instantes da ventura !  
Depcis o esquecimento... uma mortalha...  
E o silencio da humilde sepultura !

Mas, ah ! — antes que a morte me assignale  
O caminho da immensa eternidade,  
Quero chorar . . . banhar-me nessas lagrimas,  
Que se vertem nas horas da saudade !



## SEUS ULTIMOS OLHARES!

---

M' Francisco de Freitas Vasconcellos

---

*Adeus!* — Ella me disse, despedindo-se  
Para mais ermos e longiquos lares!  
E, ao partir, lançou-me—enternecida—  
Seus ultimos olhares!

Eram de certo as expressões sublimes  
De um pensamento, que lhe veio á mente:  
Que nunca mais havia de avistar-me  
Um'hora á sua frente!

E eu repeti — *adeus!* — balbuciando,  
Embebido na luz de seus olhares!  
Co'a vista acompanhei-a — até sumir-se  
Dos meus sentidos lares!

Que poema de amor ! — quem poderia  
Traduzir emoções que ella sentio,  
Quando disse-me : *adeus* ! — n'aquelle instante  
Que saudosa partio ? !

N'aquelle hora cruel — da despedida —  
Ia a lua banhar-se em outros mares . . .  
Eram que os raios della mais tristonhos  
Seus ultimos olhares !

O mar, espreguiçando-se plangente  
Na solitaria margem prateada,  
Parecia dizer em longo arquejo :  
„ A hora foi chegada ! “

Em meu rosto pintou-se ágra tristeza,  
E verti tristes lagrimas, aos pares . . .  
Oh ! eram settas de um amor vehemente,  
Seus ultimos olhares !

Como soffri então ! — Era um deserto  
Minh'alma n'esse instante em que deixou-me !  
Ah ! porque máu destino, assim tão cêdo  
Desse anjo — separou-me ?

Que mudez sepulcral via-se em tudo,  
Sentindo a sua falta e seus olhares !  
Nunca a rôla mais terna suspirára  
Pelos nossos palmares !

Adeus! — dizia a veiga, a serra, o lago...  
Adeus! — dizia a lua desmaiando...  
Adeus! — meus labios tremulos, ardentes,  
Diziam — suspirando!

.....

Não mais a vi, não mais! — e ha longo tempo,  
Que soffro, por não vê-la, mil pezares...  
Meu Deus, nem mais vivi, dès que lançou-me  
*Seus ultimos olhares!*



✓ **SILENCIO, CORAÇÃO!**

---

Silencio, coração! — lança no olvido  
Essa dôr tão profunda que devora!  
Minh'alma na torrente do infortunio  
Em pranto amargo — solitaria — chora!

Despio-se-me o jardim das primaveras,  
E em trévas sepultou-se o sol qu'eu via!  
Só tenho, além do tumulo da morte,  
Um leito de amarguras e agonia!

Ai! mulher, qu'eu amei com todo o fogo,  
Com que pôde-se amar na mocidade!  
Vem um'hora siquer sorrir commigo,  
Que me pranteio em triste soledade!

Sabe Deus quanto eu soffro! Deus bem sabe  
Quanta magoa me queima o coração!  
Quanto luto entornou-me dentro d'alma  
O fogo intenso de voraz paixão!

Ai! porque sina me lancei no mundo  
 Onde me é tudo escuridão, deserto?  
 Enquanto eu vivo só por ti, e gemo,  
 Amas a outrem mais feliz — decerto!

Um dia eu vi-te! tu sorrias linda  
 Como a açucena rebentando á aurora!  
 Com essa graça que embelleza as almas,  
 Com esse encanto, qu'inda tens agora!

Amar! Amar! — foi meu pensar primeiro,  
 Minha scysma, meus sonhos de ventura,  
 Ao contemplar-te — candida innocencia —  
 Entre sorrisos, seductora e pura!

Quiz então innundar-me nas delicias,  
 Que espargia o perfume e encanto teu...  
 Mas... era tarde! — o teu amor — tão casto —  
 Outro colhia... mais feliz do que eu!

Bem sei! máo anjo bafejou-me o berço,  
 Onde menino despertei — sorrindo...  
 D'onde a ventura, como um som que passa,  
 Abrindo os olhos... foi-me além fugindo!

.....

Silencio, coração! — lança no olvido  
 Essa dôr, tão profunda que devora!  
 Minh'alma — na torrente do infortunio —  
 Em pranto amargo — solitaria — chora!



## LAGRIMAS.

---

Que me queres? — não vês qu'eu gemo tanto?!

Deixa-me socegar.

Tenho meos olhos humidos de pranto,

Cançados de chorar!

Ah! não venhas nas horas de tristezas

Minha dôr perturbar...

Vã tentativa! — a flôr que o vento esgalha

Não póde vicejar!

Chora o ramo do tronco desprendido...

Ninguem sente-o chorar!

Pois bem, deixa-me só, sem que se saiba,

Meo pranto derramar!

Sei que és linda! que tens no teo semblante

A magia do amor...

Mas não devo eu fruila... eu, que me nutro

De martyrios e dor.

Deixo áquelles que podem — venturosos —  
Aos destinos sorrir,  
O zelo de cuidar dos teos encantos,  
Do teo meigo sorrir !

Assim quiz minha sina ! — que imprudente  
Ousa o fado mudar ? —  
Eu vi-te ! e, sendo filho da má sorte,  
Me devo consolar !

Não para mim crearão-te os destinos !  
Eu me conheço bem !  
Sei que o infortunio me embalou no berço,  
E a desgraça tambem !

Não beija a brisa as flores despencadas,  
Que o tempo feneceo !  
Nem se enfeita de galas perfumosas  
Escuro mausoleo !

Olha e passa ! — si o estado miserando  
Mover-te a compaixão,  
Amanhã... vae resar sobre o meo tumulto  
Purissima oração !



## MALFADADO AMOR.

---

Quando sinto em meo peito uma esperança  
E um riso me tremer no labio ardente,  
E' quando penso que, em teu collo ainda,  
Heide gozar de amor — casto e innocente !

Desse amor que votei-te, loucamente,  
N'aquelle instante em que te vi sorrindo !  
Tinhas então em magica harmonia  
A luz dos aijos no semblante lindo !

Erão teos olhos languidas estrellas,  
Que vão mansinho resvalando o céu !  
E te abrigavas, pudibunda e bella,  
Entre os encantos do virgineo veu !

Nuvem que passa, perfumada e pura  
No céu risonho, que embelleza o sul,  
Não tem tantos enlevos de poesia,  
Como tu tinhas — borboleta azul !

Quanta ventura a respirar-se em tudo!  
 Que grato aroma as brisas derramavão!  
 E quanta vida! quanta luz divina  
 Teos langues olhos sobre mim lançavão!

Oh! deixa-me lembrar! — Doce é o instante  
 Qu'uma alma afflicta desconhece a dor!  
 Feliz aquelle que um momento — ao menos —  
 Frúe as delicias do — primeiro amor!

Bem vês : ainda sou ditoso! — ainda  
 Tu não perdeste os teos fieis encantos!  
 Esse amor, que enlanguedece nos teos seios,  
 Hão de accordal-os meos doridos cantos!

Hei-de dizer-te que por ti deliro...  
 Que leio em ti a inteira felicidade!  
 E que a teos pés deponho a minha lyra,  
 O meo futuro e a minha mocidade!

Hei-de... mas, não! — occultarei commigo  
 Anjo de amor, o que passar-se em mim!  
 Sosinho hei-de gemer como o oceano,  
 Sem revellar a minha dor — sem fim!

Jamais soletrarei uma só phrase,  
 Que as faces te avermelhe de pudor...  
 Morra abafado no intimo do peito  
 Meo infeliz e *malfadado amor!*



## O TEO PRIMEIRO AMOR.

(De' Marianna.)

(Em 1867.)

Teos olhos negros me disseram : ama !  
E ardi na chamma sem poder fugir !

DR. PEDRO LUIZ.

Genio de amor ! — Apparição etherea !  
Anjo — adornado de belleza e luz !  
Quem tanta graça te espargio nas faces,  
D'onde a innocencia virginal transluz ?

Quanto és formosa ! — Que ditoso amante  
Frue teos carinhos, melindrosa flor ?  
Com quem tu sonhas?—quem te occupa a mente?  
A' quem tu dás o *teo primeiro amor* ?

Essencia de ambar, n'uma urn de ouro,  
Guardas o encanto, que do céo te veio !  
Ah ! quando fallas — que divino harpejo !  
Quando enrubeces — que sublime enleio !

Flores, que a brisa matutina oscula,  
O casto incenso que remonta aos céos,  
Em si não guardam a pureza mystica,  
Qual a que exálas dos perfumes teos !

Dois astros igneos, em divinas orbitas,  
São os teos olhos — radiantes ! — bellos !  
Teos labios — rozas de encarnado esmalte !  
Preto veludo — teos subtis cabellos !

Por onde passas — seductora e linda —  
O chão, que pizas, mil amantes beijam !  
Todos te seguêm — delirando — anciosos —,  
E o teo amor, a suspirar desejam !

Mas tu, sorrindo, desdenhando affectos,  
Dizes que nunca déste o amor á alguém !  
Anjo ! — o que fazes dos teos sonhos candidos ?  
Desses mysterios que tu'alma tem ? !

O puro orvalho, que do céo goteja,  
As flores enche de celeste odôr . . .  
Sê tu o orvalho de minh'alma — ó virgem !  
Dá-me teo casto, — o *teo primeiro amor* !



## QUANDO ? !

---

Deixa-me, ó virgem, contemplar-te um' hora  
Neste languor celeste e encanto infindo !  
Oh ! como és bella assim ! — dentro em meu peito  
Quanto fogo do céo estou sentindo !

Olha : lê no meu rosto a paixão doida,  
Que teus encantos sobre mim lançaram !  
Escuta o palpar de um peito ardente,  
Onde as brasas do amor se derramaram !

Quem ao ver-te não queira possuir-te  
Anjo lindo de Deus, pomba innocente ?  
Não vês ? — eu vou ligar-me aos ternos laços  
Dessa cadeia, que me pões á frente !

E' doce a escravidão ! quem não suspira  
Em tão santos grilhões sentir-se preso ?  
Eu vou . . . mas esmoreço ! — tenho medo  
De teu desdem . . . de teu cruel desprêso !

Heide amar-te e gemer sem que se saiba !  
Banhar-me em pranto e lagrimas de sangue . . . .  
Até qu'um dia, me accenando a morte  
No areal de um sepulchro eu caia exangue !

.....

Ah ! quando quererás — nivea açucena —  
As mesmas auras respirar commigo ?  
Santificar-me da existencia insipida  
As horas que aborreço e me maldigo ?





**OH! DEIXA-ME!**

---

Oh! deixa-me!—é tarde! —matou-me a esperança  
Teu frio desde então!  
Fugiram-me os sonhos qu'eu tinha em creança  
E os risos também!

Procuras embalde na extincta fogueira  
Scentelha de luz!  
Jaz tudo apagado... só resta a caveira  
Suspensa da cruz!

Eu era um romeiro, sem pouso, sem ninho,  
Cançado de andar!  
Cegaram meus olhos... perdi meu caminho...  
Que resta? — parar.

Tu eras a estrella que a mim — peregrino —  
Servia de luz!  
Mas hoje, entre o escuro, o féro destino  
Meus passos conduz!

A luz, que me falta diante dos olhos,  
 Me impede de andar !  
 Caminho, caminho por invios abrolhos  
 Sem nunca parar !

Mas tu, caprichosa, de á muito sabias  
 O que era de mim !  
 Sorrindo quizeste trocar os meus dias  
 Por noites sem fim !

Minh'alma de fogo! meu peito de cêra  
 Continha um vulcão !  
 Ah ! não o matasses, que ainda vivêra . . .  
 Erguera-se ao chão !

Meu genio era altivo, qual aguia orgulhosa  
 No espaço a voar !  
 Mas hoje . . . andorinha rasteira, medrosa,  
 Sem azas, sem ar !

Tal foi a ventura que, em paga de amores,  
 Me deste por vez !  
 Cruéis amarguras, supplicios e dôres . . .  
 A tumba — talvez !

.....

Oh ! deixa-me ! — é tarde ! — si agora tentasses  
 Erguer-me do chão . . .  
 Um corpo sem alma talvez encontrasses,  
 E sem coração !

---

## N'UMA ILHA.

—

*M' M. J. Catanheda Junior.*

---

Aqui, amigo, a natureza é outra !  
Ha mais inspirações, mais harmonia !  
Não sente-se no peito a dôr que apaga  
As santas illusões da phantasia !

Sinto-me renascer ! de novo sinto  
As castas emoções da mocidade,  
Quando ainda — menino — eu respirava  
Sob um céu de risonha f'licidade !

Tudo é festa e sorriso ! — tudo inspira  
Amorosas canções, sagrados hymnos !  
Não vês ? — a minha lyra empoeirada,  
Esquece que foi martyr dos destinos !

Esqueço as amarguras, que gellaram  
Na doce infancia o meu primeiro amor !  
Que lançaram-me ás cegas r'um sepulchro  
Feio . . . sinistro . . . de fatal negror !

E' que estas arvores, este céo tão lindo,  
A fresca viração, tão puros ares,  
E' a luz da bonança, que apasigua  
Enraivecidos, procellosos mares !

Ah ! minha vida foi medonha e negra !  
Fragil batel da tempestade ao meio !  
Acima — eu via um céo de immensa treva . . .  
Abaixo . . . o abysmo luctulento e feio !

Bem quiz erguer-me ! — Debatí-me em balde  
Co'o furacão maldito da desgraça,  
Que tudo esmaga em vomitos de fogo  
E vai abrindo as covas onde passa !

Mas . . . tudo esqueço ! — Neste lar tão santo  
Tudo respira f'licidade e riso !  
Aqui deixára, Deus cahir venturas  
E as delicias de um novo paraíso !

Vivo de novo ! — a inspiração n'est'hora  
Bafeja a minha frente empallecida !  
Heide amar e sorrir ! — cantar de novo  
Cheio de enlevos, mocidade e vida !

## DELIRIOS.

---

Um dia, quando o corpo meo, — cadaver —,  
Fôr atirado ao lôdo e terra impura,  
Fugirão as visões que me acompanham,  
E o socego acharei na sepultura !

Ali repousarei ao som dos môchos  
Habitantes do humilde cemiterio . . .  
Ninguem ha-de escutar os meos gemidos  
Tão tristes sempre, e cheios de mysterio !

Quem veio um dia amortecer-me as dores  
Co'uma falla de amor ou de piedade ?  
Rio-se o mundo de ver-me pelas trevas  
Sem um raio de luz e f'licidade !

E vinte annos de vida ! — mais um dia  
Meo sol se apagará no escuro occaso !  
Irei beijar as urzes do sepulchro,  
Eu que amo a vida, e que de amor me abraso !

E a ti, mulher, por quem gemi de angustia  
Em amorosa scysma e casto enleio,  
Eu escondia o meo soffrer, embora  
O pranto apóz me requeimasse o seio !

Nem sei si um dia o percebeste, quando  
Sentias minha mão tocar na tua !  
Sei que teos labios de coraes se ornavam,  
E qu'eu tomava a pallidez da lua !

Mas nunca o labio meo um só momento  
O encanto desvendou de tal segredo,  
Qu'eu vou rompê-lo, á minha noiva . . . a morte  
Que vem commigo se deitar tão cedo !

Oh ! bem que vejo-a ! para mim caminha !  
E tem da virge' o — seductor quebranto !  
Procura, anciosa por me ver soffrendo,  
N'um beijo ardente, arrefecer meo pranto !

Hei-de, em silencio, m'envolver nas trevas  
Sem que me veja e me pranteie alguém ! . . .  
No frio leito, que apontar-me a morte,  
Eterno somno dormirei também !

.....

Meo Deos ! que digo ? — que sinistra idéa  
Róla-me n'alma, que de amor sorria ?  
Deixar o mundo qu'eu amei ! — tão cedo  
Deitar-me em tumba descarnada e fria ?!

Ah ! formosa mulher, se um dia ainda  
O amor, que nutres, me queimasse o seio,  
Entre esperanças, me ergueria á vida,  
Eu que aborreço-a, e que por ti me odeio !



## IMO A PECTORE.

---

Tal é o meu destino miserando

A. HERCULANO.

Eras um anjo! — em teu scysmar virgineo  
Inda a innocencia adormecia em riso!  
A um gesto teu um novo céo se abria  
Promettendo um terrestre paraíso!

Negras madeixas, tremulas, pendiam  
De tua fronte em mysticos perfumes!  
Tinhas no labio as harmonias santas,  
Dentro dos olhos dous celestes lumes!

E sorrias então! — vias em tudo  
Doces encantos de um sonhar dourado!  
Nutrias no teu seio o facho ardente  
De um casto e intenso amor — abençoado!

Foi assim qu'eu te vi! menina e bella  
Ia-te a vida melindrosa e calma!  
Não tinhas a temer que máo destino  
Negros tormentos te espalhasse n'alma!



E eu quiz colher teus raios luminosos  
Que sobre mim vertião teus encantos,  
Buscando no silencio de meu peito,  
Dál-os a ti — meus hymnos e meus cantos !

Mas . . . tu passavas seductora e linda,  
Sem o peso sentir da minha cruz !  
E nem sequer um teu olhar de fogo  
Vinha inundar-me o coração de luz !

Meu Deus ! que sina ! — solitario e triste,  
Eu te seguia como a sombra á flôr !  
Sem que meu peito revelasse, ao menos,  
Uma só phrase do infeliz amor !

E eu sempre mudo, como a paz de um tumulo,  
Quanto soffria nunca disse-o álguem !  
E a minha lyra emmudeceu na poeira . . .  
Nem mais um canto solucei tambem !

Hoje caminho, merencorio, em prantos,  
Banhando a frente de tristesa infinda . . .  
Sabem que gemo . . . que definho aos poucos . . .  
Mas ninguem sabe porque soffro ainda !



## IDOLO PARTIDO.

---

Idolo de um louco amor, que dissipou-se,  
Que pretendes de mim que me pranteio ?  
Porque sorris agora que estão murchas  
As rosas da esperança do meo seio ?

Porque vens como outr'ora — radiante —  
Trajando as gallas de um azul celeste,  
Pousar junto de mim que tenho apenas  
A escalavrada tumba e um cyprestel?

Eu já não posso amar! . . . Deixa qu'eu durma  
O somno extremo do sepulcro . . . e só !  
Té que o verme faminto, a larva impura,  
Faça o meo corpo reduzir-se a pó !

E' duro a morte no verdor dos annos ;  
Fagnar-se á aurora vicejante flor !  
Mas é mais duro se viver amando  
E pelo mundo não achar-se — o amor !

Amor ! — encanto que fascina as almas !  
 Sonhos dourados que dos céos nos vêm !  
 Eu não vivera, si na vida obscura,  
 Um'hora, ao menos, não amasse alguém !

E foi a ti, a quem liguei minh'alma  
 Profana, embora ! mas capaz de amar !  
 Cheia de febre, de emoções sublimes,  
 Quiz teos encantos sobre mim gozar !

E dei-te as flores que colhi na infancia,  
 A gentil mocidade, e o porvir meo !  
 Assim quizesse abrigar-me um'hora  
 Sob o, de amores, venturoso céu !

Já sei, donzella ! — macular-te iria  
 Os seios castos a afeição que eu tinha !  
 „ Louco ! “ disseste... e caminhaste adiante !  
 Rindo, de certo, da loucura minha !

Fatal desdem ! — o desengano amargo  
 Gelou-me as quentes pulsações do peito...  
 Depois a morte, ao pé de mim surgindo,  
 Disse-me : „ dorme... eu velarei teo leito ! “

Então deitei-me ao lado seo... (Que sina !)  
 E' tão frio o lençol em que me enrolo !...  
 Quero ás vezes chorar... gemer ainda...  
 Mas a morte acalenta-me no collo !

.....

Vai sorrir pelo mundo... vai á outrem  
Dar esse encanto que te faz tão bella !  
A morte é minha irmã... véla meo leito...  
Quero nas trevas suspirar com ella !

Amei-te ! e muito ! — si pudesse ainda  
Sorrir á vida, só amára a ti,  
Que desfolhaste a linda flôr d'enlevos  
Dessa esperança, que animava a mi !



## ERGUE-TE!

---

M. M. M. M. P.

(1858)

Maldito é o homem que se torna escravo,  
E esquece um dia que nasceu senhor!

DR. TRÊXEIRA DE MELLO.

Um dia illuminou-te a phantasia  
Um celeste ideal de mago encanto ;  
E tu, embevecido em casto enleio,  
A' Deus ergueste o teu primeiro canto !

Era um canto de fé e de esperanças,  
Ungido de pureza e castidade,  
Que remontava a um céu, onde tão cêdo,  
Soletravas a inteira f'licidade !

Menino ainda ! — e o coração tão cheio  
Dessas crenças fieis, que o berço enfeitão,  
Ias colhendo — no jardim da vida —  
Essas flores d'amor, que a alma deleitão !

Que aurora tão risonha ! quanta imagem  
 Além — a debuxar-se no horisonte !  
 Quanta luz em redor ! quanta harmonia !  
 Quanta ventura a corôar-te a fronte !

Era que tudo a ti saudava ainda  
 Nessa quadra infantil de teus amores,  
 Onde não ia a nuvem do infortunio  
 Turbar os lindos céos co'os seus negroses !

Mas o tempo passou ! — a mocidade  
 Veio encontrar-te venturoso ainda !  
 O teu sol era o raio luminoso,  
 Que partia *d'aquella* face linda !

Tua vida era — *Ella!* era o teu genio !  
 Tuas scysmas, teu idolo sagrado !  
 N'alma lhe vias — um altar de crenças ;  
 No casto seio — um templo abençoado !

Mas . . . quem prevê no gozo da bonança  
 Maldito furacão que tudo esfolha ?  
 Quem diz se, a que hoje lê, no aventureoso  
 Livro de amor, lhe seja a ultima folha ? !

Entretanto a tormenta arrebetando  
 Em trévas sepultou o céu que vias !  
 E despertaste de um sonhar dourado,  
 Sobre um leito cahindo . . . de agonias !

E sem mais esperanças do futuro,  
E uma gotta de amor que orvalhe o seio,  
Sentes tu'alma de praser vasia,  
E o amante peito de martirios cheio !

Pobre do nauta a debater-se embalde  
Contra as vagas funestas do destino !  
Bem vês : além das trévas, que te cercam,  
Tua estrella apagou-se ! . . . a de menino !

E' que a ventura é como um meteóro,  
Que brilha e desaparece pelos áres ;  
E a vida um navegar por entre escólhos  
De enraivecidos, procellosos mares !

Ergue-te, pois, dessa apathia e tédio,  
Em que lançou-te o desalento e a dôr !  
Na longa luta dos vaivens mundanos,  
O homem é sempre das paixões senhor !

## ESPERANÇA MORTA.



Dizer posso: existi; que a dor conheço!  
Do goso a taça só provei por horas!  
E serei teo — calado cemiterio —  
Que engenho, gloria, amor, tudo devoras!

A. HERCULANO.

Adeos, anjo de amor, que illuminaste  
Minhas noites de tedio e de amargura,  
De santas illusões, de gratos sonhos,  
De sorrisos, anceios e ventura!

Já não sinto commigo a lava ardente  
D'aquelle intenso amor que me ateiaste,  
Quando outr'ora — dourada borboleta —  
No meo jardim de amor, rindo, pousaste!

Era-me a vida então — arca de encantos!  
Um remontar de casto incenso a os céos!  
Uma prece de timida donzella,  
Ante os altares paternaes, de Deus!



E que sol! que risonha primavera!  
Que lindo céo de azul! quanta harmonia  
Eu não gozava, reclinando a fronte,  
No teu collo que, candido, tremia!

Sentia em mim um anciar celeste,  
Muitas scysmas de amor e f'licidade!  
Indizível prazer por dentro d'alma  
Cheia de luz, esp'rança e mocidade!

E vivia desse ar que respiravas!  
Do fogo que teos olhos desprendiam! —  
Ah! os enlevos de um gozar tão santo  
Mais risonhas venturas promettiam...

A mim... que á ti prenda a minha sina!  
Que as palmas do porvir lancei-te aos pés!  
E que tu esgalhaste-as de mim rindo...  
Rindo de mim porque te amei talvez!

De mim... de quem desdenharás — matando! —  
Que, em prantos, regemi no meu delirio...  
Do louco que por ti queimou seus dias  
Aos raios do infortunio e do martyrio!

Oh! riamos de tudo! — a vida é bella!  
Quadro sublime de magia infinda!  
Amanhã... entre os vermes do sepulcro  
Do meu cadaver rir-te-has ainda!

.....

Meo Deos! — que insipidez! que tédio, agora  
Que tenho em frente um arido deserto!  
Tudo o tempo consome! — antes da noite,  
Hei-de morrer... hei-de morrer de certo!

Embora! — si a esperança hoje me foge  
Outro que goze dos carinhos teos...  
Eu saberei na muda sepultura  
Callar tanta afeição e os sonhos meos!



## ACABOU !...

— — —

(1858.)

E perdi-a ! — e nem mais uma esperança  
Sequer me alenta nesta dor terrivel !  
Qu' hei-de, não mudo só, porem me rindo  
Devorar em segredo até a morte !

DR. LAUBINDO.

Acabou ! — foi um sonho vaporoso !  
Uma doce illusão ! um pensamento !  
Um facho ardente que expirou nas trevas  
De um céu tempestuoso e nevoento !

Meo Deus ! e quanta fé, quanta esperança  
Commigo alimentei no meo delirio,  
Sem que um riso de amor um'hora ao menos,  
Minha dor abrandasse e o meu martyrio !

Gemi sosinho ! no silencio ás vezes  
Linda Fada do céu vinha em meos sonhos...  
Que talhe ! que ideal ! tinha seos labios  
Vermelhos sempre, e sem querer risonhos !

Amei-lhe as formas divinaes, airosas,  
 O alabastrino collo, o aspecto lindo !  
 Tão bella, é certo ! — d'um olhar de fogo,  
 Tinha ainda no seio o amor dormindo !

“ Não a dispertes, lhe eu dizia, oh ! nunca  
 Quebres o encanto que de Deus te vem !  
 Dorme, creança ! — Deus te véla ao leito !  
 Ninguém teo somno turbará, ninguém !

Mas ah ! do mundo seduzio-lhe o encanto !  
 Louca ! atirou-se sobre o mar da vida !  
 E eu vi as graças se fanarem todas . . .  
 Tanta innocencia e tanta luz perdida !

Quiz retrahil-a ! — “ aonde vás ? — que fazes ?  
 Porque te manchas em maldito lôdo ? — „  
 Disse-lhe a medo. Para mim sorrio-se . . .  
 Riso de morte que gelou-me todo !

Era esse riso, que se escapa dos labios,  
 Envolvido de escarneo e de ironia,  
 De quem as noites passa mal dormidas  
 Entre as lascivas saturnaes da orgia !

Mas eu que amei-a ! que vivi por *ella* !  
 Que minh'alma votei ao encanto seo,  
 Perdi tambem a fé, vendo-a perdida  
 Sem um raio sequer da luz do céo !

.....

Acabou ! — foi um sonho vaporoso !  
Uma doce illusão ! — um pensamento !  
Um facho ardente que expirou nas trevas  
De um céo tempestuoso e nevoento !



## A' UM CANTOR.

---

M. L. C. P.

Bem cedo o pranto requeimou-te os cilios!  
Bem cedo a magoa lacerou-te o seio!  
Bem cedo a nuvem negra da desgraça  
As doces illusões partio-te ao meio!

E o que resta d'aquellas phantasias  
Que doiravão teus sonhos de menino?  
A insipidez em tudo... enorme tédio  
D'um'alma a debater-se co'o destino!

Imprudente! não viste o fundo abysmo  
Em que — cego de amores — te perdias!  
Deixaste o teu batel vogar a esmo,  
E, da tormenta, em meio, inda dormias!

Oh! fatal furacão rugio medonho  
E despertou-te do profundo somno!  
E entre um mar procelloso, e um céu de negro,  
Entoaste o teu canto do — ABANDONO! —

Nem sequer esperança tinhas n'alma  
 De repousar um unico momento !  
 Não vias de ti perto um porto amigo,  
 Nem estrella, nem luz no firmamento !

E apóz, sentindo ennevoar-te a fronte  
 O marmoreo pallor da sepultura,  
 Ergueste então um brado de — DESCRENÇA,  
 Vendo que te acenava a sepultura !

Lêste nos tectos lúgubres do tumulo  
 A mudança de tua amarga sorte !  
 E, sombrio, atravessas a existencia  
 Tendo no coração friez de morte !

Foi por *Ella!* *Ella* só! — quem deixaria  
 De a tanto encantamento erguer altares ?  
 Quem não se perderia, contemplando-a  
 No scintilhar dos candidos olhares ? !

Como é linda ! — Na fronte desse archanjo  
 Sellára Deus o cunho da belleza !  
 Na vóz della . . . que doces mellodias !  
 Nos seus labios — que rosas de pureza !

E tu amaste-a, como se ama a vida  
 Quando começa desbrochando em flôr !  
 Como se ama a quanto é puro e lindo,  
 Como se ama ás illusões do amor !

Mas, ah ! — de balde alimentaste n'alma  
O fogo errante de paixão infinda !  
A ingrata escarneceu de teus affectos . . .  
E tu pretendes adoral-a ainda ? !

Dissipa essa tristeza, que te cerca,  
E modera o teu pranto e a tua dôr,  
Esquecendo-a, mancebo ! — as almas fortes  
Vencem, sorrindo, as seducções do amor !





## **ALEM TUMULO.**

— — — — —  
Ah! si eu triste no mundo poudesse  
Como outr'ora viver, respirar . . .  
Não soubera dizer-te os ardores  
Que o sepulchro não pode apagar !

GONÇALVES DIAS.

Não tremas ! — não pertença ao mundo impuro  
Lago de sangue, que ennegrece a vida !  
Tenho no labio o gêlo do sepulchro . . .  
O peito exangue . . . a côr e a luz perdida !

Esta sombra funérea, que te segue,  
E' o vaporoso sêr, a fria imagem  
Do meu corpo — atirado á desventura, —  
E succumbido em meio da viagem !

Deixa, pois, qu'eu te siga ! — Quando outr'ora  
Errei nas trevas mendigando amor,  
Embalde delirei pelas insomnias  
Sem allivio encontrar á intensa dôr !

Amei-te muito ! — e ainda além do tumulto  
Subtil facho de amor arde-me ao peito,  
Embora em torno á mim ergua-se o crepe,  
Que a morte escura arremessou-me ao leito !

Amei-te ! — desse amor que os anjos amão !  
Que o mundo não conhece, que é mysterio !  
Que o peito não revela, e que não morre  
Entre os mudos chorões de um cemiterio !

Vivi então da luz de teus encantos !  
Dessas graças gentis do teu semblante !  
Dos ares de ventura, que entornavas  
Ao respirar teu seio palpitante !

Mas, ah ! zombando desse amor — tão louco —  
Calcaste-o todo, esmigalhaste-o aos pés !  
Eras menina ! . . . nem sentir podias  
A dôr que o triste estortegou — talvez !

Embora ! — é toda a vida uma comedia  
De feio aspecto, de fatal negror,  
Onde se perdem illusões da infancia,  
Crenças de fé, inspirações de amor !

Que tem a morte ? — longo somno extremo,  
Que purifica as almas e as renova . . .  
As carnes corrompidas do profano  
O verme impuro devorou na cova !

.....

Pódes amar-me agora, sem que o pejo  
Succeda á linda côr do teu semblante :  
Tenho ainda p'ra ti dentro do peito  
Um poema infinito, um céu brilhante !

Ah ! si das turbas me apartei, cadaver,  
Si o mundo inteiro já me tem por morto,  
Sabe qu'eu não morri. . . que além do tumulo  
N'um teu sorriso encontrarei conforto.



## NO ALBUM DE UM MENINO.

*Al Poggio de Oliveira.*

Tu, que — innocente — pelo mar da vida  
E's destinado a percorrer, como — eu ;  
Que tens ainda as illusões da infancia,  
E as doces crenças, que te vêm do céu :

Olha o presente que te cerca em risos,  
E a mocidade que desabrocha em flor !  
Tudo é ventura para ti, que vives,  
E não te inflammas pelo sol do amor !

Podes sorrir enquanto a aurora é linda,  
E tens nos ares um celete azul !  
Sempre são bellas as visões douradas  
Dessas paisagens que se vêm no sul !

Na tua idade (quando o amor nos chama)  
Ama-se a tudo quanto é puro e lindo !  
Mas ai d'aquelle a quem o amor subjuga . . .  
N'um véo de trevas ficará dormindo !

Eu que assim fallo, meu gentil infante,  
E' porque sinto seu fatal clarão,  
Que tudo esgalha, despedaça tudo,  
Como as rajadas de infernal tufão !

Ah ! nunca espinhos, que meus pés ferirão,  
Possão, malditos ! te ferir também !  
Longo é o deserto que as paixões povoão . . .  
Um céu de bronze temporaes só tem !

Eu, peregrino, pelo mar da insomnia,  
Fui muitas vezes da tormenta ao meio,  
Buscar um chão, em que estendesse o corpo . . .  
Nem mesmo a morte, que invoquei, — me veio !

N'um mundo esteril, minha flor viçosa,  
Onde se intenta alimentar o — amor,  
Tudo se perde — como um som que passa !  
Tudo se enluta de amargura e dôr !

Eu que assim fallo, meu gentil infante,  
E' porque sinto seu fatal clarão,  
Que tudo esgalha, despedaça tudo,  
Como as rajadas de infernal tufão !

Ah ! nunca busques — n'essa paz tão doce —  
Lançar teus olhos para um vão fulgor !  
Volve-os aos céos, e só d'ahi te venha  
O puro, o santo, o abençoado — amor !

---

## O QUE RESTA ?

---

Calar minh'alma ás emoções mais santas ;  
Sentir, na insomnia, suspirar meu seio ;  
Ver todas murchas — juvenis capellas,  
E a minha lyra espedaçada ao meio . . .

Eis o que resta de illusões sonhadas  
N'aquelle tempo que eu sorria em flôr !  
Quando em meus dias via um céu dourado,  
E tinha n'alma o soluçar de amor !

Dessa ventura, qu'eu previ na infancia ;  
Desses enlevos d'um scysmar sem fim,  
Eis o que resta ! — indifferença e tedio . . .  
Asco p'ra vida que me encerra em si !

Nem um sorriso ! — a natureza inteira  
Lança-me ás faces sepulcral pallor !  
Não tenho um pranto no dorido peito,  
Cedo mirrado de amargura e dor !

Tudo apagado como a luz que expira ;  
Tudo cadaver que apodrece ao chão...  
Tudo mentira, fingimento, engano...  
Eis —o que resta — de fatal paixão !

.....

Virgem de amor, que para mim sorrias,  
Ah ! como nunca tu sorriste álguem !  
Porque lançaste em meu amor de fogo  
O teu desprezo... o teu cruel desdem ?...



## VIVE! AMA!

---

Amor é seiva que alimenta a vida!  
Balsamo santo, que do céu nos vem!  
Ama, donzella! — o teu sorriso angelico  
Doce pureza, como os lyrios, tem!

Feliz aquelle que colher-te ao valle,  
Onde vicejas — melindrosa e pura!  
E um dia, ao menos, respirar o aroma,  
Que vem de tua virginal candura!

Tudo seduz na primavera linda!  
O sol desprende divinal fulgor!  
E' tudo encanto! — a mocidade é riso!  
O riso é vida! e essa vida — o amor!

Ah! quem me dera que no peito ainda  
Nutrisse o germen que alentei outr'ora!  
Era a esperança... que me fez ditoso!  
Era a esperança... que me foge agora!



Era a esperança ! e si a tivesse ( é certo ! )  
Louco me erguera para um céu de amor !  
Lendo esse encanto que te enfeita, ó virgem !  
Lendo em teus labios infantil candor !

Mas... ai da flôr si o furacão maldito  
As debeis pet'las esfolhou no chão !  
De tanta essencia o que lhe resta ?... apenas  
Um tronco secco... sem perfume então !

.....

Tal eu me sinto — desgarrado ao ramo,  
Que me deu viço, que me deu frescor !  
E assim, de longe, te contemplo— ó virgem—  
Entre sorrisos, mocidade e amor !



## ILLUSÕES PERDIDAS.

---

Ah! para siempre adios! — vano es ahora  
Acariciar memorias de ventura,  
Voló y a ilusion de la esperanza....  
Y és vano amar sin esperanza alguna.

D. JOSÉ ESPRONCEDA.

Ah! porque me procuras? — porque ainda  
Revolves do passado os roseos dias?...  
Não vês? — indifferentes nos olhamos,  
Mudos, inertes... como estatuas frias!

Todo o brilho fugio-te aos meigos olhos,  
E perdeste a belleza dos encantos...  
Róla morta a esperança em nossas almas,  
Como no leito da miseria — os prantos!

Que sina! e que viver de terno enleio  
Não era aquelle qu'en sonhei contigo!  
Como era doce o teu sorrir de amores!  
Quanta ventura não nutri commigo!

Delirar em teu collo... em teos joelhos  
Reclinar minha fronte enfebreçada...  
Beber o ar que respiravas... n'alma  
Sentir as doces illusões da vida...

Era n'um berço de visões douradas  
A mocidade rebentando em flor!  
Era de certo a f'licidade inteira  
Sorrindo em céos de abençoado amor!

Mas o tempo passou! — levou nas azas  
Todo o ideal e a louca fantasia!  
A' mim gelou-me o coração no peito  
Que, de tanto calor, é cinza fria!

E a ti? — pergunta-o á pallidez da lua...  
Quem prescruta o mysterio qu'ella esconde? —  
Ninguem a vê sorrir.... é sempre triste....  
Si alguém ousa fallar-lhe — não responde!

Tal és, flôr desbotada! — em tua fronte,  
Onde pousava jovial ternura,  
Veem-se apenas apagados traços  
D'uma, que ali reinára, formosura!

Nossa vida era um pômo abençoado,  
Rosado como o lindo céu da tarde!  
Não era immenso o meo amor? pois olha:  
Eu tenho um coração que já não arde!

Não sinto mais no peito irregelado  
Aquelle fogo de visões celestes !  
Só vejo, quando em torno os olhos lanço,  
Chorões, roxas saudades, e cyprestes !

Como tudo se acaba ! Hoje eu não quero  
Mais do que a fria e humilde sepultura,  
Onde role o meo pallido cadaver,  
E me transforme em pó e terra pura !

Eis a ultima de tantas esperanças,  
De tanta inspiração e phantasia !  
MORRER ! — no escuro tumulo esquecer-me  
D'aquellas loucas illusões de um dia !



## AINDA !

— — —

Ergo-me — ainda ! — do funereo leito,  
Onde o meu corpo arremessaste um dia !  
E vou de novo me aquecer aos raios  
Da luz que te allumia !

Vou . . . (quem sabe ?!) — talvez buscar conforto,  
Onde o sol da ventura não rutila !  
Onde o gélido da tua indiferença,  
As almas aniquila !

Vou . . . qu'importa ? — arrojá-me, miserando,  
Aos pés da ingratição, que te faz linda !  
Esmolar um só riso para allivio  
Da magua que não finda !

Sim ! por ti, como a louca mariposa,  
Irei queimar-me á luz de teus primores !  
Depôr, inda uma vez, em teus joelhos,  
Meus tímidos amores !

Dizer : „ eu te amo ainda ! e sinto n'alma  
Aquella doce inspiração d'outr'ora,  
Quando o genio pousava em minha frente,  
Que empallidece agora ! “

Ai ! amei e soffri como um proscripto !  
Ninguem se condoeu do meu tormento !  
Eu ia já caminho da descrença . . .  
Mas ergo-me um momento !

Embora de mim fujas . . . muito embora  
Lances-me ás faces teu cruel desdem,  
Eu seguirei teus passos, sem que o vejas,  
Sem que o saiba alguém !

Serei ditoso contemplando — ao menos —  
Os teus encantos — perfumada flôr !  
Já que me negas um olhar de amante !  
Um sorriso de amor !



## JÁ NÃO CANTO!

---

Tu me pedes, meigo archanjo,  
Uns versos feitos á ti . . .  
Ah! eu já não faço versos,  
Nem os faço para mim!  
Mal sabes quanto tormento,  
Quanta dôr, quanta afflicção  
Alimento dentro d'alma!  
Me lacéra o coração!

Minha lyra está quebrada . . . .  
Tenho o peito frio e mudo,  
Embora em torno de mim  
Vegete e floresça tudo!  
O amor roeu-me as entranhas;  
Fez-me martyr d'amargura . . . .  
Até qu'um dia lançou-me  
De encontro na sepultura!


Mocidade! amor! poesia!  
Animavam o genio meo!  
E a minha vida era linda  
Como uma estrella do ceo!

Era a fé que me emballava,  
Era um perfume de flores,  
Era a infancia abençoada  
Dos meos primeiros amores !

Hoje . . . sem mais esperança,  
Sem um peito para amar,  
Eu já não sinto a poesia  
Em minha fronte pousar !  
Hoje tudo é morto e frio  
Dentro do meo coração . . . .  
Acabaram-se os amores !  
Acabou-se a inspiração !

.....

Não me peças, meigo archanjo,  
Uns versos feitos á ti . . .  
Pois eu não faço mais versos !  
Nem os faço para mim !  
Ah ! si eu cantasse, se ainda  
Poudesse ao mundo sorrir,  
Te daria nos meos cantos  
Meo presente e o meo porvir !





## MEU PASSADO ?

---

Meu passado ? — foi negra tempestade,  
Que meus dias de riso ennuviou !  
Foi um tufão maldito, que as florinhas  
Do meu jardim de amores desfolhou !

Meu passado ? — foi véo de um nevoeiro,  
Que o céu da minha vida ennegreceu !  
Uma noite de trevas infinitas,  
Que a luz dos olhos meus escureceu !

Meu passado ? —foi leito em que a desgraça  
A descarnada fronte recostou !  
Foi um crepe funereo, que meu corpo  
Exhausto de desgosto — amortalhou !

Meu passado ? — foi serie de martyrios,  
De descrenças, de tédio e de illusão !  
Quando em sonhos minha alma delirava,  
Já estava amortecido o coração !

Meu passado ? — é um abysmo, tão profundo  
Que ninguem, nem eu mesmo, hade escutar !  
Quem já quebrou o encanto de um sepulchro ?  
Quem já ouviu de um morto a voz soar ?

Meu passado ? — é um mar tempestuoso  
Onde fragil batel vogava á esmo !  
Um deserto sem fim, por onde eu ia  
Esquecido de Deus, e de mim mesmo !

Oh ! mysterio sublime ! O meu passado  
E' o tumulo que esconde o meu soffrer !  
Ninguem hade o epitaphio soletrar-lhe :—  
Ninguem ! . . . nem mesmo ainda si eu morrer !

Cantar o meu passado, era lembrar-me  
De tudo quanto busco me esquecer :  
Era — de certo — procurar a morte  
Nos momentos — tão curtos — do viver !

.....

Oh ! donzella gentil, por que me pédes  
Que eu escreva as lembranças do passado ?  
O que eu posso dizer ? — que Deus é grande !  
Que perdoou á um filho desgraçado !

---

## MARION — MAGDALENA.

---

Oh ! n'insultez jamais une femme qui tombe !  
Qui sait sous quel fardeau la pauvre àme succombe !

V. Hugo.

Deixai que ella penetre o interior do templo !  
Da humilde, oh ! não zombeis, modernos phariseus !  
A triste arrependida, em longa penitencia,  
Quer orações fazer junto ao altar de Deus !

Oh ! vêde : ella pranteia ! — a sua frente é livida !  
Profunda dôr lhe esmaga o afflicto coração !  
De louca Marion tornou-se Magdalena,  
Que busca, em prece ardente, a cruz da redempção !

Quem sabe o que ella soffre ? — e que alma malfazeja  
Jogára em lodo impuro a perola de encantos ?  
Que destino cruel — na flor da mocidade—  
Obrigou-a á trocar os risos pelos prantos ?

Oh ! não lanceis o escarneo á victima, qu'implora  
A compaixão dos homens e o perdão de Deus !

Tudo lhe foi fatal . . . a fé hoje a encaminha,  
A fé, que as almas salva e as leva para os céos !

Su'alma, como um hymno, aos pés de Deus se eleva  
Tão puro como o insenso, embalsamando o altar !  
Qu'importa se mesclasse em lodo de miserias,  
Si, em puras agoas, hoje, a fronte vem banhar ?

Ah ! não lhe obsteis a entrada á casa do *Senhor*,  
Que Deus todos acolhe em sua infinda graça,  
Ou seja o que sorri nas gallas da opulencia,  
Ou o humilde, que chora, em meio da desgraça !

Escarneceis ? — porque ? hypocritas sem alma !  
O que vindes fazer no Templo abençoado ?  
Que fé nutris comvosco ? . . . assim é que se acolhe  
Aquelle que se abate e prostra-se humilhado ? !

Bem que podia, ainda, a victima que vêdes,  
Em sumptuoso luxo — aqui — se apresentar . . .  
Não vem, porém captar a multidão de amantes,  
Mas — penitente e humilde—aos pés de Deus orar !

.....

Sahi, almas sem fé ! sahi ! — abra-se o espaço ! . . .  
Deixai que *ella* penetre o interior do Templo !  
Almas corruptas, vis ! — zombais da arrependida  
Em vez de — na oração — seguides-lhe o exemplo !



## AMOR SEM FIM.

Tienne mas de vaporosa sombra,  
De inefable vision, — que de mujer !

ZORILLA.

Teo rosto é bello ! — o teo olhar de fogo !  
Teos labios rosas de carminea côr !  
E' teo sorriso a f'licidade inteira !  
Teo meigo encanto — um lindo céu de amor !

Não sei si vens de regiões celestes,  
Si és uma imagem deste céu do sul :  
Si és uma idéa que me doutra os sonhos,  
Ou si uma estrella a resvallar no azul !

Si acaso intento contemplar-te um'hora  
Gélo minh'alma de febril tremor . . .  
Não sei si é medo o que commigo sinto,  
Ou si os enlevos d'um sublime amor !

Ah ! tu archanjo de pureza, — um dia  
Me não dirás porque nasceste assim ?

Quaes são as graças, que te ameigam tanto?  
Que genio é esse, que me prende á ti?

Falla-me, ó virgem! — si esmoreço ao ver-te,  
Hei-de animar-me. . . fallarei tambem!  
Tudo ouvirás d'um coração, que geme,  
Sem que se saiba, sem que o sinta alguem!

Bem vês : eu te amo! — pois no meo silencio  
Sonho venturas, que só leio em ti!  
Mas. . . . tenho medo de nutrir commigo  
O facho ardente desse *amor sem fim!*



## NO ALBUM DE UM AMIGO.



*Ex abundantia cordis os loquitur...*

Que me queres, amigo? — que pretendes  
De mim, alma de um louco n'agonia?  
Qu'eu vá depôr um canto no teu album,  
Jardim de grato aroma e de poesia?

Eu, que fusco horizonte descortino;  
Que leio em minha sina a dor e o pranto;  
Que, sem fé no porvir os olhos volvo...  
E ainda buscas escutar meo canto?

O que póde cantar uma em trevas?  
Que sol lhe dará luz á phantasia?  
Ruge feia a tormenta em céos de bronze,  
Onde a morte, em livôres, se annuncia!

Pois bem; eu cantarei... meo canto é triste!  
Alguem ouviu-o, e o despresou sorrindo!

Aceita-o, porem, tu, que sentes n'alma  
O mesmo qu'eu agora estou sentindo !

**FANTASMAS.**

Au banquet de la vie infortuné convive  
J'apparus un jour et je meurs!....

GILBERT.

Ai! eu tremo, meo Deos! que negra idéa  
Accommette-me o cerebro nest'hora!  
Quanta scysma de morte! quanto luto  
Em tudo o que me cerca, eu vejo agora!

A' quem buscas, visão que me acompanhas?  
Porque vejo-te á mim sempre seguindo?  
Sou por ventura um louco que delira,  
Ou é mentira tudo—e estou dormindo?

Ah! bem sei que não durmo! — No meo leito  
Eu vi sentar-se a negra desventura!  
Foi ella quem turbou meos castos sonhos,  
E abriu-me a magra e feia sepultura!

Quanto soffro, meo Deus! — mortal secure  
Rasgou enorme abysmo no meo peito!  
Ahi enterro as illusões da infancia...  
E' ahi, da minh'alma, o escuro leito!



Anjo! porque me estás chamando á vida?  
Por ti sinto de amor fatal delirio!  
Antes que a morte intente cobiçar-me,  
Vem pranteiar commigo o meo martyrio!

Morrer — não é levar ao cemiterio  
O corpo envolto em galas funeraes!  
A verdadeira morte é a morte d'alma,  
Que as illusões dissipa... e deixa o mais!

Oh! como é tarde! vejo o sol no occaso!  
A flôr suspensa n'haste emmurhecida!  
Assim, em breve, á borda do sepulchro  
Eu tambem deixarei meo corpo e vida!

O frio tumulo lá me espera — ancioso —  
Onde meos ossos cahirão por fim!  
Hei de, bem cedo, o resvallar... qu'importa?  
Mas... quem um pranto verterá por mim?!

E eu vou, como Gilbert, conviva errante,  
Filho de obscura e renegada sorte,  
Assentar-me entre os vermes do sepulchro...  
Meo Deus! que gêlo! — que friez na morte!

Roçou-me agora a face o labio della...  
Embaralhou-me o corpo a mão mirrada!  
Oh! tenho medo... muito medo agora!!...  
Não quero inda morrer... e a hora é dada!...

Todos nós somos victimas da sina !  
A vida é como a flôr que á noite expira !  
Amanhã . . . amanhã . . . . no cemiterio  
Meo corpo encontrarão e a minha lyra !

.....

Basta ! — continuar não posso, amigo !  
Escondas esta folha . . . — Neste canto  
Mal sabes que o alaúde se me quebra,  
E banho as faces de amargoso pranto !



## A' EDUARDO ARAUJO.

(1858)

Que haya un cadáver mas, que importa al mundo!

DON JOSÉ DE ESPRONCEDA.

Queres um canto meu? — Eu já não canto!  
A lyra está quebrada, o labio mudo!  
Vês muita vida me cercando? — E' certo!  
Mas... no meu peito — morto e frio é tudo!

E' linda a aurora! Tem celeste encanto  
As langues tardes tropicaes do sul!  
Não para mim... as nuvens do infortunio  
Nublão-me as cores deste céu de azul!

Embalde lanço os olhos desvendados  
Sobre a face da terra em que respiro...  
Eu leio em cada riso uma agonia,  
Em cada encanto um languido suspiro!

E, em torno, mais que o géllo e treva innunda  
Minha alma que fallece ao desalento !  
E a dôr é muda que me cava os seios  
Como, do morto, o humilde monumento !

Queres um canto meu ? — N'alma descrida  
Ah ! não se ateia a inspiração do céo !  
Não vês ? eu durmo pela immensa treva,  
Que em mim derrama o mortuario véo !

Ah ! se me ouvissem na agonia extrema,  
Si ainda ousasse murmurar um canto,  
Iria ao mundo provocar sarcasmos,  
Embora as faces me orvalhasse o pranto !

Que importa ao mundo o soffrimento alheio ?  
Que d'um tostado cilio o pranto corra ?  
E que amanhã, na larva do sepulchro,  
Role meu corpo e miserando eu morra ?

E amei comtudo ! Quando a chamma ardente  
Ia-me em torno do pulmão febrino,  
Eu não sei se erão dores que eu sentia,  
Ou se os enlevos de um amor divino !

Tinha no peito, então, aquelle intenso  
Facho de luz — amor — celeste e santo !  
Que o não manchara indifferença e tedio,  
Nem o tivera humidecido o pranto !

Vivi ! Que vida ! n'um scismar dourado  
Sumia-se-me a luz e a mocidade !  
E eu bendizia a Deus que me criara  
A' mim, que então sorria a flicidade !

Mas quem rasga o futuro ? — A tempestade  
Succede aos raios matinaes da aurora !  
Eu que sorria ao seio das venturas,  
Vejo-me em trevas tateiando agora !

Que importa ? Quando tudo consumir-se,  
Mens dias, minha vida e o fado meu,  
Hei de este corpo arremessar na cova,  
Como quem nunca um dia só viveu !

.....

Queres um canto meu ? — Eu já não canto !  
A lyra está quebrada, o labio mudo !  
Vês muita vida me cercando ? — E' certo !  
Mas . . . no meu peito — morto e frio é tudo !



## ELEGIA.

—

À memoria de Gonçalves Dias

Offerecido á sociedade — Ensaio Litterarios.

---

..... la vie a ses distractions, qui  
souvent ont enlevé à la gloire les plus  
heureux genies.

V. COUSIN (*Frag. litt.*)

Virgenes, destrensad la cabellera  
Y dad la al vago viento,  
Acompanad com harpa lastimera  
Mi lugubre lamento!

J. DE ESPONCADA.

### I

Quando estruge nos ares a rábida tormenta,  
E o sibilar se escuta das rijas ventanias ;  
Quando a vaga espumígera em furia se arrebenta  
Nas lombas de granito, nas broncas penedias,  
Parece estar-se ouvido natura que lamenta  
Em horridos concertos : „ Morreu Gonçalves Dias ! “

O rio que serpeia em múrmura corrente  
 Por invias solidões e tortuosas vias,  
 Abrisa que vagueia trépida, fremente,  
 Tirando dos jardins odôres e ambrosias,  
 Parecem nos dizer em módulo gemente :  
 „ Morreu;nosso cantor . . . morreu Gonçalves Dias ! “

As variegadas flôres, trocando almos encantos  
 Por desbotadas côres, tão pallidas, sombraís !  
 As aves soluçando doridos, tristes cantos,  
 Entoando em seus gorgeios sentidas elegias . . .  
 As aves, como as flôres, entre pesares tantos,  
 Repetem tristemente : „ Morreu Gonçalves Dias ! “

O sol auri-micante, em vez de lindas côres,  
 Lançando sobre a terra o luto e as agonias . . .  
 A lua desmaiando, em trémulos pallores,  
 Beijando do sepulchro as lousas mudas, frias . . .  
 Tambem querem dizer em longos amargores :  
 „ Morreu nosso cantor . . . morreu Gonçalves Dias ! “

## II

Porque gemeis, oceano ?  
 Céos, porque mudaes de côr ?  
 Montes, bosques, varzeas, prados,  
 Por que vos cobris de dôr ?  
 — Choramos Gonçalves Dias,  
 Nosso divino cantor !

Porque mimosas estrellas,  
Perdeis o lindo fulgor ?  
O' sol, porque não despontas  
Com teu lucido esplendor ?  
— Choramos Gonçalves Dias  
Nosso divino cantor !

Meigas virgens seductoras,  
Que inspiraes ardente amor,  
Porque vem lagrima triste  
Denunciar vossa dôr ?  
— Choramos Gonçalves Dias,  
Nosso divino cantor !

Guanabara ! Guanabara !  
Onde está vosso cantor ?  
— Lá no fundo do oceano  
Suspirando inda de amor,  
Sem os sorrisos da virgem,  
Sem os perfumes da flôr !

Brazileas musas, dizei-me,  
Onde agora ireis pousar,  
Se aquella fronte divina  
Está no fundo do mar ?  
Quem hade da nossa patria  
Tantos primores cantar ?

Morte ! ó morte despiedada !  
Porque mataste o cantor,  
Lançando-nos dentro d'alma



Tão cruel e intensa dôr !!  
 O' morte! como és traidora!  
 O' morte! não tens amor!

Quando alguém de estranha plaga  
 Em nossa terra pousar,  
 O que diremos se acaso  
 Nos vier interrogar :  
 — Onde estão as melodias ?  
 — Onde está Gonçalves Dias ?

Tudo chora o passamento,  
 Do mavioso cantor,  
 Que tinha harmonias n'alma,  
 Na voz, da rima o dulçôr,  
 Quer em seus cantos — de risos ;  
 Quer em seus cantos — de dôr !

## III

Gurupêma Yandiróda, Itapéba,  
 Tayatú, Jepiába, Andirá,  
 O' valentes guerreiros — GAMELLAS,  
 Vossas guerras quem mais cantará ?

Rudes tabas, ligeiras igaras  
 O' tacape ! ó piága ! Anhangá !

Já não soam nas virgens florestas  
O membi, o boré, maracá !

Itajuba, Poty Jurucey,  
Catucába, Jatir, Mojacá,  
O' valentes guerreiros — TYMBIRAS  
Vossas glorias quem mais cantará ?

.....

Morreu Gonçalves Dias, ó povo americano !  
Guerreiros ! Rei das selvas ! dizei-lhe o extremo adeus !  
Vossas guerras e glorias jámais serão lembradas :  
Hão de ficar no olvido . . . bem como os restos seus !



## A' MORTE DO INNOCENTE ALBERTO.



Et rose elle a vécu ce que vivent les roses  
L'espace d'un matin !

MALHERBE.

Tu me pedes uns versinhos  
Feitas ao gentil Alberto?  
Oh ! de Deus está perto  
Que não nos póde escutar !  
Viveu — como vive a rosa —  
Fragrante, pura, louçã  
O tempo d'uma alvorada  
A aurora d'uma manhã !

Penhor de seus paes — crescia  
Esse lindo e amado filho  
Bem como o bebil junquillo  
Que a brisa pode quebrar !  
Assim — suspensa n'um haste  
Flôr mimosa e delicada  
Expõe-se á cruel rajada  
Dos ventos que vêm do mar !

Mas . . . porque as nossas faces  
 Vem banhar sentido pranto ?  
 Porque nos sentimos tanto  
 Si Deus o veio buscar ? !  
 Co'os anjos hoje se envolve  
 N'um casto e mystico véo !  
 O que é de Deus — sóbe á Deus !  
 O que é do céo — vâa ao céo !

Assim o incenso sagrado  
 Busca aos pés de Deus chegar :  
 Assim a prece da virgem  
 Sobe ardente par'o altar !  
 Assim da flôr o perfume  
 Em meigas brisas se esvae . . .  
 Assim um côro de archanjo  
 Subindo ao empireo vae !

Elle morreo . . . tão creança !  
 Como é doce a morte assim !  
 Levou do lyrio a pureza,  
 As essencias do jasmim !  
 Morreo ! — os anjos vierão  
 Buscal-o — em sagrado enleio —  
 Vae sorrir junto da Virgem  
 Acalentar-se em seu seio !

A parichrista Maria  
 Os anjos recebe assim !  
 Tem a meiguice materna,  
 Uma bondade sem fim !

A mãe que perder o filho  
Não chore por elle, não ;  
Ha um goso abençoado  
Na sacro-santa mansão !

O mundo é profundo abysmo  
Onde tudo s sepulta !  
E' negra lama, que as faces  
De continuo — nos insulta !  
E' cadaver que amollece  
No lôdo, na podridão . . .  
São miserias que nos roubão  
Alma, corpo e o coração !

Viver, lutar ! — em o mundo !  
Desde menino qu'eu luto !  
E tenho pago bem caro  
Esse penoso tributo !  
Oh ! se eu morresse na infancia  
Não tinha soffrido tanto . . .  
Não me seria a existencia  
Um mar de agonia e pranto !

Ver morrer a mãe affabil !  
Ver morrer pai — extremoso !  
Ver morrer irmãos queridos  
Da mocidade no gôso . . .  
Ver a morte á todo instante  
Nos rodeando a existencia . . .  
Oh ! mil vezes a mortalha  
Quando somos innocencia !

Feliz de Alberto ! — innocente  
Voou á mansão celeste !  
Nunca irá verter um pranto  
N'uma cruz ou n'um cypreste !  
Foi-lhe a vida um doce encanto  
De innocencia e de sorriso :  
Foi-lhe a morte— a voz do Eterno  
Que o chamou ao paraizo !

Oh ! não choremos por elle !  
O' paes — não choreis o filho,  
Que gosa do sacro brilho  
Que aos anjos Deus sabe dar . . .  
Lá— na mansão infinita  
Nos braços da Virgem Pura  
Elle sorri — de ventura—  
Que em terra não pode achar !



## DESCRENÇA.



Tal é minh'alma o fado teu na terra ;  
O tufão da descrença desvairou-te  
Por desertos sem fim, onde em vão buscas  
Um abrigo onde paires, uma fonte  
Onde apagues a sede que te abrasa !

BERNARDO GUIMARÃES.

Era um mimo de Deus ! — Um genio ethereo !  
Mais bella do que a flôr quando desbrocha  
Aos primeiros lampejos d'alvorada !  
Tinha loura a madeixa, o olhar magnetico  
E um riso divinal nos roseos labios !  
Era toda harmonia ! em torno della  
Mil anjinhos do céo — lindos — pairavão  
Como embebidos da belleza extrema !  
Era altivo o seu collo, magestoso  
O ar soberbo que ostentava ! os seios  
Em brando e doce latejar — pulsavão  
Offegantes de amor ! Fada ou donzella,  
Quem um só dos instantes de ventura  
Fruiiria — ditoso — em seu regaço !

Quem junto desses mimos que enfeitavão  
Seu virginal semblante e o collo lindo,  
Não quizera morrer aos seus joelhos  
Em fervoroso devaneio ? Barbaro  
Certo seria o coração que ao vel-a  
Não supplicasse amor . . .

Ella era um idolo !  
No sacrario do peito embalsamei-o  
De castos pensamentos ! Entre risos  
Foi quem de novo esperançou-me a vida,  
Mostrando-me as risonhas aventuras  
Que eu devia gosar na mocidade . . .  
E foi por ella qu'eu vivi ! na insomnia  
Seu nome idolatrei, e a fórma linda  
De seu *ser* radiante como a imagem  
Do casto sanctuario ! Quanta esp'rança  
Commigo alimentei ! Como era doce  
Ouvir por entre os córos de harmonias  
Murmurarem-me as brisas aos ouvidos  
Seu nome e seu amor ! Ah ! eu que o diga !  
Eu que o saiba sómente e que não falle  
Ao mundo que, egoista, não comprehende  
A felicidade ou soffrimento alheio !

Tudo acaba, meu Deus ! nem sempre a estrella  
Rutila em céos de azul, nem sempre as aves  
Gorgeião doce canto ; amor nem sempre  
Nossa vida embellece !

Que destino !  
Ah ! bem cedo fanou-se a flôr mimosa  
Que os prados enfeitára ! bem depressa



A tormenta rugio, e os céos de negro  
 Tingiram-se, medonhos ! — Sonho ainda ?  
 Ou sinistras visões meus olhos cégão ? !  
 Oh, não ! tudo é real ! sumio-se a estrella  
 Que no céu de minh'alma rutilava,  
 E pelas trévas vagabundo eu rôlo  
 Como um impio de Deus ! Aquelle encanto  
 Lindo e risonho, que dourou meus dias  
 De mocidade e amor, segue sorrindo  
 No mar da ingratidão, sem que um momento  
 Pela mente lhe passe o malfadado  
 Que succumbe de dor . . . Meu Deus, que sina  
 Me estava reservada ! quanto luto !  
 Quanto pranto ! que mágoas insanaveis  
 Cobrem-me os restos da existencia insipida !

O' meus sonhos da infancia ! ó doces scysmas,  
 Inspirações de amor, ah ! para sempre  
 Deixo a face da terra ! Eu sei que morro . . .  
 O tedio borrifou-me a fronte pallida,  
 E a descrença me arroja em precipicios . . .  
 Onde está minha fé ? . . . essa fé pura  
 Que bebi de meus pees, quando me erguia  
 Do meu berço infantil ? . . . e o santo filtro,  
 Que o sacerdote derramou-me ao seio  
 No instante sublime em que banhei-me  
 Nas aguas do Jordão ? . . . tudo hei perdido !  
 As paixões corromperam-me . . . Maldito  
 Qu'eu fui em crêr nas loucas phantasias,  
 Que — tão cêdo — lançaram-me n'um tumulo  
 De descrença fatal . . . na flôr da idade !

.....



## ELEGIA.

—

*Ob' memoria de Casemiro de Abreu.*

---

Quando o céu se apresenta ennegrecido  
Lançando sobre o chão lume funereo  
Das roseas côres de que foi vestido ;

Quando o lugubre arquejo do cinéreo  
Torvo abutre dos tumulos echôa,  
Quebrando a humilde paz do cemiterio,

E' que nos ares negra morte vôa  
E busca a incauta victima, miserrima,  
Que ás cadeias da tumba se agrilhôa !

E' a morte que empunha a foice asperrima  
E na terra derrama o luto, o pranto,  
Pondo limites á existencia acerrima !

Ah! como aguda dôr me punge tanto!  
Se eu morresse tambem, desse repouso  
Ia fruir no seio eterno e santo!

Pois a vida é um mar tempestuoso  
Um cahos de negro e amargo soffimento,  
E a tumba um leito de infinito gozo!

Casemiro! — da morte ao pensamento  
Despiste os trajos da mundana lida  
E tens em torno o funeral — *memento!*

Qu'importa? — vai tu'alma á Deus erguida  
Como a prece da virge' em voto ardente,  
Cingir nos céus a c'rôa merecida!

Tu cantaste no mundo — inda innocente —  
Inspirado de Deus — doces endeixas,  
Tu que buscas o seio omnipotente!

Ah! não turbem teu gozo as minhas queixas  
Que na saudade a dôr me arranca ao peito,  
Por ti que *irmão* e amigo á sós me deixas!

Minh'alma que contempla o frio leito  
Sabe que vás fruir a eterna gloria....  
Mas chora o coração de dôr desfeito,

E' que a vida do homem—como a Historia —  
Não esquece o passado — antes o apura —  
Seja embora a existencia transitoria !

Eu que um dia gosei tanta ventura  
Ouvindo nos teus cantos meu conforto,  
Chóro á beira de tua sepultura!

E como o nauta que — perdido o porto —  
Não espera encontrar mais salvamento,  
E olha —em roda— co'um olhar de morto ;

Assim, de pé na vida, ao desalento  
Da tão viva saudade que mitigo,  
Heide —em breve— seguir teu passamento  
E em mesma cama me deitar contigo !



## NENIA.

---

O' memoria do Dr. José Vicente de Azeredo Coutinho.

---

Les révolutions du temps et de  
l'espace, les troubles de la nature,  
ce phénomène d'un jour qu'on  
appelle la vie, a cessé pour toi...  
qui ton sommeil soit doux !

(V. COUSIN, *Frag. litt.*)

Perdoem-me ! se busco lacrimoso  
Perturbar um jazigo...  
Quero apenas dizer o adeus extremo  
A prestimoso amigo !

Quero de prantos remolhar-lhe a campa...  
Quero muito chorar !  
E' tão cruel a dôr que me acommette,  
Que não sei disfarçar !

O' finado Azeredo !—a patria chora  
Um leal cidadão !  
Um bom filho, um esposo desvelado,  
Um nobre coração !

Docil, affabil — estendia prodigo  
A mão ao desgraçado . . . .  
Modesto, humilde, não sentio-se, nunca !  
Da soberba insuflado !

Como juiz, imparcial, austero,  
A justiça fazia,  
Embora ás vezes lhe custassem magoas  
Quando o nome escrevia !

Era, entretanto, um coração tão brando ! . . .  
Uma alma tão sensivel,  
Tão cheia de virtude e de grandeza  
Que mais — era impossivel !

Morte ! ó morte ! — decreto irrevogavel  
Da sabia Providencia !  
Quando a hora é chegada de que vale  
Dos homens a sciencia ! ?

Deixaste a impura terra, e ao céo subiste  
Pranteado pelos teus !  
Dorme ! — que paz não vai gozar tu'alma  
No regaço de Deus !

Dos amigos, parentes, da pobreza  
Lagrimas cahiráõ . . .  
Dorme ! sobre o sepulchro, que te esconde,  
Flores rebentaráõ !

Saudosa e triste, soluçando em prantos,  
De joelhos — nessa louza,  
Ouvirás a oração... por teu descanso,  
D'uma extremosa esposa !

Tua mãe, meiga e santa, ha de ir sentar-se  
Ao pé da sepultura,  
Que abriga o corpo teu... pois que tu eras-lhe  
Sua gloria e ventura !

E quando todos — com ferventes preces —  
Beijarem teu jazigo,  
Eu mesmo farei... pois tambem choro  
A morte de um amigo !

.....

Perdoem-me ! se quebro a paz tão santa  
Com os soluços meus...  
Venho dizer-lhe — á beira do sepulchro —  
O meu ultimo adeus !

## NENLA.



*De' memoria do poeta J. P. Proença.*

---

Garboso, — nos jardins da juventude —  
Entre os ternos harpejos do aláude  
Sorrias, trovador !  
Como o infante gentil, nos roseos dias,  
Que se alimenta e vive de harmonias  
Bafejado de amor !

Eras qual virgem timida e risonha,  
Que se embala de scysmas e que sonha  
Co'os prazeres do céu !  
E, nas delicias de um viver de encanto,  
Nunca te houvera desbotado o pranto  
O teu candido véo !

Eram teus cantos santas harmonias,  
Que as não tivera o lôdo das orgias  
Mareado siquer !



Mas . . . d'argilosa taça o fel azedo  
Tu tragaste-o depois como Azevedo,  
Millevoie, Gilbert !

.....  
.....  
.....  
.....

E os risos da infancia, e os sonhos dourados  
Trocou por martyrios de um longo penar,  
Qual triste rolinha, perdida nos valles,  
Que prantos distilla no seu soluçar !

E o pobre poeta, despindo os encantos,  
Sem mais um sorriso do mundo esperar,  
Com tristes harpejos chorava o passado  
N'um fertil presente de insomnia e lidar !

Um dia banhou-lhe sombria descrença  
A fronte marmorea, curvada ao penar . . . .  
E eu vi-o gemendo, de dores crivado,  
Nos cantos que o tédio costuma inspirar !

Depois . . . . lindas palmas colhidas na infancia  
Eu vi, uma a uma, com magoa esfolhar . . . .  
Ornar-se de goivos, de rôxas saudades,  
Sombria tristesa, continuo chorar !

E a morte funerea, pairando nos ares,  
Oh, veio-lhe, em torno, faminta adejar !  
E o pobre poeta, tomando a mortalha,  
Se foi n'um sepulchro, tão cedo, deitar !

Mas, hoje, repousa no seio do Eterno  
Sem magoas, sem dôres, que o fação chorar.  
A vida é de prantos, o céo é de gózos :  
A morte é um allivio, viver é penar.



## TEDIO.

— 228 —

Tædet anima mea vitæ meæ.

Ps.

Vae a noite sombria e taciturna  
Medrando na extensão, como um phantasma  
No seio dos abysmos! feia e negra,  
Como o aspecto da morte! Á lua erguida  
Traz nos pallidos raios o funereo  
Torvo livor dos tumulos! — nest' hora  
Ao soturno silencio dos sepulchros  
Descanção gerações que, abastardadas,  
Ajogarão na lama impuras massas,  
E aos céos se erguerão d'agonia extrema . . . .  
E' ainda nest' hora, que em profundo  
Somno emergida a humanidade inteira  
Dorme sem cuidados, sem rever vigílias !

Eu sómente é que velo indifferente  
Aos olhos do futuro . . . que não durmo  
E nem uma oração do labio arquejo ! . . .

Lanço meus olhos tremulos, mortiços,  
 Ao de roda de mim . . . o dia é noite,  
 E a noite mais que tréva! é gelo e morte!  
 Mas eu tremo! não sei que força estranha  
 Meus convulsivos membros sacudindo  
 Verga-me a fronte macilenta e pallida!

Dissipou-se-me a fé; vago descrido  
 Como um genio do mal por tempestades!  
 Tenho o labio sedento! enorme vacuo  
 Sinto no peito que esvaece em dores . . .  
 Malfadado que sou! tanta esperança  
 Que um dia alimentei no meu delirio,  
 Como um rôlo de fumo evaporou-se  
 E nos ares sumiu-se! — aquelle intenso  
 Ardor celeste, amortecendo aos poucos,  
 De todo se apagou! aquella imagem  
 Tão meiga e delicada que, em meus sonhos,  
 Lindamente sentou-se, para sempre  
 Louca de orgulho se atirou no abysmo!  
 Os tempos se hão mudado; as lindas rosas  
 Em goivos converterão-se! . . .

Que scena!

Tudo é negro e medonho sobre a terra . . .  
 Tudo pasmo e terror por dentro d'alma . . .  
 Tudo é gelo de morte e enorme tedio!

Quem diria que tanto amor e vida,  
 Tanta scysma do céo, tão castos sonhos  
 Tão cedo acabarião? — quem diria  
 Qu'eu — poeta e amante — assim tão cedo

Quebraria esses mysticos encantos,  
Que as almas embevecem ?

Que silencio !

Um só peito de amigo me não ouve,  
Nem responde-me aos sons desconcertados,  
Que me escapão dos labios ! Tudo é triste !  
Nem um gozo sequer para minh'alma  
Incendida de amor . . . nem um sorriso  
Vem-me o pranto abrândar que, em longos jorros,  
As contrahidas faces, descoradas,  
Como um volcão requieima-me, satânico !

Entretanto eu amei ! vivi de insomnias . . . .  
Gemi por *ella* de affeição sem termo . . .  
Ai ! a ingrata sorriu ! . . . Era tão linda  
Como as côres da aurora ! tão formosa  
Como a flôr desbroxando . . . mas no seio  
Uma gota de amor sequer — não tinha !  
*Ella* rio-se de mim ! nunca um momento  
De ventura cedeu-me em seu regaço,  
Nem minha fronte escandecceu ao menos  
No calor virginal dos labios puros !  
*Ella* rio-se de mim, que tudo dera-lhe :  
Prantos, se o pranto lhe orvalhasse os cilios !  
Risos, se o riso lhe pairasse aos labios !

Que fatal mocidade ! mas um dia  
Eu sei que findarei a vida insipida  
De martyrios crueis que me repassão  
O inane coração ! — eu sei que, em breve,  
Hade a força faltar-me ao sacrificio

E exhausto o corpo meu rollar na poeira,  
 Como a planta nascente, que a lufada  
 De rabido tufão desfolha em terra !

Tu, sim, gentil Cimódoce, pudeste  
 Na sã religião doirar teus dias  
 De esperanças e fé ! Teu fiel Eudoro  
 Soube as virtudes infiltrar-te ao seio  
 Como os raios do sol dentro do calice  
 De flôr cheirosa variado esmalte !  
 Tu soubeste soffrer no sacrificio . . .  
 Foste grande em amor . . . Ah ! se eu pudesse  
 Como tu resignar-me ao soffrimento . . .  
 Ou qual linda Atalá, antes da morte  
 Um instante sequer meus pensamentos  
 Medrosos divulgar . . .

Mas eu não creio !

Eu não creio em amor . . . Embalde intento  
 Levantar-me do lôdo maculado  
 Do sangue de Satan ! Descrença enorme  
 De maldições cobriu-me fronte tremula,  
 Que tedio borrifou ! . . . Maldito Byron  
 Eu contigo aprendi á ser profano . . .  
 Tuas scepticas idéas esconjuro-as,  
 Teu livro impuro, no oceano atiro-o !  
 Azevedo ! os teus canticos sinistros,  
 Tua voz de propheta, os teus acenos,  
 Teus gestos de volupia — fascinaram-me  
 Junto das ebrias saturnaes da orgia !  
 E tu, impio Voltaire, homem sacrilego,  
 Onde te arroja a phantasia heretica ?  
 Bocage, rei da plebe, escommungado

Que demonio te inspira essas blasfemias ?  
 O' suicidas da fé, eu vos detesto !  
 Eu vos renego á todos !

Quanta febre

Corróe-me os pulmões na insomnia e tédio !  
 E' a dôr que me cava um precipicio  
 No fundo coração ! martyrio horrivel,  
 Que me rasga um sepulcro dentro d'alma,  
 Como as lavas sulfuricas, ardentes,  
 As entranhas volcanicas da terra !

.....

.....

Cresce a noite entretanto, e mais se augmenta  
 O luto de minh'alma ! o meu presente  
 E' um cahos tenebroso do passado,  
 E meu futuro um nevoeiro immenso !  
 Tudo odeio e abomino neste mundo,  
 Onde a mão do destino arremessou-me  
 Como um ludibrio de seus máos caprichos  
 Para envolver-me em podridão e lôdo ! —

.....



## ELEGIA.

—

*À' memoria de J. J. C. de Macedo Junior.*

---

De tanta inspiração, tanta harmonia,  
Que um risonho futuro promettia  
    A' nós, á patria inteira...  
Vêde : a gelida morte se alevanta...  
Jóga essas galas do areal da campa  
    E ergue uma caveira.

Ergue a caveira descarnada e fria,  
Onde outr'ora sellára a melodia  
    Um raio divinal!  
E, em tanta gloria que assommava, espalha  
O gello do sepulchro... uma mortalha,  
    Um somno perennal!

Cançou ! inda tão jovem ! — não podia  
Supportar deste mundo de agonia  
    As profanadas éras...



Morrêo ! cobrio de luto as niveas pennas  
Linda garça de amor, contando apenas  
Dezeseis primaveras !

Luta sublime, — a da existencia e a morte  
Bem cêdo vence o terminante córte  
Que nos roja no chão !  
Tudo no humilde pó da sepultura  
Transforma em vil poeira a larva impura,  
Em lôdo e podridão !

Surge a sombra fatal da realidade  
Desengano terrível que a verdade  
Cruelmente nos traz !  
Dissipão-se illusões, pompas, encantos . . .  
Leva-se o corpo nos funéreos mantos  
Aos vermes sepulcraes !

Depois . . . tudo é silencio ! a campa é tudo !  
Quem se atreve a scrutar da lei divina  
Esse fundo mysterio ?!  
Meo Deos ! foste sublime em teos decretos !  
Curvo-me ao teu poder omnipotente  
Respeito o cemiterio . . .

Flôr de esperanza — desbroxando á aurora —  
Pallida e murcha — debruçada agora  
No occaso sepulcral !  
Não dos homens a gloria mereceste ;  
Porém de Deus que — á sombra do cypreste —  
Vae tornarte immortal !

Podes dormir, menino, á luz dos cyrios.  
 Bem longe deste mundo de martyrios,  
 De fumo e de vaidade !  
 Teu somno extremo nos revela apenas  
 Que descança o — *cantor das açucenas* —  
 No humbral da eternidade !

Ahi com os anjos cantarás endeixas,  
 Filhas do genio teu, longe das queixas  
 Que me fizeste um dia !  
 Casto lyrio de amor, morreste puro  
 Não saturou-te a fronte o lôdo impuro  
 Das saturnaes da orgia !

Vai ! que este mundo tem um véo de sangue !  
 Onde as crenças e a fé — no peito exangue —  
 Desbotão temerosas . . . .  
 Não podias achar n'um precipicio  
 Onde medra a miseria, a infamia, o vicio,  
 O teu berço de rosas !

Mais linda aurora, meu cantor da infancia,  
 Te sorrirá — divina — entre a fragrancia  
 Que transpira dos céos !  
 Feliz o cysne que não mancha as pennas  
 E vai como o *cantor das açucenas* .  
 Sentar-se aos pés de Deus !

.....

.....

.....  
.....

Dorme, flossinha, que não viste o outomno !  
Não quero perturbar teu casto somno  
    Na jazida final !  
Pede por nós á Deus, pomba innocente,  
Volve teus olhos para nós — clemente —  
    Do regaço eternal !



## EPICEDIO

---

*Ob' innocente Eugenia, filha do meu amigo o Dr. Francisco  
Teixeira de Souza Alves*

---

Casto lyrio de innocencia,  
Bem cedo á tua existencia  
Quiz dar fim a mão de Deus !  
Oh ! não se chore a innocente !  
Foi a voz do Omnipotente,  
Que chamou-a para os céus !

Vai, casta Eugenia ! menina  
Tu vais na graça divina  
Junto dos anjos sorrir !  
Não mais soffrerás no mundo  
Onde se perdem á fundo  
As illusões do porvir !

Morreste, anginho ! mais lindo  
Para o céu irás subindo  
Sem levar um pezar só !

Bem cedo despiste as vestes  
Neste mundo de cyprestes,  
De lôdo, impureza e pó !

P'ra que chorar ? ! nós sabemos  
Que no valle em que vivemos,  
Tudo é falso e enganador !  
A peregrina ventura  
Por muito tempo não dura  
Nesta vida de amargor !

Feliz quem morre na infancia !  
Quem vai gozar a fragrancia  
Que se respira no ceu !  
Eu si morrer . . . o que digo ?  
Tenho remorsos comigo,  
E tenho medo de Deus !

Lá te esperam, meus maninhos,  
São outros meigos anginhos  
Que foram morrendo em flôr . . .  
Hão de oscular-te contentes,  
Entoar preces ferventes,  
Hymnos de gloria ao Senhor !

E tu, neste casto enleio,  
Abrirás tambem teu seio,  
Dizendo aos outros : orai !  
Pelos viventes da terra,  
Por meu avô que ella encerra,  
Por minha mãe, por meu pai !

Vai, flôr de um dia, menina  
Tu vais na graça divina  
Entre os anginhos sorrir !  
Não mais sofrerás no mundo,  
Onde se perdem á fundo  
As illusões do porvir !



## EPICEDIO.

—

Em' memoria de D. M. P. de Souza Monteiro.

---

Adeus, minha *mãe segunda* !  
Desceste á campa . . . acabaste !  
E' bem cruel e profunda  
A saudade que deixaste !  
Ah ! neste meu rude canto  
As faces me queima o pranto,  
Amargõ pranto, sem fim !  
Mal pensava eu que, tão cedo,  
Teu cadaver frio e quêdo  
Veria em frente de mim !

Voaste da terra impura  
Para a morada de Deus,  
Ungida da fé mais pura  
E as graças que vêm dos céus !  
Com quanto socego e calma  
Ah ! não rendeste tu'alma  
Aos altares de Jesus !

E como assim não seria  
Aquella extrema agonia,  
Se foi-te a vida uma cruz ?!

Que exemplo ! que santo exemplo  
Se viam nos actos teus !  
A tua casa era um templo  
Abençoado por Deus,  
Aonde o plebeu, o nobre,  
O homem rico, ou o pobre,  
Encontrava o mesmo affecto !  
Ninguem dizer poderia  
Que — ali — não encontraria  
Um brando agasalho, um tecto !

Alma franca e generosa !  
Mão bemfaseja e christã !  
Mãi affabil, carinhosa,  
Bôa amiga e bôa irmã !  
Se te cobre, hoje, um cypreste  
Tu'alma á mansão celeste  
Vai — pura — se apresentar.  
O justo põe a esperança  
Na santa bemventurança,  
No sempiterno gosar.

Da vida chegando a meta,  
Aos céus tu'alma vôou !  
Tua missão foi completa !  
Deus á gloria te chamou !  
Vai ! deste mundo profano



O terrível desengano  
A sepultura traduz :  
Ah ! se á campa o corpo levas,  
Perdeste um mundo de trevas :  
Ganhaste um mundo de luz !

Dá qu'eu chore sobre o sólo  
Que, ora, abriga os restos teus :  
Em chorar eu me consólo . . .  
Acho alivio aos males meus.  
Deixa, pois, que, neste canto,  
Amargo e dorido pranto  
Me venha as faces banhar ;  
Sej'este um fraco tributo,  
Que á ti rende um'alma em luto,  
Que não cança de chorar !



## A' MEMORIA DE MINHA IRMÃ

—

D. M. J. Caetano da Silva

---

Virtus ac ætas, animique candor  
Heu moram Paræ possuere nullam,  
Ars neque allatis potuit medelis  
Sistere gressus

DR. L. V. DE SIMONI.

Eras a irmã mais velha! aquella a quem primeiro  
Sorrirão nossos pais d'almo prazer repletos!  
O objecto mais sagrado aos paternaes carinhos,  
Symb'lo dos mais fiéis, reciprocos affectos!

Aquella que de— filha —ouvio a voz primeira,  
E que balbuciou, com meigo riso, irmão!  
Ao ver-me apparecer, creança ao lado seu,  
No lar de nossos paes, em mystica união!

Eras mimosa flôr, que, em vargem ignorada,  
Onde reinava a paz, crescias docemente  
Junto de affabil mãe que te inspirava as crenças,  
E um pae que affectuoso — amava ardentemente!

Virgetu, tão casta e pura, os anjos te sorrirão,  
E tu aos lindos céos também voar quizeste,  
Deixando em funda mágoa um pae idolatrado....  
Irmãos e uma santa mãe— sentados á um cypreste !

Ah! buscamos-te em vão ! embalde nossos olhos  
Ao menos buscão ver-te um só momento agora !  
Tudo nos diz : é morta !! — e lagrimas vertemos,  
— Roscio que vem do céo, ao coração que chora !

Quem póde resistir da morte acerbo golpe ?  
Candor, virtude, idade, encanto, formosura  
Nada o tempo respeita ! Oh ! vãs glorias mundanas !  
Tudo reduz-se em pó na fria sepultura !

Lá... na mansão celeste, onde o poder divino  
As almas abençôa da geração christã,  
Meu canto de saudade — em lagrimas desfeito —  
Recebe-o, minha bôa, e carinhosa irmã.



## EPICEDIO

Ob' memoria de D. M. D. de Souza Castro

*Offerecido a seu filho J. D. de Souza Castro.*

Oh, não choreis ! si na lousa  
Seo frio corpo repouza  
'Aos céos su'alma voou !  
Deus de infinita bondade  
Para a immensa eternidade  
A extremosa mãe chamou !

Deixai que durma ! descança  
Na santa bemventurança  
No seio eterno de Deus !  
Para a espoza virtuosa,  
Para a mãe tão carinhosa,  
Abrem-se as portas dos céos !

A morte roubou-a ao mundo,  
Immenso valle, profundo  
De martyrios e afflicção . . .  
Nesta luta de amargores  
São reaes somente as dores :  
E' tudo o mais — illusão !

Oh ! quanto soffreo ! Embora !  
Na santa mansão agora  
Goza da graça eternal !  
Si se abriu a sepultura,  
Deos recebe um'alma pura  
No regaço divinal !

Oh ! não choreis ! sorrindo  
Lá no céo está pedindo  
Por vós, nosso pae e irmãs :  
Feliz della que repouza !  
Lançou no crepe da louza  
Deste mundo as glorias vãs !

Si o pranto é a essencia d'alma,  
Que nos dá socego e calma  
Nos momentos de emoção ...  
Deus — o pae da humanidade  
Nos deo — cheio de bondade —  
A santa religião !

A fé, a crença bemdita  
Na fragil vida — finita —  
A alma nos enche de luz !  
E' a esperanza futura,  
Que lêmos na sepultura,  
Que Christo pregou da cruz !

Ah ! não choreis ! neste canto  
Si eu chóro e derramo um pranto,  
E' por ser fraco tambem !  
Oremos nessa orphanidade ...  
A completa f'licidade  
Está das tunbas — além !



AO DISTINCTO ARTISTA

**FRANCISCO CORREIA VASQUES**

No dia de seu beneficio em 1 de Maio de 1878

---

Artista popular ! acolhe as ovações  
Dirigidas a ti ! — são vivas expressões  
D'aquelles que — inflammados de verdadeiro ardor —  
Em grupo hoje aqui vêm — saudar o artista e autor !

Eia ! — a senda é ardua ! — o horisonte enorme !  
Lutar ! — sempre lutar ! — o genio nunca dorme !  
E' um'arvore eterna, arvore que os vindouros  
Hão de vêr reluzir — coberta d'aureos louros !

A gloria te saúda ! ampara-te um bom genio !  
Ninguem... ninguem teus passos—dentro do proscenio  
Um dia só guiou.... Crescia o fraco arbusto  
Entregue aos vendavaes a estremecer de susto !

Mas... sorrio-te a fortuna! — Uma feliz estrella  
No ceu dos sonhos teus fulgio nitida e bella!  
Caminha a teu destino! — O povo hoje te acclama!  
Um verdadeiro artista! — e applausos mil derrama!

Si alguma nuvem negra embaraçar-te o trilho  
E' para — logo apóz — reaparecer o brilho  
Das cr'ôas que já tens no palco conquistado!  
Quem lutando venceu, — será sempre invejado!

Recebe, pois, artista, as ovações reaes  
De um povo que te quer, de amigos bons, leaes!  
Não és um sol que o mundo encher possa de luz,  
Mas estrella gentil, que em nossos ceus reluz!



# FERRATAS



| <i>Pags. Linhas</i> | <i>Erros</i>                  | <i>Emmendas</i>             |
|---------------------|-------------------------------|-----------------------------|
| 21 — 4 —            | fies.                         | fies.                       |
| 45 — 26 —           | peijo.                        | pejo.                       |
| 98 — 20 —           | Assós.                        | á sos.                      |
| 103 — 23 —          | Que.                          | Quando.                     |
| 113 — 7 —           | agulha.                       | agulhas.                    |
| 114 — 14 —          | Que mêdo.                     | Quanto medo.                |
| 119 — 2 —           | sabes.                        | Sabe.                       |
| 120 — 4 —           | Vem-me'incommodar.            | Vens-me encommodar.         |
| 144 — 7 —           | O que é que teria.            | O que é que tem hoje.       |
| 173 — 23 —          | Esperava inda.                | Inda aguardava.             |
| 194 — 13 —          | tão risonha.                  | Tão sombria.                |
| 204 — 2 —           | Francisco de F. Vasconcellos. | Joaquim de F. Vasconcellos. |
| 263 — 11 —          | Uma em trevas.                | Um'alma em trevas.          |
| 270 — 5 —           | Ouvido.                       | ouvindo.                    |
| 271 — 8 —           | Sombrais.                     | sombrias.                   |
| 275 — 15 —          | bebil.                        | debil.                      |
| 276 — 15 —          | archanjo.                     | archanjos.                  |
| 277 — 13 —          | Em o mundo.                   | Eis o mundo.                |
| 282 — 7 —           | pensamento.                   | passamento.                 |
| 287 — 11 —          | Eu mesmo farei.               | Eu o mesmo farei.           |









PQ 7697  
.5615 F66  
1878



**DO NOT REMOVE  
SLIP FROM POCKET**

OEMCO



